AFFONSO DE CARVALHO

1.a BATERIA, FOGO!

A mais empolgante narrativa da Revolução de 1930, com a critica imparcial, corajosa e serena da acção dos vencedores e vencidos, dos factores politicos e militares, e das causas recentes e remotas que impelliram o Exercito a decidir da victoria da corrente liberal.

O autor, official do nosso Exercito e jornalista observador e culto, offerece nestas paginas, revestidas do fulgor do seu estylo impressionista, a contribuição necessaria das classes armadas á historia da Revolução.

Livro de impressões, colhidas no momento de lucta, reflecte a grandiosidade e o impeto enthusiasta do povo e dos soldados, que realizaram, num avanço irreprimivel, a epopéa salvadora da Republica.

Brochado 5$000

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA EDITORA

Rua Lavradio, 160
Teleph. 2-6773
Rio de Janeiro

Typ. Cupolo — Lad. Santa Ephigenia, 21 — S. Paulo

MARIA LACERDA de MOURA

Civilização tronco de escravos

"VIGIA A TUA VIDA E NÃO RENUNCIES POR NADA AO TEU LIVRE ARBITRIO; NÃO IMITES A ESSES MAUS COMEDIANTES QUE SÓ PÓDEM CANTAR EM CÔRO."

EPICTETO

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA EDITORA
Rua Lavradio, 160 Rio de Janeiro
1931

Lembre-se

ANARQUIA NÃO É MERCADORIA!



http://anarkio.net/fenikso
email: fenikso@anarkio.net

SE NÃO PRECISA, NÃO COMPRE!
PREFIRA TROCAR - DOAR - COMPARTILHAR - RECICLAR ...
SE TENS PRINCÍPIOS,
NÃO DEIXE OS "VALORES" TE MANIPULAR!

MARIA LACERDA DE MOURA

Civilização
Tronco de Escravos

"O homem mais forte do mundo é o mais solitario."

IBSEN

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA EDITORA
Rua Lavradio, 160 — 1931 — Rio de Janeiro

DA AUTORA

Em torno da Educação — 1918 — exgotado.
Renovação — 1919 — exgotado.
A Fraternidade e a Escola — 1922 — exgotado (conferencia).
A Mulher moderna e o seu papel na sociedade actual e na formação da civilização futura — 1923 — exgotado (conferencia).
A Mulher é uma Degenerada — 1924 — exgotado — (1.ª edição).
A Mulher é uma Degenerada — 1925 — exgotado — (2.ª edição).
La Mujer es una degenerada? — 1925 — Edição de Buenos-Aires, não revista pela autora.
Lições de Pedagogia — (volume 1.º) — 1925 — exgotado.
Religião do Amor e da Belleza — 1926 — exgotado — (1.ª edição).
Religião do Amor e da Belleza — 1929 — (2.ª edição).
De Amundsen a Del Prete — 1928.
Clero e Estado — 1931.

NO PRÉLO:

Fora da Lei.

Clero e Fascismo.

A SAÍR:

Han Ryner e o Amor Plural.

EM PREPARO:

O Individualismo neo-estoico de Han Ryner.
Guerra á Guerra!
Psicologia Pedagogica — (1.º e 2.º volumes de Lições de Pedagogia).
Problema humano: A questão sexual.
Krishnamurti, Mahâtmâ Gandhi e Han Ryner.
O problema do Amor — visto pela mulher: George Sand, Isadora Duncan, Alexandra Kollontai e Federica Montseny.

"Vigia a tua vida e não renuncies por nada ao teu livre arbitrio; não imites a esses maus comediantes que só podem cantar em coro".

Epicteto

A CIENCIA A SERVIÇO DA DEGENERECENCIA HUMANA

A humanidade, considerada na especie, conserva a mentalidade rotineira, atrasada, empirica, de todos os tempos, de todos os rebanhos. Ainda mais: a civilização sufoca o instinto animal de defesa.

A evolução é individual, e o conservantismo das massas é assegurado pela influencia ancestral fossilizada no subconciente coletivo e pela educação, domesticadora até o servilismo.

Mas, si o rebanho humano é sempre o mesmo, faminto de pão e divertimentos, guerras ou circo, politica ou cinema, sedento de prazeres brutaes e de gargalhadas sensuaes, essa vaga imensa ondulando ao sabor de um Alexandre, um Amilcar Barca, um Anibal, um Xerxes, um Cesar, Napoleão, Mussolini, Papa, Dempsey, Tunney, um Chico Boia, um Rodolfo Valentino, — em compensação

a ciencia progrediu tanto que deu origem a fantastico desequilibrio na vida social, posta imediatamente a serviço das perversidades inominaveis, de toda a imbecilidade humana.

Descobertas, investigações, os metodos cientificos atestam o esforço da *élite* intelectual. Por outro lado, cientistas se vendem cinicamente ao poder, ao capital, á vaidade das exibições.

E o capitalismo industrializado se apodera de todo esse afan cientifico, mesmo ainda em embrião, de maneira que canaliza as energias humanas em uma direção unica — a luta de competições, a concorrencia economica, o assalto ás posições já ocupadas, o nacionalismo e, consequentemente, as guerras.

Todo o genero humano vive para a cumplicidade brutal da prostituição sob todos os aspectos, pois que a organização social capitalista não passa de um vasto bordél em que se compram e vendem todos os sentimentos e as mais nobres aspirações, o Amor e a Conciencia, as mais altas manifestações da Vida humana.

E toda a humanidade, em tempo de paz como em tempo de guerra, vive, trabalha, luta pela cumplicidade que leva os humanos a se estraçalharem ferozmente nos campos de batalha.

E, enquanto nas Igrejas se prega o "Amai-vos uns aos outros", e se lembra o "Não matarás", sacerdotes patriotas abençoam a aviões, couraçados e bandeiras, na França contra a Alemanha, na Alemanha contra a França, na Italia, na Belgica ou na Austria, em nome do mesmo Jeová terrivel, em nome do Deus sanguinario de todos os exercitos, das patrias exclusivistas e do chauvinismo cristão.

Dá-se ainda um fenomeno digno de nota: os proprios cientistas não se subtraem á influencia das massas. Enquanto nos seus gabinetes, em meio de retortas e maquinas, experimentam, pesquizam, atordoam-se na inquietação absorvente de resolver problemas ou aproximar-se de determinada verdade, são admiraveis, superiores, grandes na sua perseverança; logo que atingem a uma pequenina realização e veem para o cenario social aplicar o resultado das suas experimentações, cáem no nivel das massas, descem á vulgaridade do dogma, á mediocridade domesticada, servil e perversa das Patrias e dos partidos.

Acorda-se o nacionalista, o religioso a serviço da superstição e da ignorancia, o cidadão a servi-

ço dos governos e das bandeiras, contra outros governos, outros cidadãos e outras bandeiras.

E toda a sua ciencia se prostra aos pés do capital e da industria.

O esforço superior do homem livre é deturpado, é prostituido.

Todas as descobertas, sem exceção alguma, todas as pesquizas da ciencia são açambarcadas pelos interesses industriaes e para as conquistas da guerra, consequentemente.

A aviação é instrumento nacionalista e as façanhas aviatorias, ainda que um Amundsen, um Charcot, um Nansen delas se sirvam para descobrimentos cientificos, são manejos da embriaguez patriotica ou da maroteira politica — para açular os "cidadãos" á defesa sagrada da patria gloriosa... E até as palavras teem o seu prestigio no despertar das emoções ou das paixões capazes de acordar o sentimento do *dever nacional*.

O vapor, a eletricidade, o radio, tudo, absolutamente tudo tem o seu papel preponderante na destruição pela guerra — em nome do Moloc da patria.

Mas, quem move os cordeis da diplomacia e do Estado são os banqueiros, os famosos industriaes de aviões, submarinos, couraçados, torpedos e metralhadoras — todos esses canibaes que se nutrem dos campos de batalha.

E o rebanho humano continúa a defender e a respeitar, patriotica e religiosamente, a todos os interesses legislativos e nacionalistas, a toda autoridade constituida para afiar o cutélo que ha de cortar, piedosamente, o pescoço e abrir o ventre dos que vão, entoando hinos, alimentar a boca escancarada dos canhões, das maquinas de guerra que recebem e trituram a carne humana e a transformam em moeda corrente com que os grandes industriaes e os politicos, seus cumplices, compram o poder, a gloria e as cortezãs.

Até mesmo a bondade imensa de Mme. Curie está trabalhando para a destruição do genero humano.

Santos Dumont o sente, profundamente arrependido de haver contribuido para a carnificina gloriosa dos milhões de vitimas da ferocidade civilizadora iniciada em 1914.

O cinematografo cultiva a imbecilidade, o preconceito da força bruta, o prejuizo patriota, a superstição religiosa, a moral farisaica da sociedade filistéa, o mundanismo parasita, todas as to-

lices seculares e todos os crimes de lesa-felicidade humana.

Rara a pelicula de tése social elevada. Tão rara que a assistencia, no seu conjunto, a repudia...

Descoberta feliz, sonhada talvez para a escola moderna, para o cultivo da inteligencia, caíu imediatamente nas malhas do industrialismo absorvente e foi colocada ao sabôr e ao alcance das massas, em vez de servir para elevar a mentalidade humana ao nivel do ideal cientifico puro e das aspirações de renovação social pela educação.

Mas, ha tanta impudencia e tanta cupidez na civilização de industria que um film como o do livro de Remarque consegue atravessar as malhas da reação burguesa.

Dá que pensar: a civilização do dollar será engulida por si mesma, morrerá de apoplexia.

O que se verifica com o cinematografo a serviço da imbecilidade e da ignorancia sentimentalista, dá-se tambem com o radio.

Já a radiotelefonia é instrumento da policia, e uma agencia de anuncios de todas as drogas que envenenam a humanidade, inclusive a droga literaria academica, a droga historico-patriotica, a droga das caravanas politicas e a droga dos encontros de pugilato e dos concursos comerciaes de beleza.

Santos Dumont, Edison, Marconi, Mme. Curie — instrumentos do progresso material para a conquista do poder, do dinheiro, para o alargamento das fronteiras nacionaes contra outros capitaes, outras bandeiras e outros nacionalismos.

Marconi já vendeu a propria conciencia: fascista, marquês, senador, presidente nomeado da Academia de Letras italianas . . .

Cada descoberta cientifica é nova fonte de conflitos internacionaes, tudo concorrendo para liquidar mais depressa o genero humano.

Neste momento, todos os grandes laboratorios quimicos estão ocupados no fabrico de gazes sempre e cada vez mais toxicos, para a proxima guerra.

Sabe-se mesmo que será tambem aproveitado o trabalho dos cientistas ocupados hoje em cultivar e exasperar a virulencia dos microbios das mais terriveis molestias.

Até mesmo o mundo proletario, embora o protesto contra a civilização burguesa-capitalista, cava a degenerecencia da especie e coopera para essa luta dantesta, ora imprimindo as imbecilidades escritas pela burguesia academica, patriotica e mun-

dana, ora fabricando munições e armas de guerra, mesmo porque todas as conquistas do progresso material constituem armas de guerra para o sustentaculo do dominio de uns e do servilismo e domesticidade da maioria.

Seria bem preferivel que o operario amputasse ambas as mãos si se resolve a trabalhar em arsenaes de guerra, de hidroplanos e metralhadoras, couraçados e torpedos. Deveria ter vergonha de si mesmo ao reivindicar os seus direitos á liberdade, após 8 ou mais horas de trabalho em estaleiros de navios de guerra ou em um arsenal de idiotices perversas ou de brigas de comadres, como, por exemplo, as redações das imprensas oficiaes.

De qualquer modo, dentro da civilização, todos nós concorremos para o canibalismo patriotico das trincheiras e das pilhagens militares.

Entretanto, o trabalho intelectual não exclue o trabalho manual e vice-versa; pelo contrario, a harmonia de todo o ser vem da energia fisica em ação e do prazer de pensar e agir e criar mentalmente.

O unico homem que não contribue diretamente para a guerra, para a destruição, para a

fome, para a peste, para a miseria fisica e moral é o pequeno agricultor.

Não o capataz que dirige, governa e explora, de rebenque em punho, que humilha o semelhante, enriquecendo-se á custa do suór alheio, mas, o humilde lavrador que cava a terra e semeia a nutrição, a vida, a força, a alegria da fartura e da fecundidade sadía, porem, que não contribue para a riqueza social, o que não exige o intermediario para as suas transações comerciaes.

A volta ao trabalho rude da terra será, portanto, a conciencia tranquila, para além de toda cumplicidade com a organização social, baseada na exploração do homem pelo homem?

Nem sempre. Parece-me que ainda não.

E' justamente na produção da terra e mesmo na propriedade da terra em si, que se alicerça todo o formidavel edificio da exploração social.

Si ninguem plantasse senão o estrictamente necessario para si e para os seus filhos menores, para os velhos e para as mães e as crianças e os invalidos da sua familia, ao mesmo tempo praticando o auxilio mutuo, — não se formariam "trusts" de café, de açucar, de algodão, de arroz, de trigo, de mate, de todos os generos de primeira

necessidade, para fortuna dos reis da agricultura industrializada — que não plantam e se enriquecem á custa do suór dos que plantam.

Daí a concurrencia aberta para as lutas comerciaes de competição, origem das guerras modernas.

E' o excesso da produção, sob todos os aspectos, na lavoura como nas industrias, causa de todos os conflitos na sociedade atual. O nosso mal não vem da falta e sim do excesso de produção. A miseria do mundo moderno ainda vem da fartura e do excesso de riqueza e de progresso material. Da má distribuição dos generos alimenticios. Por ora, a terra daria bem para a sua população.

E o operario verdadeiramente conciente, operario manual ou cientista manipulando o pensamento no fundo das retortas ou nos calculos e problemas, á procura das leis naturaes, em busca da razão de sêr da vida — não fabríca armas para abrir o ventre dos seus proprios filhos em holocausto no altar da patria, esse idolo sanguinario de fauces escancaradas a absorver as energias de todos os assalariados do trabalho.

Si houvesse verdadeira compreensão do dever humano, os individuos livres, homens e mulheres

concientes, se recusariam a pactuar com essa civilização de vampirismo social, voltariam ao trabalho duro da terra, á vida simples e natural, porem cheia de compensações, de liberdade, para deixar sentir a alegria da conciencia que não desce á cumplicidade de lutar em favor do esmagamento de toda a humanidade.

VORONOFF

Em meio dessa embriaguez de gozos materiaes, desse delirio de progresso sensual, surge o elixir da longa vida, com Voronoff.

A velhice é uma caricatura da infancia, é a meninice sem a graça, a ingenuidade, a beleza, a candura, a sedução da puericia.

A velhice é a idade da avareza, das preferencias apaixonadas, da sordidez, do egoismo, das experiencias adquiridas, da glutoneria, da falta de higiene, das desilusões, das ideias fossilizadas.

Até aos 30 annos podemos receber impressões novas, aceitamos ideias, mesmo quando venham derrubar o edificio calcificado da herança ancestral, ainda que para voltarmos, mais tarde, ao ponto de partida . . .

Depois, atravessamos o periodo da ruminação e aí ficamos algum tempo, ou nos conservamos, por toda a existencia, as "almas ruminantes" de

que fala Romain Rolland, voltando aos prejuizos, aos preconceitos inculcados na adolecencia, pela educação e pelo exemplo.

As grandes conversões ou as conversões dos livres-pensadores de rebanho, são fatos de todos os dias.

A fraqueza de memoria, a perda da acuidade sensorial, a imaginação cheia de fantasias absurdas e muitas vezes até perversas, a ambição, fazem da velhice quiçá o pesadelo dos que vélam por ela.

Sob outro aspecto, o velho, nesta epoca positiva de cupidez, quasi sempre é um estorvo: a herança depende da morte dos velhos . . .

O velho, si não sabe ficar na moldura, na expressão de Emile Faguet, é um desastre, motivo de discordias em toda a familia, motivo de conflitos de toda ordem.

E que de ridiculo, além da fatalidade com que a propria natureza satiriza a decrepitude!

O ideal é morrer no vigor das faculdades e dos sentidos, ou, pelo menos, ao atravessar o Cabo da Bôa Esperança, no outono iluminado da vida, antes de entrar no das tormentas . . . e das imbecilidades da caduquice, arremedo caricatural da ingenuidade infantil.

Situação humilhante de protegidos da caridade!

Como são dignos de admiração e amor os velhos estoicos, mas, como são raros! Como são raros os velhos de almas sãs para penetrar o sentido da vida, de almas jovens para desejar e continuar a realização interior pela bondade envolvente, tolerantes, compreensivos para deixar aos moços a liberdade de pensar, de errar, de aprender, de adquirir experiencias proprias, de viver segundo as suas necessidades e os seus sonhos precursores! Socrates, Réclus, Kropotkine, Ibsen, Han Ryner . . .

Mas, a velhice gamenha, voronofizada é o mesmo ridiculo dos cabellos e bigodes pintados, emoldurando as rugas indiscretas ou a "maquillage" em pessoas idosas em que apontam, agressivamente, os estragos do tempo e as dores do mundo.

A juventude vem de dentro para fóra. Despertar, cultivar as energias interiores, em vez de ir buscar nos artificios o remedio para os desvios e as loucuras e a degenerecencia humana, alimentada e multiplicada com a civilização industrial capitalista — eis o caminho da juventude eterna.

A velhice é uma etapa desagradavel do circulo evolutivo de uma parcella de vida em relação

ao Eterno e ao Infinito. A morte é a solução, a unica desejavel. Depois... Quem sabe?

Morrer, transformar-se... A morte não existe. E' como as vagas do grande Oceano e vão e voltam a quebrar-se nas praias iluminadas pelos raios do Sol vivificador.

Descuramos os meios naturaes de garantir o vigor do corpo, a resistencia organica, a saúde fisica e mental, viciamo-nos, degeneramos os nossos filhos, concebemos esses filhos através do vicio, da ociosidade, do trabalho forçado, do sensualismo absorvente, da libertinagem: são os filhos do tedio, da embriaguez, do descuido, do acaso. A vida ficticia e tragica das cidades nos envenena até o fundo da conciencia, e, degenerados até a medula, pretendemos encontrar o elixir da longa vida, para voltarmos embriagados de mais sensualismo baixo e mais cupidez e entornarmos uns restos de existencia artificial nas roletas, nos "Cabarets", nos bordéis, nos lupanares e na vulgaridade senil mascarada de juventude.

Mutilar-se nas guerras — para a ciencia provar que póde recompor e embelezar, talvez, um rosto ou suprir orgãos, próva bem a brutalidade e

a insensatez humana. Não seria preferivel fazer desaparecer as causas das guerras?

Mas, isso não é possivel, dentro de qualquer organização social baseada no capital e nos preconceitos burgueses, na moral farisaica do Cristianismo, como impossivel fechar as casas de prostituição, substituindo o caftismo e o vampirismo social pela liberdade do amor, pelo pluralismo amoroso sem a compra e a venda da carne feminina.

Assim, inventam-se meios artificiaes para mais rapidamente degenerar-se todo o genero humano.

E, intoxicados de vicios, de ociosidade, de parasitismo ou de miseria, de digestões doloridas ou de concepções fossilizadas, alimentados de "verdades mortas", senís, "almas ruminantes," somos incapazes de nos elevar um pouco acima da bestialidade dos instintos primitivos, sufocadas as energias interiores, adormecida a beleza de cada sêr — no ruido e nas preocupações do mundo exterior. E vamos buscar, nas florestas, um ser livre e feliz, vivendo em harmonia com as suas necesidades naturaes e o inutilizamos ou o matamos, roubamos a sua vitalidade ou reduzimo-la á metade — para resucitar a cadaveres ambulantes, para estimular a

senilidades imprestaveis, cujo corpo envelhecido precocemente, talvez em orgias e libertinagens, póde dar vida a filhos predispóstos á mesma degradação moral, com tendencias á mesma senilidade precoce e cuja mente rotineira e empirica ha de continuar a deitar regras de conduta de uma moral tambem seníl — para tirar aos moços a liberdade e a alegria de viver de acordo com as necessidades do momento e de acordo com a evolução e as ideias e sonhos prenunciadores.

Si vivessemos como os passaros, que são livres logo após os primeiros vôos . . .

Mas, conservar, remoçar artificialmente a avós e tataravós para constituirem novas familias talvez, e nos tirar mais a liberdade de pensar e agir e obrigar-nos a um beija-mão que nunca mais terá fim, é simplesmente deshumano . . . é povoar a vida de fantasmas simiescos.

Imaginemos Clemenceau, o "tigre" voronofizado: com que petulancia perversa fomentaria de longe uma nova guerra!

Imaginemos um Ruy Barbosa falando, falando, gesticulando ininterruptamente o seu patriotismo contra os paes da patria que lhe negaram, sistematicamente, o supremo prazer de dominio, em o lugar supremo de presidente da Republica brasileira!

Acabaria por exgotar a nossa paciencia . . . e exgotaria de vez os cofres da nação. Seria a bancarrota de tudo . . .

*
**

O que é mais criminoso é lançar mão de um sêr vigoroso e feliz na sua vida simples, natural — para, com o seu sacrificio, alimentarmos a velhos decrepitos, cuja vida foi um hino ao vicio, á libertinagem, cujos capitaes e cujo poder foi adquirido á custa do suór alheio.

Porque um sabio, um filosofo autentico não consentiria nunca em martirizar um sêr para dele tirar recursos em seu proveito proprio.

As operações de Voronoff, a não ser as primeiras experiencias suas e de seus dicipulos em a pobre gente dos hospitaes e asilos, sem direito a nenhum direito, são operações em os velhos endinheirados e em os poderosos, cuja conciencia foi amassada no parasitismo, cujos cofres foram enriquecidos á custa da exploração de milhares e milhares de operarios, á custa do martirio e servilismo do rebanho humano.

Depois, os charlatães da ciencia podem multiplicar embustes ou provocar aleijões moraes, a sugestão fica e o seu prestigio cresce, porquanto sentem crescer a confiança em si, e eles mesmos se desdobram em valor aos seus proprios olhos.

Tem razão Bernard Shaw: O medico que mata com coragem de convicções, com energia, "com maestria, sente crescer seu orgulho em cada crime que comete."

***

O metodo de Steinach, professor em Viena, com o enxerto de glandulas de outro semelhante ou com o enxerto de glandulas do proprio paciente, tem dado, dizem, muito mais resultados que o de Voronoff.

E', pelo menos, mais humano, é feito com o consentimento de um individuo que estará ciente e conciente de que se vae prestar a servir a outro individuo.

Muitas fraudes e muitos crimes podem advir daí; entretanto, ha mais probabilidades de consentimento do sêr humano do que do macaco . . .

Mas, outro medico notavel, o Dr. Juan E.

Corulla, em um artigo em "La Nación", a respeito do "Rejuvenecimento", diz:

. . . "Por outra parte, nem Voronoff nem Steinach puderam apresentar até agora um caso de verdadeiro rejuvenecimento. São melhoras parciaes, atinentes unicamente á esfera sexual, dentro da qual é inegavel aumento de atividade.

As celulas nervosas e os demais orgãos nobres continuam como dantes. Não negamos que isso seja resultado e bom, porém, é preciso convir que estamos todavia muito longe de haver encontrado a fonte de Juventa e que é muito duvidoso que seja esse o melhor caminho para chegar até ela".

Resultado "muito optimo", dirão os velhos exgotados.

Para a velhice libertina basta apenas o aumento da atividade sexual, e, "après moi, le déluge" . . .

Entretanto, a longevidade, além de ser caracteristica de familia, aptidão hereditaria, depende muito mais de nós mesmos do que de intervenções exteriores. E a longevidade sadía é trabalho de higiene mental e de alegria interior, de uma bondade incapaz de sacrificar a quem quer que seja em beneficio proprio.

Ademais, que sabemos da Vida?

Depois de mim, o dilúvio . . .

Somos emparedados. E todos os nossos gestos movem-se através da nossa profunda ignorancia presunçosa.

Os humanos, temos a pretensão de nos considerarmos acima dos chamados irracionaes. E, orgulhosos, não queremos vêr os erros e os crimes criados por nós mesmos em torno dos nossos destinos, estraçalhados pela nossa perversidade calculada, sordida, mesquinha e autoritaria.

Que conhecemos dos liames biocosmicos?

Além de tudo, os simios estão muito acima da velhice parasitaria, da senilidade libertina, do caftismo da conciencia humana civilizada, banqueiros e cesares, vampiros sociaes, cuja vida é sugada na dôr de todo o genero humano escravizado aos cofres fortes, domesticado pela cidadania, dobado no regimen social da exploração do proximo.

AINDA VORONOFF

Voronoff não é precursor, nem inovador, nem individualidade nascida fóra do seculo, indesejavel entre os contemporaneos, combatido pela ciencia oficial, não é profeta de ideias novas e de sonhos para serem arrebatados por outras gerações, nem ao menos é colaborador da ciencia, tomada a ciencia em seus justos termos.

Voronoff é homem da sua epoca, da epoca do "jazz-band" e de Josefina Baker.

De uma experimentação cientifica de laboratorio para observação em torno das secreções das glandulas e do efeito dessas secreções no organismo, e, consequentemente, a aplicação do resultado dessas experiencias na terapeutica, daí para charlatanizar a ciencia aplicando-a á industria de animaes e ao sensualismo seníl — vae consideravel diferença.

Não posso compreender a ciencia intervindo

no aperfeiçoamento dos meios do homem extorquir dinheiro de outro homem, valendo-se da cirurgia, no atentado á vida fisiologica dos animaes sadíos.

Compreendo a necessidade do veterinario, não compreendo a vivisecção a não ser como um delirio de perversidade inominavel, nem chego a vêr a vantagem da embriaguez cientifica que põe milhares de cobaias e cães e qualquer especie de animal á mercê dos "cientistas" — funcionarios publicos — vaidosos quasi de fazer sofrer aos "martires da ciencia," em nome de um principio ou de uma descoberta ou de uma pesquiza ou dos problematicos beneficios daí resultantes para todo o genero humano, e, as mais das vezes, em nome do salario pago pelo Estado, em nome do ordenado mensal.

Questão de estomago ou de idolos.

Tambem os sacerdotes pagãos sacrificavam criaturas indefesas, animaes, crianças, homens e mulheres, em nome da paz ou da guerra, afim de aplacar a cólera dos deuses — em beneficio da humanidade.

O Moloc de hoje é a ciencia.

Tolstoi o definiu admiravelmente: "A ciencia ocupa em nossa epoca exatamente o mesmo lugar que ocupava o sacerdocio, ha alguns seculos. Os mesmos bonzos revestidos de titulos, as mesmas castas nas ciencias: academias, universidades, congressos. A mesma confiança e falta de criterio por parte dos crentes; as mesmas divergencias e as mesmas palavras incompreensiveis, a mesma presunção".

Tem razão Bernard Shaw: "si ao menos os Voronoff conseguissem, com a enxertia, fazer do homem um macaco respeitavel..."

Não. O homem continuará a descer sempre, bem para baixo de todos os simios, na sua maldade de criatura civilizada, com os seus "raios invisiveis" e "raios da morte" e gazes asfixiantes e aviões e submarinos e torpedos e laboratorios cientificos para estimular todas as virulencias, desde as guerras até o prazer satanico de martirizar os animaes em nome do humanitarismo clinico.

Não é sentimentalismo piegas e sim pan-humanismo o que lemos em "Atlantida" de 21 de Outubro de 1927. a proposito da vivisecção:

"Da perpetração de atos moraes máus não póde resultar beneficios, de maneira alguma, para a humanidade.

no aperfeiçoamento dos meios do homem extorquir dinheiro de outro homem, valendo-se da cirurgia, no atentado á vida fisiologica dos animaes sadíos.

Compreendo a necessidade do veterinario, não compreendo a vivisecção a não ser como um delirio de perversidade inominavel, nem chego a vêr a vantagem da embriaguez cientifica que põe milhares de cobaias e cães e qualquer especie de animal á mercê dos "cientistas" — funcionarios publicos — vaidosos quasi de fazer sofrer aos "martires da ciencia," em nome de um principio ou de uma descoberta ou de uma pesquiza ou dos problematicos beneficios daí resultantes para todo o genero humano, e, as mais das vezes, em nome do salario pago pelo Estado, em nome do ordenado mensal.

Questão de estomago ou de idolos.

Tambem os sacerdotes pagãos sacrificavam criaturas indefesas, animaes, crianças, homens e mulheres, em nome da paz ou da guerra, afim de aplacar a cólera dos deuses — em beneficio da humanidade.

O Moloc de hoje é a ciencia.

Tolstoi o definiu admiravelmente: "A ciencia ocupa em nossa epoca exatamente o mesmo lugar que ocupava o sacerdocio, ha alguns seculos. Os mesmos bonzos revestidos de titulos, as mesmas castas nas ciencias: academias, universidades, congressos. A mesma confiança e falta de criterio por parte dos crentes; as mesmas divergencias e as mesmas palavras incompreensiveis, a mesma presunção".

Tem razão Bernard Shaw: "si ao menos os Voronoff conseguissem, com a enxertia, fazer do homem um macaco respeitavel..."

Não. O homem continuará a descer sempre, bem para baixo de todos os simios, na sua maldade de criatura civilizada, com os seus "raios invisiveis" e "raios da morte" e gazes asfixiantes e aviões e submarinos e torpedos e laboratorios cientificos para estimular todas as virulencias, desde as guerras até o prazer satanico de martirizar os animaes em nome do humanitarismo clinico.

Não é sentimentalismo piegas e sim pan-humanismo o que lemos em "Atlantida" de 21 de Outubro de 1927. a proposito da vivisecção:

"Da perpetração de atos moraes máus não póde resultar beneficios, de maneira alguma, para a humanidade.

"A crueldade nunca poderá ser um caminho para o aperfeiçoamento humano.

"A ciencia não se adquire com a crueldade." E muito menos a sabedoria, acima de qualquer especie de violencia.

Ainda mais: "Si a fisiologia não pode adeantar sem infligir horriveis torturas aos animaes indefesos, é melhor que a fisiologia fique onde está.

"A humanidade póde progredir sem a fisiologia, porem, não poderá progredir sem a piedade."

Extirpar uma glandula sexual do macaco, nada representa para o homem, mas, extirpar um testiculo do homem é algo de muito importante na sua integridade . . .

Quanto á vivisecção, o proprio Claude Bernard, o experimentador "primus inter pares", que massacrou, brutalmente, a dois mil cães e que, sem anestesia, os matou lentamente, o barbaro que, para atender aos protestos da sua vizinhança, cortava, antes das experiencias, as cordas vocaes dos animaes, afim de que não uivassem de dôr, o proprio Claude Bernard diz: "A vivisecção é a deslocação do organismo vivo por meio de instrumentos e de processos que lhe podem isolar diferentes partes. Reduzida a si mesma, ela só teria alcance restrito,

e poderia, em certos casos, induzir-nos a erros sobre o verdadeiro papel dos orgãos. Por essas reservas, eu não nego a utilidade nem mesmo a necessidade absoluta da vivisecção no estudo dos fenomenos da vida, eu a declaro apenas insuficiente.

Com efeito, nossos instrumentos de vivisecção são tão grosseiros e nossos sentidos, tão imperfeitos que só podemos atingir no organismo as partes grosseiras e complexas."

Não obstante, a mania da vivisecção é o orgulho da ciencia moderna, e as vacinas e sôros se multiplicam para gaudio da terapeutica industrializada e para o martirio dantesco das cobaias e dos simios.

Cousa a mais natural do mundo o "homo sapins" roubar do macaco o que seria incapaz de lhe dar, o que dificilmente, excepcionalmente, seria capaz de dar ao proprio semelhante.

E para que? Si o resultado não passa de sugestão ou se limita á absorpção mais ou menos lenta do hormonio da glandula transplantada?

Resultado para 3 ou 4 annos, findos os quaes, outra enxertia é necessaria para novo rejuvenecimento.

E a imprensa popular, o jornalismo industria-

lizado a encher-se de termos prometedores, "rejuvenecimento", "elixir da juventude", como si Cagliostro tivesse voltado e o seu espectro redivivo derramasse por sobre os homens a cornucopia de todos os sonhos alquimistas transformados na realidade palpavel da voronofização.

Aliás, o sonho da mocidade prolongada vem de muito distante.

Ovidio, em as "Metamorfoses", conta que, no antigo Egito, era praticada a transfusão de sangue nos velhos, pelos sacerdotes, para rejuvenece-los.

Tambem os sacerdotes de Apolo utilizavam-se do sangue dos gladiadores e atletas — como terapeutica religiosa para o rejuvenecimento.

Plinio e Celso, por sua vez, recordam essas praticas clinico-religiosas de homoterapia.

Em Roma, Jarão e Taraquila, a mulher de Tarquinio Prisco, são exemplos, dizem os cronistas, do anseio da conservação da juventude.

Um medico hebreu praticou a transfusão de sangue em o Papa Inocencio VIII, no seculoXV.

A pedra filosofal e o elixir da longa vida, a alquimia, os José Balsamo e os Zanoni já dão a ideia da preocupação absorvente em torno da eterna mocidade.

E o Dr. Fausto só encontra a juventude através do pacto com Mefistofeles . . .

Suetonio, Galeno, Bacon, Armaiangaud, estudavam ou recordavam receitas para o prolongamento da juventude.

O caldo da rã, usado pela mulher de Galvani, a alimentação de galinhas, por sua vez alimentadas com viboras (Arnaud de Villeneuve, seculos XIII e XIV), o frigorifico de Hunter (parece-me), para a conservação da mocidade . . . as considerações de Buffon, descrente de todo e qualquer processo de prolongamento da vida, os conceitos de Stadman e de Weber, aceitando a ideia da longevidade, tudo isso prova bem o interesse em torno das tentativas conducentes ao rejuvenecimento.

Metchenikoff tenta-o tambem; aliás os seus processos parecem bem mais logicos.

Depois, as experiencias concludentes de Barthold, em 1849 (enxertos, transplantação de gonadas de frangos): primeiramente os enxertos e em segundo lugar a ideia nova ou o novo conceito a respeito das secreções internas.

Brown-Séquart, em 1889, cuja teoria sexual da velhice é a de Voronoff, que tambem se apoia na observação dos eunucos. Os trabalhos de Brown-

Séquart teem o merito incontestavel de haver sido experimentados no proprio autor, o que se não verificou ainda com Voronoff . . .; Harms, 1914, enxertos de glandulas de animaes jovens em animaes velhos; Steinach e a vaso-ligadura nos enxertos; Lespinasse, 1913, e o processo da transplantação de glandulas de homem vivo; Lydston, 1914, e a transplantação de glandulas de homem morto, logo após o passamento, conservado em frigorifico; Lydston e a transplantação das glandulas do chimpanzé, em 1916, etc. etc.

A opoterapia de Brown-Séquart ou extratos de orgãos dos animaes, ainda hoje tratamento muito aconselhado pelos medicos, é considerado por Voronoff e seus discipulos, como paliativo, cousa já do passado. ("A' Conquista da Vida" — Voronoff.)

Diz Voronoff nesse livro: "A aplicação quasi universal, do metodo de Brown-Séquart, não deu quanto se esperava, e, atualmente, está quasi abandonado. A razão está em que a trituração da glandula não permite extraír todo o produto, e o liquido obtido é pobre em elementos ativos.

Esse liquido, como todo extrato organico, altera-se rapidamente, perde suas propriedades e frequentemente torna-se toxico. Desde então, sua ação só póde ser momentanea."

Assim é que, em ciencia medica, a ultima teoria ou a ultima descoberta destróe todas as anteriores . . . E, por associação de ideias, lembro-me da quasi centena de crianças mortas pelas vacinas de Calmette, anti-tuberculosas.

Pobres cobaias humanas . . .

Voronoff "destróe" tambem a Metchenikoff com os seus fermentos lacteos.

Nada fica de pé: só o enxerto do simio, só Voronoff descobriu o elixir da longa vida. E, como tal, Voronoff ri-se dos antivivisecionistas.

Ainda podemos citar muitos nomes e outras tantas experiencias. O proprio Voronoff, no livro indicado diz:

"Essa cirurgia do porvir, é o enxerto de nossos orgãos, de nossos tecidos, de nossas glandulas. O caminho está traçado por nomes de primeira linha: Carrel, Dartigues, Eiselberg, Horm, Knud Sand, Kuttner, Lespinasse, Lexner, Lydston, Marro, Mauclair, Moris, Parragon, Pende, Pezard, Steinach, Thorek, Tuffier, J. Voronoff, Walker, Zavadowsky, etc."

Mas, condena o enxerto das glandulas do se-

melhante, por muitas razões; defende apaixonadamente o enxerto das glandulas do simio.

Voronoff só aparece positivamente em 1922, isto não o impéde de afirmar e deixar que um dos seus colaboradores afirmasse que os cientistas americanos ensaiaram e mal os seus metodos de enxertia nos grandes mamiferos e no homem. Esses cientistas são, precisamente, Lespinasse e Lydston! . . .

Todas essas pesquizas no dominio da alquimia ou da cirurgia pagã ou da ciencia propriamente dita, provam bem que Voronoff nada descobriu, nada ou pouquissimo contribuiu para o estudo das secreções glandulares, nada fez de novo, nada adeantou senão em vulgarizar a questão, trazendo-a para o dominio publico no sentido de industrializar assunto de laboratorio.

E' o lado mediocre, o lado ridiculo de todas as cousas puramente praticas e populares.

O rejuvenecimento por processos clinicos e terapeuticos continúa no mesmo plano da utopia absoluta.

Em todas essas experimentações, o que predomina nos homens a elas submettidos, mais que tudo, é a sugestão, depois . . . o amor proprio.

Nem um homem dirá que a enxertia não deu resultado . . .

E, em tudo isso, quem vae pagar caro é o macaco.

E VORONOFF DESCOBRIU O MACACO!...

Muitos são os aspectos do problema Voronoff. Diz o cientista que é engano apreciar os resultados das intervenções apenas sob o ponto de vista genesico, como se dá geralmente, e que esse resultado é o menos importante e aparente. Frisa, mui principalmente, os beneficios do rejuvenecimento geral de todas as funções, e, com especialidade, das funções cerebraes — o que é contestado por outros cientistas. E, são conhecidas as inumeras operações de Voronoff e, positivamente, pouco divulgados os resultados . . . e, quando o são, escondidos no anonimato, como os anuncios populares das panacéas milagrosas. Quem faz essa operação fica envergonhado e se esconde . . . Não sei porque . . .

Não será um rejuvenecimento geral tambem aparente, proporcional ás secreções das glandulas enxertadas, á sua irrigação ou nutrição, e

que se exgotará com a substituição das celulas, para dar lugar a uma quéda mais brusca, á volta ao primeiro estado de decadencia senil?

Não será como o efeito de certos excitantes momentaneos que deixam o paciente, depois, mais abatido, mais desanimado, mais exgotado?

Uma labarêda que o proprio individuo se incumbe de apagar, atirando-se, confiado ou desconfiado, ao rumor confuso e louco da vida ficticia de gozos e libertinagens e sensualismo sob todos os aspectos ou intensificando a ansiedade ambiciosa de operações financeiras e politicas, na atividade multiplicada na esperança de abarcar, de acumular, de aproveitar, de ambicionar, de experimentar novos prazeres e criar novas necessidades?

Daí, a degenerecencia de toda a mocidade na crapulagem — á espera do dia em que um enxerto de simio os torne a todos, novamente virilizados, como si a alma pudesse virilizar-se ao contacto de algumas celulas de carne simiesca, como si a inteligencia brotasse, num estalo, das glandulas enxertadas.

Os fanaticos da voronofização geralmente são os falidos moraes, os que nunca sentiram a propria alma e nunca tiveram mentalidade: para esses, de

que vale rejuvenecerem as funções cerebraes, si nunca existiram senão na vulgaridade dos rebanhos atordoados de ignorancia e sensualismo e domesticidade?

E' essa gente, exgotada de vicios, de mediocridade, de cupidez que a voronofização vae servir e atirar á atividade feroz do industrialismo moderno e do "Jazz-band" sensual.

E, de passagem, a idade adoravel para a voronofização vae entre os 45 e os 50 annos.

Uma pergunta indiscreta nos salta da pena: porque Voronoff não se fez ainda voronofizar?

Em todo caso, que degenére toda a humanidade, si quizer, acabe com toda a especie, na loucura de rejuvenecer a cadaveres mumificados de perversidades e baixezas e delirio de embriaguez sensual, já que os homens e as mulheres consentem e se prestam a tudo, na ansiedade de criar e gozar gozos de vicio e de luxuria, na ambição de se civilizarem até o aniquilamento total das guerras cientificas. Mas, que direito tem a ciencia dos homens de intervir na vida natural dos animaes para industrializar as suas funções organicas?

Toda a ciencia, toda a atividade humana é

logo industrializada no charlatanismo do aproveitamento de tudo para a civilização capitalista.

Voronoff está a serviço do dinheiro e da imbecilidade humana.

Ao homem não basta domesticar os animaes para deles se utilizar: criou, degenerou tipos, aniquilou, perturbou evoluções, na cupidez de tirar partido da sua atividade, do seu valor nutritivo e do instinto de reprodução.

Foi muito mais longe. Que fez o homem, do cão? Fe-lo á sua imagem e semelhança: fiel, servil, covarde para com os senhores e parasitas ociosos, para com os que lhe batem; atrevido, impertinente, autoritario, perverso, exigente, feroz para com os fracos: trôpegos, mendigos, maltrapilhos, criados e boemios nomades.

Agora, Voronoff vae enxertar os animaes para aumentar o rendimento industrial dos rebanhos.

Voronoff representa bem uma epoca.

Voronoff é um simbolo.

E' a ciencia charlatanizada pelo industrialismo moderno, a ciencia a serviço do bezerro de ouro, a ciencia do vampirismo humano exgotado de senilidade precoce a sugar as glandulas dos animaes.

Enquanto a civilização inventa vicios e mais vicios e se intoxica de imbecilidades e preconceitos e sufoca as mais nobres aspirações e os mais bellos sentimentos e degenéra os organismos humanos no delirio de gozar, de açambarcar tudo, numa cupidez carnal de canibaes civilizados, enquanto o progresso industrializa e degenéra tambem aos animaes domesticos, os animaes chamados selvagens respeitam as leis naturaes, vivem a vida simples em plena natureza, satisfazendo ás necessidades instintivas, conservando a vitalidade, sóbrios, sadíos, exuberantes de energia organica.

E' justo que o libertino, o luetico, o alcoolatra, o cocainomano, o jogador, o farrista, os "tigres" politicos profissionaes e senís, banqueiros e escroques elegantes, altos funcionarios, senadores e magistrados, intelectuaes prostituidos e domesticados, juizes das conciencias alheias... é justo que toda essa massa humana de parasitas e exploradores do rebanho social vá buscar, nas florestas, o animal pujante de seiva, de vida — em virtude da sua sobriedade instintiva — e o prenda em ambiente incompativel com a sua liberdade, com os seus habitos selvagens e o mutile — para rejuvenecer a criaturas de si mesmas mutiladas pela vulgaridade

ociosa e parasitaria, pela imbecilidade quintessenciada de prejuizos e rotina, pela baixeza e servilismo, pelo autoritarismo, pelo orgulho da inconciencia de si mesmos?

***

Sob outro aspecto, pondo de parte os admiraveis estudos do notavel professor G. Moussu, a proposito dos enxertos animaes, ("Revue de Zootechnie", n.° 2, fevereiro de 1928 — França), cujo relatorio em torno das experiencias de melhoramento do gado colonial francês, pelo enxerto testicular animal, é admiravel, trabalho teorico e de demonstração pratica, de biologia, de fisiologia, trabalho de cientista e do dominio experimental; pondo de parte a mesma ideia de enxertia de animaes da mesma especie, nos trabalhos de Steinach, notabilissimo, — a voronofização, si não passa ainda de experimentação, muito longe do que se póde denominar rejuvenecimento, poderia ter alguma razão e objetivo clinico acentuado — no caso de desordens organicas provindas dos ovarios.

A enxertia de outros ovarios femininos virá, talvez, substituir a operação brutal da extirpação

dos ovarios da mulher, cujas consequencias, todos sabem, desastrosissimas, sob o ponto de vista fisiopsicologico, determinam complicações taes que podem levar a mulher ao manicomio, quando não a maltratam e á familia, até o fim de uma existencia penosissima.

O enxerto ovariano poderia, talvez, restituir-lhe, pelo menos por mais algum tempo, a sensação de saúde, de bem estar.

Aliás, quando as mulheres forem mais responsaveis e donas do seu proprio corpo, creio bem que taes extirpações ovarianas serão mais raras.

Por ora, a mulher, inconciente, está inteiramente á mercê da vontade dos homens, e, quantas vezes a operação é feita sem mesmo que ela saiba de que se trata!

***

E' mais facil, entretanto, prolongar a vitalidade, retardar a senilidade — do que voltar atrás...

Acho razão na resposta á *enquête* á qual concorreram os Drs. Leitão da Cunha e Moncorvo, por occasião da estadia sensacional de Voronoff no Brasil: homens e mulheres lucrariam mais, cor-

rigindo os erros alimentares, metodizando o trabalho, fugindo dos vicios sociaes.

Mas, quem póde cogitar de cousas de si tão complexas como simplificar a vida, por exemplo?

Para a sugestão de um ponto de partida, quando tudo falhou e ninguem se sacrifica e todos exigem o sacrificio de outros, em uma epoca de decadencia de tudo e de um surto estupendo de progresso material — era preciso surgisse um Voronoff.

E Voronoff descobriu o macaco . . .

O PREMIO NOBEL DA PAZ

O premio Nobel na Paz, em 1928, coube ao esportista belga, barão de Coubertin, presidente do Comité Olimpico Internacional.

A imprensa aplaude, incondicionalmente, o grande alcance de vistas dessa escolha, salientando o fato de que a unica e verdadeira finalidade do esporte é a paz entre os póvos.

Os fatos provam o contrario, mas, os discos de gramofone repetem a musica de um preconceito antiquissimo, mascarado na hipocrisiade uma nova aspiração, proclamada por palavras e não nos gestos.

Si, de relance, passamos os ólhos pelas secções esportistas dos jornaes, só vemos o anuncio comercial dos empresarios, (porque o esporte, como os concursos de beleza, é meio de vida lucrativo e glorioso . . .) sentimos as rivalidades, as bri-

gas, a mesquinharia das competições, a concorrencia, a luta sob todos os aspectos.

O esportismo para o publico — ou é vaidade e exibição, gloria ou profissão, ou tudo ao mesmo tempo... No meio masculino, o esportismo é fator de celebridade — para "vencer", para conquistar posição no "tablado" do box social, para a emancipação economica ou nacionalismo patrioteiro.

Aí, como em toda parte, na vida social, para subir — é preciso abaixar-se...

A politica esportista é igual a qualquer politica: a luta, a concorrencia, a guerra.

Si asistimos a uma partida de "foot-ball", de "box", (força de expressão: eu não as vejo nunca...) de qualquer esporte, os "torcedores" tomam as suas posições de defesa agressiva, e, quantas vezes, a policia tem de intervir para aplicar a ducha conveniente aos desatinos apaixonados das multidões exaltadas!

E as "poules", o jogo dentro do jogo, as rivalidades dos aplausos e a "claque" de cada partido?

O esporte em sociedade é sempre *versus*... Os torcedores enrouquecem á força de estimular aos seus "eleitos". Exercicio fisico? Higiene? E

a multidão aglomerada respirando pó e suór, a cuspir e a gritar por cima das cabeças febrís? Absurdo denominar a isso — *educação fisica.*

E entre gente da mesma cidade, do mesmo bairro já se acentuam as rivalidades.

Si o jogo é entre cariocas e paulistas? Não é preciso comentarios em torno dessas "partidas" emocionaes, sensacionaes.

E si formos mais longe? Uma partida entre brasileiros e argentinos?

A diplomacia secreta, esportista e governamental, tem de intervir para evitar conflitos internacionaes.

Ha pouco, tivemos ocasião de falar das olimpiadas, em que estudantes italianos fascistas esmurraram a estudantes franceses. E até citámos uma pagina de "Il Piccolo", quando transcreveu o discurso de l'onn. Augusto Turati, no qual elogiava, comovidamente, ao moço italiano, o heróe dessas façanhas esportistas, em razão dos seus "punhos firmes" em terras extrangeiras.

Uma medalha de ouro foi cunhada expressamente para essa bravata olimpica, e colocada ao peito do joven fascista, "orgulho da raça", filho

de Roma, filho da "Loba" — cerebro e coração do mundo" . . .

"Il Piccolo" o transcreveu com a seguinte nota muito significativa: "Lo riproduciamo d'urgenza" . . . e o titulo: "Farsi rispettare!"

Vale a pena transcrever esse trecho do discurso de l'onn. Turati, Secretario do Partido Nacional Fascista, nessa ocasião, em regosijo pela "duplice vittoria" dos estudantes fascistas: o sôco do italiano no rosto do francês.

"Bravos a vós que vencestes, entre os estudantes de todo o mundo, a competição olimpica, mas, tambem, para premiar as vossas virtudes, não somente de saltadores e corredores, como as de "boxeurs" em terras de França.

(Aplausos, bravos, muito bem!)

"Esse esporte não fôra compreendido no programa das olimpiadas universitarias, mas, *as circunstancias, a incompreensão, a pouca educação civica* (*muito bem! bravos! aplausos*) da parte de um publico que assistia ás vossas competições, transformou-vos imediatamente e vos levou a combater essa bela batalha, não mais esportiva, mas, politica. (Muito bem! aplausos.)

"Camaradas estudantes! Nós vos queremos,

porque representaes entre a mocidade italiana, a nova geração, a parte eleita, a parte seleta. Mas, amamo-vos porque sois a expressão viva e melhor deste nosso espirito e desta nossa paixão. Si, curvados sobre os livros, cultos demais para serdes belos e vivos; si fosseis somente criaturas de estudo, educados a afrontar a vida na dura contenda quotidiana pela conquista de um posto, nós vos considerariamos, sim, filhos da Italia; mas, não poderiamos amar-vos.

Amamo-vos porque fostes venturósos, alegremente, com o vosso belo fascio recamado sobre o peito, a afirmar que a Italia de hoje está com os punhos e com o coração firmes." ("Aclamações vivissimas" ("Il Piccolo" — 1 de Setembro de 1928.)

Parece impossivel!

A simplicidade clovnesca dos fascistas o confesa. As outras nações guardam reservas . . .

Mas, no fim, está conforme.

O esporte é o preparo para as guerras. E a Italia fascista, cuja politica imperialista de expansão territorial é uma ameaça e uma provocação, organizou mesmo um quasi ministerio de competições

atleticas e até as mulheres serão aproveitadas na proxima guerra.

O desenvolvimento das forças fisicas, dos punhos firmes, sem o necessario equilibrio interior para controlar o despertar dos instintos bestiaes de luta, do troglodita — é o maior dos crimes praticados atualmente pelas sociedades.

A Grecia morreu quando cresceu a força e o prestigio dos lutadores, gladiadores e pugilistas.

Platão já protestava: "a educação fisica e a mental devem caminhar paralelamente, como dois cavalos atrelados ao mesmo carro."

Mas, as sociedades modernas fazem, do esporte, profissão rendosa e posição social, e — o preparo para as guerras.

E ninguem melhor do que os profisionaes esportistas para conhecer os bastidores da sua concorrencia vaidosa e comercial, patriotica e aventureira, chantagista e viciosa.

Ninguem me convencerá de que o "box" tem por objetivo a paz.

Ninguem conseguirá convencer-me de que se querem muitissimo e de que são pacifistas dois contendores a se esmurrarem, mutuamente e estupidamente, por dinheiro, e, mui principalmente, si

um é francês e o outro é alemão; si um é italiano e o outro, francês; si um é japonês e o outro, americano do norte; si um é De Carolis e o outro, um jornalista de "O Combate" . . . por ocasião do caso "Il Piccolo".

Ninguem me convencerá de que as olimpiadas fizeram a aproximação entre a Italia de Mussolini e a França.

A medalha fascista de premio ao sôco do estudante italiano no rosto do estudante francês é uma prova irrefutavel de que os jógos olimpicos, o atletismo teem por objetivo a paz internacional . . .

Entre nós, o incidente do "Esperia", em São Paulo, é de logica de aço.

Os jornaes da Capital paulista trataram largamente do assunto, em um protesto veemente contra a invasão turbulenta do fascismo no Brasil, trazendo a discordia e o odio para o seio da familia italo-brasileira.

Reproduzo o comentario de "O Estado de São Paulo" do dia 25 de Dezembro de 1928, em uma das secções esportistas:

"Um Incidente.

"Um incidente desagradavel veio perturbar o entusiasmo dos espectadores, logo á chegada de Martini e Weygand.

Quando o primeiro foi retirado da agua, um dos assistentes, não medindo, talvez, o alcance de suas palavras, disse: — "Chegou frouxo . . ."

Foi o bastante para ser agredido por socios do "Esperia", e, entre elles, alguns que eram juizes da prova e membros da Federação!

Enquanto algumas pessoas procuravam acalmar os exaltados, Martini, que se reanimára, e, sendo carregado em triunfo, gritou: — "Viva Roma!" — grito que causou má impressão no publico, pelo que, uma senhora não se conteve, e, em protesto, gritou: — "Viva Roma, não! "Viva o "Esperia", e viva Martini, isto sim!

Não se saiu bem, entretanto, com esse seu gesto de revolta, *sendo agredida,* o que ainda agravou a situação.

Os fatos teriam consequencias gravissimas si não houvesse a intervenção decidida de outras pessoas que se achavam presentes. Mas, mesmo assim,

o "rôlo" continuou, tomando parte nele varios socios do "Esperia".

Em frente ao galpão das barcas, outro rapaz foi tambem agredido por um socio do mesmo Club.

Esses fatos nos fazem pensar o seguinte a respeito da intenção com que aquele Club tomou parte na prova:

Disputava-se uma prova esportiva ou era a supremacia de uma cidade que se tratava de afirmar?

Era um valor esportivo a demonstrar ou uma exibição de força de determinada corrente de politica extrangeira em São Paulo?

Estas perguntas estão plenamente justificadas por provas robustas. E' a segunda vez que tal fato se verifica em uma competição esportiva em São Paulo.

Em um dos encontros entre o "Palestra" e o "Corintians", já tivemos ocasião de noticiar que esses Clubs, no Parque São Jorge, antes de iniciarem o jogo dos quadros principaes, postaram-se á frente da tribuna em que se achava um Consul (1) aqui acreditado, e, estendendo os braços, fizeram

(1) Mazzolini, consul fascista italiano em São Paulo.

uma saudação bem caracterizadamente politica, confirmando-a com os seus termos adequados.

Ora, tudo isso seria muito grave, si, primeiramente, não fosse de um ridiculo clovnesco."

Assim termina o comentario de "O Estado".

Muitissimo grave, sim. Mussolini, Turati e Cia. são clovnescos, não ha duvida, nunca ninguem duvidou disso, mas, essa pantomina, por demais longa e macabra, ameaça estrangular a liberdade de pensar e a paz de todos os póvos, ditos civilizados.

Atrás do "guignol" estão as vestes negras de Tacchi Venturi, o Secretario Geral da Ordem dos Jesuitas.

E isso é tudo.

E 'uma palhaçada tragica e que muito caro ha de custar ás sociedades modernas.

Uma "tournée" que talvez faça renascer no mundo, nova éra mediavel denominada por Mussolini a "éra mussoliniana" e que acenderá fogueiras e fará funcionar a "maquina de fazer falar", e negará de novo os movimentos da Terra e aclamará, ruidosamente, a vitoria da traição, do tartufismo e da força dos punhos firmes contra a vitoria do direito humano.

Não é só engraçado, é tambem macabro. E não é sem razão que as mais belas mentalidades do mundo inteiro protestam pela pena genial de Romain Rolland, de Einstein, e Barbusse, de Wells, Panait Istrati e tantos e tantos outros contra essa "tirania carnavalesca" na sua marcha a ameaçar o mundo com os punhos firmes e a força poderosissima de uma loucura colectiva, de delirio epileptico de "volontá di potenza", delirio mistico-politico intenso de dominar *romanamente*, não retrocedendo ante cousa alguma e lançando mão de todos os meios imaginaveis, o punhal entre os dentes, e, nas mãos, as bombas, o manganelo e o oleo de ricino.

Agora, as competições atleticas femininas: mulheres espartanas, punhos firmes, corações duros e, na cabeça, o vulcão de um misticismo-politico-religioso, paranoico, dominador.

Uma mulher dessas é qualquer cousa de tragico, é capaz de tudo, certa de que está cumprindo seu devêr.

As competições atleticas conduzem á paz? E' em torno desses mesmos moços atletas das olimpiadas, de punhos firmes que, em Bolonha, em um discurso memoravel, não me lembro si de Turati ou de Mussolini, os tiranos fascistas levantavam as

suas mais altas esperanças imperialistas á romana: "... e que o mundo inteiro veja a floresta de baionetas e sinta o palpitar dos nossos corações invenciveis". (A Revista do Pôvo da Italia — Anno IV, n.° 11, Novembro de 1926.)

Competições atleticas — instrumento de paz!

O premio Nobel a um esportista — porque o esporte tem por objetivo a paz internacional — é um simbolo...

Já, de si, o premio Nobel... (da polvora?...) da paz, é um simbolo.

Todo o genero humano prepara-se, cada vez mais rapidamente, para o suicidio coletivo, através das guerras cientificas.

E tudo envolvido na hipocrisia das expressões de paz e intercambio e fraternidade.

Nunca as nações falaram tanto em pacto Kellog e desarmamento e intercambio intelectual e artistico, e a guerra fóra da lei, e nunca estiveram tão dispostas a se aniquilarem mutuamente.

Atletismo, gazes asfixiantes, virulencia de microbios, submarinos e torpêdos, aeroplanos e couraçados, ondas hertzianas, punhos firmes, corações duros, insensiveis, paixões politicas, cerebros vasios, ambições paranoicas, aspirações de dominismo, ciencia sem conciencia, — amassando tudo isso com patriotismo, só póde dar guerras e violencia policial.

Idolos novos dentro de nichos antiquissimos. O homem é o mesmo troglodita sanguinario.

Santa malicia ou santa ingenuidade o premio Nobel da paz, concedido a um esportista — porque o esporte tem por objetivo a paz internacional?!...

Pobre rebanho humano arrastado no torvelino louco da civilização!

Entretanto, livros de paz e de Amor, que são como gritos saídos das visceras da alma, obras primas da literatura contemporanea, esforço heroico para a paz, "La Tour des Peuples", "Les Pacifiques," de Han Ryner; "Clerambault" de Romain Rolland; "L'Ouragan" de Florian Parmentier; "Les Hommes en Guerre" de Andréas Latzko; livros de Wells, de Remarque, de tantos outos, não mereceram o premio Nobel da paz!

O premio da Paz é para os lutadores e pugilistas, para os "boxeurs" e organizadores de competições atleticas.

Como nos sentimos humilhada deante dessas transmutações de valores éticos!

Mas, está bem certo.

E' a civilização...

Agora, o premio Nobel da Paz, entregue a Kellog.

Comediantes? Tragediantes?...

AS GUERRAS CIENTIFICAS

A civilização do dollar vae morrer de apoplexia.

Mais duas ou tres guerras e, da humanidade civilizada só restarão ruinas, pedras e destróços, esqueletos de homens e de maquinas.

E' o suicidio coletivo de todo o genero humano, sufocado de ciencia.

A revista *"Discovery"* fala das famosas experiencias realizadas em 1924 (Maio), em um porto inglês, em torno dos *"Raios da Morte"*, descobertos por M. Grindell Mathews. O privilegio foi adquirido por uma casa francêsa.

Os *"Raios Invisiveis"*, descobertos por um oficial de marinha, cujas experiencias concludentes foram feitas em um porto do Mediterraneo, constituem poderosissima arma de guerra.

Nos Estados Unidos, o Dr. E. F. Nothrup chegou a transformar correntes de 6.600 volts em

Raios de calor. Esses raios teem a potencia maravilhosa de fundir até mesmo a platina e o irridium!

Tanto não era preciso para fundir o "material humano".

Na Italia, Marconi, hoje marquês . . . e senador . . . mediante espelhos parabolicos chegou a converter correntes de alta frequencia em "*Raios de Calôr.*"

Tambem a Inglaterra, a Alemanha possuem os seus raios incendiarios, identicos, nos efeitos, aos das outras potencias.

As nações se aprestam para incendiar o mundo inteiro.

A civilização é um Everest de ciencia aplicada á industria, a rolar por sobre a vida de todo o genero humano.

E Kellog e a Sociedade das Nações e toda a pantomima politica e diplomatica a falar de Paz!

As cidades vão desaparecer em blóco: Berlim, Londres, Paris, Viena, Roma — serão reduzidas a cinzas, em algumas horas.

Não ha mais necessidade de exercitos e de trincheiras. Uma pequena maquina eletrica e meia duzia de homens é o suficiente para pulverizar milhões de vidas.

E agora, o inimigo é toda a população do país a ser destroçado: crianças, mulheres, nada poderá ser poupado. E' a guerra de exterminio.

As guerras através da fisica, da quimica, da bacteriologia, atacam, de preferencia, as populações civís. Os raios de calôr, os raios da morte, os raios invisiveis são destinados a incendiar, a devorar, a aniquilar as fabricas, os centros industriaes, os reservatorios de generos e munições dos países inimigos, os campos de cultura e de criação de gado.

A Bacteriologia

A guerra por meio dos microbios é uma das ideias mais satanicas da cerebração azinhavrada e patrioteira dos nossos dias. O seu campo é todo o planeta. E a loucura guerreira é de tal ordem, que até mesmo as visceras que concebem tal monstruosidade serão atingidas pelo perigo mortal.

A epidemia da gripe (espanhola) continúa sendo estudada como qualquer cousa de inexplicavel no periodo da grande guerra: diversas hipoteses são apresentadas, inclusive a hipotese inadmissivel da Sociedade Internacional Biocosmica.

Quem sabe não foi uma das armas cientificas da conflagração européa?

Arma horripilante, a arma bacteriologica ou bactericida, são seguros os seus efeitos, mais terrivelmente devastadores, porque atingem a todo o orbe.

Caldos de cultura do cólera, do tifo, da variola, da tuberculose, da difteria (quem sabe que mais?) serão empregados para a devastação. As aguas contaminadas, tudo invadido e envenenado e apodrecido!

Balões de vidro, do quer que seja, cheios de caldo de cultura bactericida, em toda a sua alta virulencia, serão projetados do alto, propagados pelas nuvens, pelos aviões. Os "raids" aviatorios — que são senão a preparação para a guerra? Todos os meios são ensaiados e aperfeiçoados á luz de mais ciencia — para espalhar os germes de todas as pestes pelos quatro cantos do globo.

A alma humana envilecida de ciencia!

Quando terminará a humanidade de pagar todas as suas dividas para consigo mesma?

Mas, onde fica a importancia dos gazes asfixiantes, lacrimogenios, vesicantes, esternutatorios, o fosgeno, o clóro liquido comprimido em cilindros, a cloropicrina, o difosgeno, o sulfreto de etila diclorado, a hiperita, a moscobromacetona? Onde fica o valor dos exercitos, das trincheiras, dos aviões, e submarinos e torpedos e "tanks", e esquadras e canhões e zepelins — deante da nova toxina ultimamente descoberta e de que nos dá noticias o sabio inglês?

Mr. Leonard Hill, diretor do departamento de fisiologia aplicada, do Instituto Nacional de Investigações Medicas, segundo noticiam jornaes, perante a Associação de Inspetores de sanidade, faz esta revelação sensacional:

"Foi encontrado um novo bacilo de consequencias perigosissimas para o homem. O estudo que se tem feito a seu respeito, demonstra que póde ser facilmente cultivado.

Si os homens forem tão suscpetiveis á nova toxina, como o são as lebres das Indias, e não ha razão para pensar que o não sejam — com um grama unico da nova toxina, poder-se-á produzir a morte de um milhão de pessoas. Atúa no organismo de duas fórmas: penétra pela inhalação ou cáe nos ólhos em fórma de pó. Si os homens se dedicarem ao cultivo dessa nova toxina e depois a espalharem na atmosfera, valendo-se dos aeroplanos, a humani-

dade poderá ser destruida facilmente, pelo que é de esperar que essa nóva descoberta nunca seja utilizada como arma de guerra."

E' assim: o professor, o cientista indíca, e depois, retrocéde . . .

Todas as armas de guerra desaparecem deante dessa toxina. Nem mesmo ha necessidade mais de declaração de guerra, mobilização e unidades navaes, estaleiros de couraçados, exercitos permanentes, escolas militares, quarteis, generaes ou fortalezas. As guerras futuras terão como armas — os cientistas, laboratorios quimicos, a finança internacional e aviões.

Parece, pois, que não tem razão de ser a "lei da gigantanasia" aplicada á biologia da guerra, pelo optimismo do grande professor alemão Jorge F. Nicolai.

A guerra não é só instinto que já devia ter sido ultrapassado pela sociedade humana de hoje, é tambem a arma do capitalismo organizado, modelando o "homem estupido", através da civilização mecanica, do progresso material.

A lei da gigantanasia aqui, não se aplica aos monstros dos exercitos modernos, á enormidade

belica dos nossos dias e sim á ciencia a serviço do bezerro de ouro.

E essa lei terá a sua razão de ser, si, pelo contrario, não significar o termo final das guerras, e sim, si se aplicar á destruição de todo o genero humano civilizado. E' o suicidio coletivo, ou melhor o massacre de uma civilização.

A guerra dos insetos e parasitas

Gafanhotos, toda sorte de insetos nocivos e parasitas devastadores, (óvos e germes criados em incubadôras) serão espalhados por meio da aviação e de outros processos estudados á luz das ciencias — afim de devastar as plantações, destruir as colheitas e matar o gado.

A Guerra Quimica

Em 1926, em um manifesto á população de Paris, Han Ryner denunciava o proximo suicidio ou massacre do genero humano, curvado ao pêso de ciencia e de civilização.

Já se conhecem novos gazes, e os seus efeitos:

toxicos, sufocantes, lacrimogenios, esternutatorios, vesicantes, etc. etc.

São empregados, além dos já citados, clóro, fosgenio, etc. os seguintes: bromo, brometo de benzile, bromacetoneo, iperite, (sulfur, etilene dicloré,) vincenite (mistura de acido cianhidrico, de cloreto de estanho, de cloreto de arsenico e de cloroformio), gazes lacrimogenios (brometo de benzile), etc. etc.

Parece incrivel que os homens se armem assim, para se exterminarem simultaneamente.

Mas, onde o instinto de conservação?

E a hipocrisia das Conferencias de desarmamento, da Sociedade das Nações, do pacto Kellog, das conferencias de Genebra, de Locarno e de todos esses convenios dos Estados — armados até os dentes com armas infernaes!

O chefe do Serviço Quimico da Guerra, nos Estados Unidos, o reafirmou: "A guerra quimica é, doravante, fato estabelecido".

E a próva é que todas as grandes potencias estão admiravelmente aparelhadas, a trabalhar e a produzir e armazenar recursos quimicos para as proximas e terriveis refrégas.

O governo britanico tem, desde 1923, em

Porton, perto de Salysbury, um laboratorio-escola, exclusivamente ocupado em estudar e fabricar os gazes para arma de guerra e os respectivos aparelhos anti-gazes.

E outros, e outros e mais outros, em todas as nações civilizadas.

O Secretario de "The International Law Association" da Inglaterra, afirma: "O unico meio de abolir a guerra aerea dos gazes, reside na abolição das guerras, em absoluto. E' inutil e é perder tempo querer discutir a respeito da legitimidade dessa guerra que, segundo a minha opinião, é inevitavel."

Henry Le Wita, em seu livro "Em torno da guerra quimica", tambem o confirma: "Desde o armisticio, os Estados Unidos e todos os grandes póvos (compreendida a Alemanha, porem esta, secretamente), consagram capitaes importantes para a renovação de todos os meios preventivos, em vista de conflitos eventuaes".

E Von Parseval, em 1924, diz mais: "Si se admitissem as concepções arcaicas, a ação dos aviões não poderia exercer-se senão sob objetivos militares. Felizmente uma concepção mais moderna admite que todo o país deve ser considerado co-

mo participante da guerra, e, por conseguinte, o adversario tudo póde destruir."

Esse "felizmente" é a psicologia do militar profissional, do socio das grandes usinas de armas.

Romain Rolland, estudando o livro admiravel de Nicolai, "A Biologia da Guerra", cita a frase de um acionista de estaleiro de submarinos, indignado: "Ganhamos penosamente nosso dinheiro na guerra, e esse homem prega a paz!"

Em todas as nações, o aparelhamento militar sóbe a créditos incalculaveis e os laboratorios de ciencia quimica não cessam de estudar e produzir novas armas de guerra.

E mais: todas as industrias quimicas da paz, inclusive as materias colorantes, no momento oportuno, podem ser transformadas em gazes.

E, si capitaes fantasticos são aplicados nessa formidavel arma de guerra, cada nação, por sua vez, na atividade dos seus cientistas civís e militares, procura a melhor maneira de se defender e de mais facilmente e eficazmente atacar, afim de ficar com a hegemonia do mundo, afim de arrematar em leilão todo o orbe terrestre.

Havia já, ha tempos, mais ou menos 1.000 especies diferentes de gazes, como arma de guerra. Os meios de os espalhar, serão os aviões, as ondas hertzianas, os canhões, projeteis, etc. etc.

E' o massacre. E o mundo inteiro rodopiará na dansa guerreira.

Entre essas poderosas armas de guerra está o fosforo branco, o qual será empregado em granadas: a nuvem do fogo por ele projetada com a explosão da granada, não póde ser extinta com agua; as queimaduras do fosforo branco são sempre gravissimas. Qualquer tecido é por ele queimado.

Os laboratorios quimicos empenham-se em produzi-lo em grande quantidade, e, vae sendo armazenado. As mascaras já não resistem.

O gaz mostarda, por exemplo, corróe as carnes através das mascaras.

E alguem já calculou que uma tonelada de fosgenio destróe mais ou menos completamente uma população tão densa como a de Paris, em uma superficie de um hectare. Para Paris inteiro, 800 toneladas.

E' para isso que se organizam todos esses "raids" e "records" de altura e peso e distancia e resistencia . . . em nome do progresso, em nome da civilização.

E Kellog conhece os laboratorios quimicos de seu país imperialista, e os diplomatas e ministros, nos Congressos das Nações, representam cinicamente, a comedia da paz e cada qual supondo enganar aos nobres companheiros humanitaristas, nas suas petições de desarmamento parcial ou total. Comediantes!

Comedia entre eles e tragedia para o publico patriota a aplaudir, alvarmente, aos magarefes e afiadores de facas, como na parabola ryneriana.

E accreditam que o homem vae melhorando...

E a sua intelligencia cresce, caminhando para o suicidio coletivo do genero humano.

E' o homem estupido de Richet.

E todo o rebanho a balar a sua inconciente domesticidade, arrastado no rodopio infernal.

Entretanto, os armamentistas são anacionalistas, não teem patria, a sua patria é o cofre-fórte. Constituem um blóco coéso em todas as nações e formam

A Internacional do Armamento.

Extraímos de "Le Semeur" (23 de Outubro de 1929 — Rouen - França) a documentação que se segue.

"Le Semeur", por sua vez, documentou-se diretamente do livro "Die blutige Internationale der Rustungsindustrie", de Otto Lehmann-Rusbudt (abril de 1929 — edições de Fackelreiter, Hamburgo — Bergedorf,) artigo assinado por Gabriel Gobron, de que nos limitamos a extraír uma parte, resumindo.

Em plena guerra de 1914 a 1918, não houve divergencia alguma entre a Internacional do Armamento. Todos estiveram de acordo, alemães, franceses, inglezes, italianos, russos, etc. — para explorar o genero humano e encher as suas arcas.

Antes da guerra, "A Internacional da Polvora" tinha 7 filiaes na Inglaterra, 5 na Alemanha, 1 no Japão, muitas na Russia, Espanha, e, na França, a Sociedade Francesa de Dinamite, a Sociedade Geral para a fabricação de Dinamite, a Sociedade Franco-Russa de Dinamite.

A "United Harvey Steel Co." agrupou (canhões e couraçados) firmas as mais "honradas" do

mundo: Vichers e Armstrong (Inglaterra), Bethleem Steel (America), Schneider, Krupp, Dillinger Hutte (Alemanha), Skoda (Austria), Poutiloff (Russia), Alti Forni Fondieri Acciaine di Terni (Italia).

Na "Sociedade Russa Poutiloff", os capitaes eram de Krupp — *Cavalheiro da Legião de Honra,* e de Schneider, do Creusot.

Os industriaes de industrias pesadas de Mutoran (Japão) tinham metade de seus capitaes póstos pelos reis ingleses do aço — Vichers e Armstrong.

John Brown, Vichers e Armstrong foram os financeiros da firma de armas e de munições em Ferrol, Espanha.

Seis firmas inglesas dirigem o Sindicato Português do Armamento Naval.

Depois dos desastres russos de 1905, indiferentemente, são casas inglesas, alemãs, francesas, belgas e americanas que reconstruiram navios de guerra russos, pagos com o ouro francês, subtraido da sua economia por M. Poincaré e M. Raffalovitch, *Cavalheiro da Legião de Honra.*

As casas de armas e munições alemãs de Berlim e de Karlsruhe, as famosas Mauser d'Obendorf (a. Neckar), a Fabrica Nacional de Armas Belga de Herstal, a Sociedade Austriaca de armas, desde 1905 cooperam estreitamente dentro do mesmo objetivo: comercio.

A firma alemã bem conhecida: Dillinger Hutte, tinha grande parte de seus capitaes em mãos francesas de nobres, condes, secretarios de embaixadas, oficiaes de reserva. A Dillinger Hutte tratava todos os seus negocios em lingua francesa. Naturalmente, taes "patriotas de negocios" não foram esquecidos nas promoções da Legião de Honra.

Krupp, *Cavalheiro da Legião de Honra,* havia equipado, antes de 1914, mais de 52 países com material de guerra.

Ao contrario, em compensação, as "Deutschen Waffen U. Munitionsfabriken" dispunham de um armamento quasi totalmente de proveniencia extrangeira.

E agora, o material humano (!). Porque uma guerra é um negocio montado com tres cousas: finança internacional, armas e munições e carne (como dizia Mangin.) Que o Prussiano ganhe ou o Francês, ou os Senegalêses ou os Escocêses, isso é com os chefes.

"O que ha de certo é que a Internacional do Armamento, jogando sobre todas as mesas verdes, ganha todas as partidas!"

O Snr. René de Bobet, francês, da Dillinger Hutte, si era acionista na Creusot, não podia perder!

A firma Krupp, tendo vendido uma patente de acendedor de granada á firma Vickers, teve de dar 1 marco e 50 por granada atirada de 1914 a 1918, no "front." Graças ao alemão Krupp, os soldados alemães foram mortos de uma maneira mais humana!

Os ingleses que participaram da expedição dos Dardanelos, foram, em parte, metralhados pelos canhões ingleses fabricados e entregues aos turcos por firmas inglesas!

Os austriacos que foram massacrados nos campos de batalha da Galicia, o foram pelos canhões austriacos, fabricados aos cuidados da firma austriaca Skoda, e entregues á firma Newski, russa.

Em 1915, a artilharia turca que abria os ventres dos soldados ingleses nos Dardanelos, fôra fabricada pelos reis do aço ingleses, como já vimos. E o fato reconhecido a 2 de Agosto de 1926, na

Camara dos Comuns, em seguida a uma questão apresentada pelo deputado Ponsonby, a proposito de um artigo do "Daily Cronicle".

Sir Austen Chamberlain verificou o fato.

Nas aguas visinhas dos Dardanelos, tendo sido torpedeado um navio de guerra, verificou-se que a mina fôra fabricada e entregue pelas casas inglesas.

Em 1866, na batalha de Koeniggratz, dos dois lados do "front", serviam-se das armas Krupp.

De 1914 a 1918, mais de uma vez, dos dois lados do "front", serviam-se das armas Krupp, pois que, este havia fabricado:

26.000 canhões para a Alemanha;

27.000 canhões para 52 países extrangeiros, dos quaes, muitos declararam guerra á Alemanha.

Um dos mais cinicos mercadores internacionaes de armas e munições, que acumulou milhões na guerra russo-japonesa, na guerra dos Balkans, de 1914 a 1918, na insurreição dos Drusos (1923-1924), na rebelião de Abd-el-Krim, etc., é Basil Zaharoff, *Cavalheiro da Legião de Honra*. Esse oriental é considerado *cidadão francês* e *barão inglês*. Quasi toda a industria do armamento está nas suas mãos: desde 1905, faz parte das casas Vi-

ckers e Poutiloff; desde 1907, da casa Schneider, etc. E' acionista do Banco da França, (graças a Morgan), do Banco da União Parisiense, do jornal "Excelsior", do Casino de Monte Carlo (onde entretem filhos dos magnatas de todos os partidos politicos francêses, desde os reacionarios até os comunistas!), de uma quantidade de firmas inglesas, francesas, etc. (p. 17, 18, op. cit.)

A imprensa sueca, "Die Weltbuhne" (Berlim), o editor Fischer (Berlim), deram ou vão publicar, proximamente, documentos sensacionaes em torno de Basil, "o homem misterioso da Europa", que trás, bem entendido (!) a Cruz dos Bravos.

Desde 1907, uma correspondencia ativa era trocada entre os reis do aço franceses e seus colelegas da Alemanha: então, a poderosa firma da Karlsruhe, não hesitou em fazer publicar, por intermedio da industria pesada francesa, um artigo no "Figaro", artigo que devia dar grandes lucros aos mercadores de ferragens.

Combinações... E' a tecnica moderna.

As firmas alemãs entregaram ao Almirantado ingles, pequenos dirigiveis que o Almirante Sueter utilisou, muitas vezes, para fazer saltar os submarinos alemães.

Durante a Guerra, a Internacional de Armamento não cessou de se prevenir e aprovisionar para levar a cabo a Guerra do Direito e da Civilização: os "Centraes" forneceram a seus Colegas da "Entente", material de guerra; a "Entente" forneceu aos "Centraes" a borracha, o oleo, cobre, niquel, etc.

Provas? A frota inglesa que deu batalha no Skagerrak, recebera toda a sua optica, seis meses antes, de Zeiss-Iena e Goerz-Anschutz (pela Holanda.)

No correr dos oito primeiros meses de 1916, a Alemanha exportou até 250.000 toneladas de ferro e de aço por mês, em média 150.000 toneladas por mês! Quasi tudo destinado á França e á Italia!

Duas firmas francêsas, em consequencia de uma indiscreção, não puderam negar a importação, através da Suissa, de 60.000 toneladas de aço alemão.

Essa tróca mercantil entre os inimigos ancestraes, em plena guerra, escandalisou os suissos a ponto tal que, no outono de 1917, a *"Zuricher Post"* publicou um artigo sobre o patriotismo de

negocios dos mercadores que convertiam em ouro o sangue dos soldados.

Todos os países neutros assistiram ao patriotismo de negocios: na Alemanha, a "Entente" introduziu a borracha, o oleo, metaes especiaes diversos, cobres, niquel (pela Suecia). Ao inverso, a "Entente" recebia da Alemanha os trilhos, instrumentos de optica, fios de ferro, cabos metalicos, ferro, aço. Sinistra comedia!

O caso Possehl prova que, em plena guerra, uma firma alemã poude negociar com a Russia.

Os soldados de infanteria que, aos gritos de: *Viva a Patria!* vinham acolchetar-se nos fios de arame farpado que protegiam o forte de Douaumont, foram mortos pelo material de guerra entregue na Suissa, dois mezes antes, pela firma de Magdebourg, "Drahtund Kabelwerke"!

Em 30 de Setembro de 1926, as reuniões do *"Cartel d'Acier"* consolidaram a colaboração dos magnatas da industria pesada.

A guerra, aí, foi encarada sob os novos aspectos que deverá tomar: liquidos inflamaveis, bombardeamento pelos aviões, guerra quimica, etc. A França, depois de 11 de Abril de 1914, criou serviços de guerra quimica com o auxilio do "Cartel

Quimico Alemão:" o Ministro da Guerra Francês e os industriaes alemães da Quimica!

E haverá quem acredite na paz armada?

Taes são alguns dos fatos e das informações expostas por Otto Lehmann-Rusbuldt em sua brochura preciosissima de documentos incontestaveis.

***

Governos, industriaes e cientistas, militares e toda a coórte do Santo Padre — todos cumplices dessa dansa macabra na qual o patriotismo do rebanho humano é explorado tragica e admiravelmente em proveito dos abutres, dos córvos e chacaes do Capital e do Poder.

E essa autoridade é mantida á custa da mais abominavel crueldade da civilização da Estatua da Liberdade.

Biribi ou as prisões militares francêsas, descritas por Albert Londres, em seu livro: "Dante n'avait rien vu"; os trabalhos forçados da escravidão satanica moderna dos seringaes ou da exploração Mate-Laranjeira, descrita por Rafael Barrett; os trabalhos forçados nas penitenciarias, a pena de morte, a prisão perpetua, o incendio da

penitenciaria de Columbus (Ohio), em que pereceram asfixiadas e queimadas 336 vitimas (a cifra oficial, certamente reduzidissima), mortas simplesmente porque os guardas receberam ordens terminantes para não abrir as prisões e deixar torrar os encarcerados, ordens sevéras para atirar por sobre os recalcitrantes, cujo instinto de conservação protestasse contra o genero de morte que se lhes infligia barbaramente; Jack London, em seu livro "O Viajante das Estrelas", descrevendo os suplicios infernaes do professor agronomo em um presidio americano e a celebre camisa de força com a qual trituram o corpo e a vontade do sentenciado, reduzindo-o a um trapo em agonia dolorosa e perpetua; Barbusse, em o celebre manifesto denunciando os crimes cometidos nas prisões fascistas de "L'Italia d'oggi", esses "Jardins dos suplicios" infamantes e miseraveis, a crueldade oficialmente organizada e protegida pela lei e pela moral; a policia inglesa ás ordens do Imperio Britanico essencialmente cristão, a massacrar, na India, covardemente, aos partidarios da não-violencia heroica — são esses os processos pelos quaes o Estado, o Clero e o Capital se asseguram o poder, o dominismo,

a autoridade. Para gloria de Deus, da Igreja, dos bons costumes . . .

Tudo isso próva bem que o homem civilizado cientificamente, requintadamente sociavel, é o miseravel sêr que persiste em aviltar-se na perversidade inominavel dos que só cultivam a vileza do instinto bestial de ataque feroz, sem o objetivo animal da luta pela subsistencia, porem, levado exclusivamente pelo banditismo destruidor, vingativo, odiento, mesquinho de despeito e selvajeria.

Os martirios infernaes, voluptuosamente concebidos, e acionados nos presidios, o tartufismo policial das penitenciarias e das delegacias de "ordem social" — são os sustentaculos, as colunas por sobre as quaes se apoia a Internacional Armamentista.

Lá dentro dos presidios, nas Siberias, nas Guianas, em Biribi, nos Cambuci, ou nas Clevelandia, matam-se moralmente e fisicamente aos idealistas, aos revolucionarios que proclamam a Internacional do Fraternismo ou da Solidariedade Humana — Ferrer, Sacco e Vanzetti — porque passam, humanamente, por cima das patrias, das fronteiras, da familia e da religião . . .

A Internacional do Armamento tambem can-

celou todos os mapas do orbe e arrasta a morte e a dôr, a fome, a peste e a nudez na voragem da destruição — passando. deshumanamente, por sobre as patrias, as fronteiras, a familia e a religião... abençoada, protegida, santificada pelas patrias, pelas bandeiras, pela familia e pela religião.

Não ha mais para onde descer.

São as patrias, as bandeiras, a familia, e a religião que perseguem e martirisam, em nome da lei e da moral social, aos sonhadores, aos poetas do Pan-humanismo. São as patrias, as bandeiras, a familia e a religião — os sustentaculos das hienas armamentistas e do martirologio dantesco de todos os que idealizam uma sociedade mais equitativa, a paz e a Liberdade, um raio de Sol para cada consciencia e uma côdea de pão para todas as bocas.

***

Revendo os originaes deste capitulo, passo ainda a acrescentar algumas notas colhidas diretamente do livro de Otto Lehmann: "Colección "Panorama" Editorial Cenit — Madrid — 1929.

Em 1905 e 1907, as "Fabricas Alemãs de armas e munições", de Berlim e Karlsruhe; a fabrica

de armas Mauser, de Oberndorf a Neckar, e a "Fabrica Nacional de Armas de Guerra", de Herstal (Belgica), por um lado e, por outro, a "Sociedade Austriaca de Fabricação de Armas" ("Osterreichische Waffenfabrik-Gesellschaft"), firmaram contratos cujas principaes clausulas eram as seguintes:

"Os negocios de fabricação de fusís de repetição ou carabinas para o fornecimento á Russia, Japão, China e Abissinia serão realizados em beneficio comum, distribuindo-se os lucros entre os grupos conforme uma determinada escala.

"As fabricas pertencentes aos grupos, reciprocamente se prestarão o maior auxilio possivel, para que cada uma delas possa fabricar com a maior rapidez e economia.

Para esse fim, cederão, umas ás outras, gratis e a titulo de emprestimo, os desenhos e escalas dos modelos pedidos e pelo preço do custo, os instrumentos e calibres necessarios.

"O preço das armas encomendadas e as condições das ofertas deverão ser objeto de acordo entre os dois grupos.

"Para os fins expressos no paragrafo primeiro, é criada uma caixa em comum, na qual entrarão

com 15 francos por arma as fabricas que se encarregarem, em cada caso, da produção, distribuição e cobrança dos fusís ou carabinas, objeto do presente convenio."

Com relação a Krupp, o livro de Otto Lehmann tem documentação expressiva e largamente desenvolvida. Dias antes da guerra de 1866, o governo de Berlim pede confidencialmente a Krupp que não venda armas á Austria sem seu consentimento.

Krupp responde que não pode deixar de cumprir um contrato. E em abril de 1866, escreve ao ministro da Guerra prussiano, von Roon: "Sei muito pouco das circunstancias politicas. Continúo trabalhando tranquilamente; porem, si não posso seguir fazendo-o sem perturbação da harmonia entre o meu patriotismo e minha honorabilidade, abandonarei o trabalho, venderei a fabrica e viverei como homem rico e independente."

Assim, na batalha famosa de Koniggratz, os alemães se destroçaram, entre si, com canhões alemães e os lucros tambem couberam á Alemanha.

E' interessante ainda divulgar a troca de correspondencia entre Krupp e Napoleão III, publicada no "Diario de sessões do Reichstag" — N.° 144. Sessão de 19 de abril de 1913 — denunciada pelo grande Karl Liebknecht.

"Fundição de aço Friedrich Krupp. Essen, 29 de abril de 1868.

França.

A S. M. Napoleão III, Imperador da França.

O interesse que V. M. se dignou demonstrar por um modesto industrial e pelos felizes resultados de seus trabalhos e de seus inauditos sacrificios, faz com que me atreva a solicitar novamente a sua soberana atenção, com o pedido de que guarde o catalago junto, o qual integra uma coleção de desenhos de diversos produtos nóvos de minhas oficinas. Espero que as quatro paginas ultimas, nas quaes aparecem os modelos dos canhões de aço fabricados por mim, para diversos governos europeus, atrairão especialmente a atenção de V. M. e desculparão o meu atrevimento. Com o mais profundo respeito e a maior admiração . . ."

Resposta:

"O Imperador, com grande interesse, viu o catalogo enviado e manda que se lhe manifestem seus agradecimentos e se lhe faça saber que S. M. faz votos pelo exito e prosperidade de uma industria

destinada a prestar grandes serviços á humanidade."

Segundo declarações da casa Krupp, em 1912, até a morte de Alfredo Krupp, em 1887, foram fundidos em Essen, 24.576 canhões, dos quaes só 10.666 ficaram na Alemanha; 13.910 passaram ao extrangeiro.

Depois, até fins de 1911, a cifra anterior elevou-se a um total de 53.000 canhões, dos quaes ficaram na Alemanha 26.000, sendo exportados 27.000 a 52 paizes extrangeiros.

Antes da grande guerra a industria dos armamentos da *Entente* achava-se totalmente nas mãos de Basil Zaharoff. As mulheres eram as suas melhores auxiliares. Entre ellas, a duquesa de Villafranca de los Caballeros, princesa de Bourbon por seu nascimento e prima do rei da Espanha. Foi dono das bancas de jogo de Monte Carlo, amigo do rei e da corte da Inglaterra, *persona grata* dos poderosos, dos governos europeus e do mundo elegante. Controlava e dirigia firmas importantes de armas e munições, provocou serios conflitos e auxiliou, como já vimos, a movimentos armados como os de Adb-el-Krim e Venizelos.

Lançava mão de tudo para fazer grandes negocios. Segundo as circunstancias punha-se ao lado de reacionarios ou revolucionarios, auxiliando-os com os seus capitaes.

Impossivel continuar a citar a documentação do livro de Otto Lehmann; seria preciso transcrever toda a obra "A Internacional sangrenta dos Armamentos" — para a qual chamamos a atenção dos interessados em desmascarar o jogo macabro do alto patriotismo de negocios.

O papel da imprensa em tudo isso é extraordinario. Os prostituidos do jornalismo se prestam a tudo: são os lacaios dos grandes armamentistas. Mais ainda que o corpo, vendem a conciencia, vendem o pensamento e vendem o proximo.

Em 1907, as fabricas alemãs de armas e munições de Karlsruhe dirigiram ás suas congeneres de Paris a seguinte carta denunciada por Liebknecht na sessão de 18 de abril de 1913, no *Diario de sessões do Reichstag*:

"Acabamos de lhes telegrafar, rogando-lhes esperassem carta. A razão desse telegrama é que desejariamos que um diario francês de grande circulação, si fosse possivel o *"Figaro"*, publicasse um artigo neste sentido:

"A administração militar francêsa decidiu dar

novo impulso á compra de metralhadoras para o exercito, dobrando o numero primeiramente fixado.

"Rogamo-lhes façam o possivel para conseguir a publicação de tal artigo."

Entre as firmas está a do conselheiro de arquitetura Paul von Gontard. Alguns anos depois, os dividendos da empresa subiam de 20 a 32 por 100.

Vejamos a continuação da trapaça jornalistica. O *Figaro* não poude publicar o artigo, tal como foi proposto. Seria escandaloso para o patriotismo francês e o ministro da Guerra poderia desmentir formalmente a um *grande e conceituado* jornal. Mas, as cousas se arranjam de outro modo. Poucos dias depois, o *Figaro, Le Matin* e o *E'co de Paris* coincidem — *casualmente* — em publicar artigos sobre as vantagens das metralhadoras francêsas e a grande superioridade que daí resultava para o exercito francês. Com taes periodicos na mão, o deputado prussiano Schmidt, aliado da metalurgia alemã, interpelou ao chanceler do Imperio, perguntando-lhe que pensava fazer o Governo para controlar a ameaça francêsa. O Reichstag, assombrado e assustado ao mesmo tempo, concedeu,

por grande maioria e sem discussão, os creditos necessarios para o aumento de metralhadoras.

Casos como este, Otto Lehmann cita ás duzias, terminando com a proposta de um anonimo: o unico meio para evita-lo consistiria em "enforcar a todos os jornalistas."

Bem razão tem Oswald Spengler nas suas paginas magistraes em relação á imprensa mercenaria dos nossos dias angustiosos, na agonia da civilização ocidental.

A imprensa moderna é um bordel hediondo no qual tudo é licito e o vicio da prostituição aceita quanto se lhe offerece — dinheiro, honrarias, condecorações, posição ou o beija-mão servil nos banquetes oficiaes e nas recepções dos magnatas.

E os jornalistas aprendem a dobrar-se em dois, "como um canivete" . . . até perderem totalmente a espinha dorsal, até que a conciencia tome as cores do camaleão.

O escandalo Shearer

O "caso Shearer" demonstra que a Internacional Armamentista dispõe de poderósos agentes nos mais altos póstos politicos.

Por ocasião da Conferencia Naval em Genebra (27 de julho de 1927), antes mesmo, as grandes Companhias de Construções maritimas dos Estados Unidos puseram-se todas de acordo para impedir a limitação dos armamentos. Para isso, precisavam, na Conferencia, de um representante do governo, cuja autoridade se opusesse terminantemente á redução dos armamentos.

Mr. Shearer aceitou a representação desse papel. Foi nomeado perito naval da Delegação norte-americana na Conferencia de Genebra. Foi patriota, energico, intransigente. Elogiadissimo — pelo interesse em torno dos interesses de seu país.

Mr. Shearer estava tambem a serviço dos grandes industriaes de armamentos dos Estados Unidos. E. G. Grace, presidente da Bethleem Steel Shipbuilding era um dos seus patrões.

Os industriaes afirmaram lhe haver oferecido 25.000 dollares; Shearer reclama a oferta de ..... 250.000 dollares. Recusada a quantia, Shearer resolveu revelar o papel representado por ele na Conferencia de Genebra.

Shearer confessou mais, não estar agindo só. Tinha cumplices de grande autoridade nos meios politicos americanos.

Chegou a possuir o famoso "Livro Azul" cuja posse só é autorizada aos altos funcionarios da Marinha. E' a estatistica sobre o estado das frotas mundiaes. Esse documento lhe foi facilitado por um almirante — afim de defender a causa dos industriaes de armamentos.

E' assim que Shearer e Kellog representam bem a farça politica do país da estatua da Liberdade . . .

Depois da Guerra

A industria de armamentos, após a guerra, não se limita ás armas e munições.

Hoje faz parte integrante da industria de armamentos — material das estradas de ferro, industrias quimicas, oleos, gazolina, petroleo, fabricas de celulose, de adubos, de materias corantes, minas de carvão, toda a industria pesada de aço e ferro, a industria optica, construções de aeronaves, estaleiros navaes, navios mercantes, tudo quanto se refere á industria dos transportes, laboratorios de pesquizas no dominio da fisica, da bectereologia, etc. etc.

O afan com que toda gente trabalha para re-

solver o problema da gazolina procurando-lhe um sucedanio, é a prova de que exercitos e fuzís e metralhadoras passaram a anacronismos em relação ás guerras modernas. As nações mais aparelhadas para a luta armada não são as que possuem mais couraçados ou mais soldados ou mais canhões: são as que teem gazolina.

Todas as industrias mais inocentes são transformadas hoje em armas de guerra, no momento desejado, inclusive adubos, inclusive as fabricas de tintas. Tiram-se gazes de todas as industrias. Impossivel, pois, o desarmamento geral. Todo o segredo das guerras modernas está no petroleo e na gazolina, si pusermos de parte o perigo mortal da electricidade nos "raios invisiveis" e nos "raios da morte".

Cada dia inventam-se novas armas de guerra. Não ha vantagem na fabricação de grandes "stoks". A tecnica moderna está em saber aproveitar tudo, no momento preciso, e transformar toda a industria em industria de material belico.

E' inutil pensar no desarmamento. Inutil mesmo o desarmamento total.

"A guerra chegou a ser tão tecnica, tão mecanica que toda grande Empresa industrial é *um arsenal em potencia*. A fabrica que produz maquinas de imprensa ou helices, póde, em qualquer momento, produzir granadas."

Seria necessario "destruir a industria em sua totalidade."

Mesmo isso, absolutamente inutil.

A conclusão é a do general inglês J. H. Morgan, em um livro publicado em 1924:

"Ha tres cousas que é impossivel destruir: o homem, a industria e a ciencia."

Assim, logica é a conclusão:

"A guerra só desaparecerá, quando deixar de ser um negocio."

E, cada vez se intensifica mais a produção de material belico, e, longe dos grandes armamentistas se afastarem da imprensa, tal como propoz alguem da Sociedade das Nações, pelo contrario firma-se mais o laço de ferro entre os Consorcios da Internacional de Armamentos e os Consorcios dos grandes Diarios Associados.

As pequenas industrias, os pequenos jornaes não se aguentam: são absorvidos pelos "trusts" dos grandes industriaes.

Tambem a imprensa faz parte hoje do mate-

rial belico da Internacional Armamentista, do mesmo modo que as Agencias Telegraficas.

O meio de combater a guerra não póde ser o preconizado por Otto Lehmann ou outros tambem sinceros, resumidos nestes principios:

1.° Que o material de guerra não constitua fonte de beneficios particulares.

2.° Que o material de guerra não seja objeto de exportação.

3.° As fabricas particulares, de munições, serão obrigadas a publicar regularmente as contas em que se reflete a marcha do negocio, as quaes serão objeto de comprovação.

4.° Aos possuidores de ações de fabricas particulares de munições é *proibido* interessar-se em empresas analogas, *de outros países*.

5.° Tanto a essas pessoas como ás fabricas particulares de munições e seus conselheiros e diretores é proibido adquirir a propriedade de periodicos, dirigi-los ou exercer influencia sobre elles."

O meio de combater a guerra não se resume em coloca-la fóra da lei, nem na "defesa nacional"... dos pacifistas da Sociedade das Nações, nem no desarmamento.

O meio unico, eficaz, é individual; é a objeção de conciencia, é a deserção heroica, é a proteção aos objetores, é a assistencia aos desertores. E' não contribuir, de nenhum modo, para a loucura coletiva do massacre do genero humano.

Acorrentar Prometeu

Sob esse titulo, Joseph Caillaux, homem de Estado, burguês e reacionario, escreve um artigo bem documentado, contra as proximas guerras. Caillaux não é dos nossos, a sua conclusão, porem, embora utopica, é a de uma conciencia iluminada por uma centelha de revolta contra o patriotismo de negocios, ou melhor — contra o Everest da ciencia deshumana.

Chega á conclusão de que não ha meios para evitar a intoxicação pela guerra dos gazes. Cita: "Já peritos, pertencendo a quinze paizes, convocados pela Cruz Vermelha, reuniram-se em duas sessões: uma em Bruxelas, outra em Roma. Desgraçadamente verificavam que havia extrema dificuldade em proteger eficazmente as populações civis em casos de ataque areo-quimico."

As mascaras já foram póstas á margem, por insuficiencia de preservação, estamos fartos de o saber. Demais, a tecnica moderna, aperfeiçoadissima, tudo resolverá com o torpedo aereo, aproveitando a ideia dos fógos de artificio... Não ha saída.

A conclusão de Caillaux é a seguinte:

"Si o homem quer viver, é preciso acorrentar o novo Prometeu: a ciencia."

Humanamente impossivel. A febre dos laboratorios, das pesquizas, dos descobrimentos, das invenções — para fins industriaes — aumenta, progressivamente, todos os dias.

As industrias, a éra da maquina não pode desaparecer no regime capitalista.

A cupidez do homem coloca-o a serviço de tudo o que ha de mais abominavel — em nome da luta pela vida — pró patria, pró progresso material, que todos denominam civilização.

Aí estão as tres cousas impossiveis de exterminar: o homem, a industria, a ciencia. Só exterminando a todo o genero humano...

Assim, impossivel encadear Prometeu.

A solução, repito, é a objeção de conciencia,

é a deserção, a não-violencia heroica, a suprema resistencia, o *Não Matarás,* a mentalidade nóva para o protesto conciente contra a perversidade humana organizada, contra a imbecilidade social.

IBSEN E A ACADEMIA DE LETRAS

"Rio, 26-4-928. (A. B.) — Realiza-se hoje, ás 17 horas, a sessão publica da Academia Brasileira de Letras, comemorativa do centenario de Henrik Ibsen.

Ocuparão a tribuna os Srs. Roquette Pinto, Coelho Netto, Antonio Austregesilo e Affonso Celso, os quaes esplanarão, respectivamente, as seguintes teses: "A filosofia de Ibsen", "Solness, o Construtor" e Considerações em torno da psico-patologia na obra de Ibsen."

Dos Jornaes.

Cada face do problema de Ibsen circula em torno do seu profundo individualismo, sintetizado nesta frase: "O homem mais forte do mundo é o mais solitario."

Ibsen foi contrario, portanto, a todo e qualquer rebanho humano, e mui principalmente ao que se reune sob a chapeta de Academia de Letras.

Perseguido pela literatura oficial, isto é, pela literatura academica e politica, a qual não podia suportar a sua independencia, a sua individualidade, o seu genio, Ibsen combateu, corajosamente, a sociedade — sempre a mesma limitação aniquiladora das energias individuaes; foi contra partidos, seitas, nacionalismos, patria, bandeiras, contra toda essa moral de rebanhos, defensora da sagrada instituição da familia — protegida pelos literatos e academicos — contra politicos e moralistas, contra os vendidos á organização social de privilegios e contra os domesticados ás convenções mundanas.

Morto, o genio norueguês é aplaudido e comemorado e homenageado pelos governos, politicos e pelos academicos!

Homens em rebanho e disfarçados em uniformes — macúlam a filosofia e ultrajam a memoria de Ibsen.

E' ignobil a desfarçatez com que a literatura oficial se apodéra dos maiores genios da humanidade para molda-los ao vasio das suas expressões retumbantes, sonóras, sentimentaes ou "cientificas"...

A Sociedade e o Estado são sempre teatraes.

Cada um dos quatro academicos brasileiros,

visto, isoladamente, como intelectual, tem grandes qualidades.

Quanto ao mais, não os conheço.

Roquette Pinto é vasta notabilidade no seu ramo cientifico, e o seu estilo é admiravel de beleza, de lirismo, de sensibilidade estetica.

Mas unido ao rebanho academico, incensado pela sociedade elegante, "moço bonito", é capaz de acabar fechando o laboratorio para abrir o oratorio . . . Já é patriota, nacionalista, embóra os seus vôos infinitamente relativos . . . pela antropologia tão limitada, e as suas especulações cientificas.

Muito podem as honrarias e o ambiente.

Austregésilo, á parte aquela perversidade inominavel de Antonio Torres, chamando-o de "estrela" da *Companhia de Letras*, é, dizem, grande neurologista de "chapa" literaria . . .

Coelho Netto é magistral em algumas de suas paginas, como, por exemplo, em alguns dos seus contos do "Jardim das Oliveiras", em que a sua piedade humana vê os privilegios barbaros desta sociedade de exploradores. Mas, escreveu poemas em honra da sagrada eucaristia . . . ou qualquer cousa semelhante.

E chega a ser vulgarissimo.

Affonso Celso — monarquista, moraliteista, catolico-romano — elogiando a Ibsen!

Cientistas academicos e nacionalistas dissertando em torno da filosofia libertaria de Ibsen, sufocando o genio ibseniano, dentro da enfase doutrinaria de uma psico-patologia qualquer!

Como é facil chamar de louco ou de doente ao homem livre, á conciencia incorruptivel que se não vende, que se não domestica, que não verga ante as seduções (tão pouco sedutoras para os genios) da "imortalidade" e da gloria efemera e exibicionista de um uniforme grotesco — para o goso de um instante de mundanismo.

Qual desses literatos, cientistas e academicos seria capaz de dizer á sua esposa aquela frase de Wangel: "E's livre, faz o que quizeres e é tua, unicamente, a responsabilidade de teus gestos."?

Qual deles teria a atitude nobre desse Wangel de "A Dama do Mar", que não tenta prender sua mulher, nem mesmo pela persuasão, quando ela vae seguir outro amor, convencido de que todos os sêres são livres e ninguem tem o direito de cercear a liberdade de outrem?

Porque Ibsen não faz literatura: indaga, estuda problemas, aliás sem pretender resolve-los, porque cada individuo tem o seu problema e a sua esfinge e ha de procurar a solução que lhe convem, particularmente, individualmente.

"Sê tú mesmo e em toda a plenitude das tuas forças" — é a filosofia ibseniana.

Qual desses academicos aceita a conclusão de Ibsen em "A Casa de Bonecas"?

E' tese absolutamente "escabrosa" e imoral para a moral comoda dos literatos academicos, para a literatura oficial e para os medicos, *necessariamente pais de familia,* a de Nora, abandonando o lar, os filhos, o marido, simplesmente porque não póde mais amar a esse marido vulgar como todos os maridos que pontificam a sua proteção aviltante, e porque Nora sentiu que toda criatura tem o direito de buscar a sua realização interior, de reivindicar a liberdade individual, que todo sêr tem o direito a ser respeitado nos seus sonhos, nos seus ideaes e até nos seus gestos espontaneos de bondade, castigados pela lei inexoravel dos homens.

E, principalmente, por que enganar aos fracos e aos ignorantes? Por que cultivar a ignorancia e a inconciencia feminina?

Nora, de Ibsen, é um protesto contra a educação, medieval ainda hoje, e que faz da mulher

um parasita social ou instrumento de trabalho (segundo a classe a que pertence), "bibelot", boneca, lulú n.° 1, cousas tão queridas da literatura e dos academicos . . .

Nora se desembaraça da hipocrisia do lar e da familia, convencendo-se de que o casamento é um negocio que satisfaz á "sagrada instituição" e á sociedade: a verdadeira união é baseada no amôr conciente da liberdade e na conciencia livre e esclarecida do homem tanto quanto da mulher.

Helmer é o tipo do marido: sensato, considerado; educa, protege, acusa e julga, perdôa ou condena, aplica a pena merecida.

Nora acórda e despedaça, altivamente, os grilhões que a prendem a essa familia de mentira.

Como é que essa gente, prêsa ás convenções sociaes dos rebanhos, incapaz de dar mão forte, publicamente, á maternidade livre e conciente, á mulher verdadeiramente emancipada — tal como a sonhava Ibsen — como podem os homens da moral social e que educam suas filhinhas nos "Sion" e nos "Sacré-Coeur" — elogiar a obra mascula e humana do genio ibseniano?

Comedia literaria!

"O Pato Selvagem", "A Casa de Boneca",

"A Dama do Mar" — são problemas focalizando a emancipação sexual da mulher, defendendo a sua individualidade.

E' lá tese para uma academia, para academicos elegantes?

Si as Academias e os homens politicos elogiam a Ibsen, que resta para nós outros, os indesejaveis da literatura e do jornalismo oficial, nós outros que não temos um jornal para dizer dos nossos sonhos, nós outros, sabotados pelos editores e pela imprensa oficial nas mãos dos academicos e dos mercantilizadores da pena, nós outros da corrente de Ibsen e apontados com o dedo como vozes indesejaveis, nós que, voluntariamente, nos colocámos, como Ibsen e tantos outros, fóra da lei, da moral e da sociedade — para a defesa sagrada das nossas verdades, dos ideaes de amor e liberdade, para a defesa dos sonhos do individualismo livre, da "vontade de harmonia"?

"Brand" é o problema religioso, é o problema do apostolado: ái daquelles que pretendem um ideal de regeneração social!

A'i dos que teem a ilusão de edificar a sociedade futura apelando para o rebanho humano!

"Brand" é o protesto contra a tirania das massas, contra a ingenuidade do apostolado.

O povo vive de "mentiras vitaes" e, quem tentar persuadi-lo de que as recompensas só veem da vida interior — é sacrificado, impiedosamente, inutilmente, por essa mesma multidão, ululante de entusiasmo, que vae atrás do edificador de Igrejas, enquanto não o ouve dizer que "toda Igreja é uma mentira."

"Inimigo do Povo", da moral, da sociedade, da religião, é todo aquele que se eléva acima dos preconceitos, dos interesses, das convenções, do exibicionismo ou do fausto academico, é todo aquele que tem a coragem de proclamar bem alto as suas verdades contra as "verdades mortas" dos rebanhos ou dos interesses inconfessaveis.

"Espectros" é outro aspecto do problema ibseniano. Que beleza, que admiravel lição sintetizada na frase de Oswald á sua mãe, protestando contra a degenerecencia pelo vicio, contra a fatalidade hereditaria impréssa a ferro em brasa na sua existencia de sacrificado: "E que especie de vida me déste! Não t'a pedi. Devolvo-t'a."

E' o acumular de taras e hipocrisias na ociosidade parasitaria e nos vicios dos ricos piedosos e caridosos.

Essa tese póde lá ser defendida em Academias, por literatos "rafinés" que, si chegam a ser sinceros, teem a "sinceridade do éco"?

"Peer Gynt" é o ridiculo do individualismo egoista.

"Edda Gabler" é a vontade de dominio, o individualismo autoritario.

Ninguem tem o direito de impôr a sua vontade a quem quer que seja ou de procurar influenciar sobre um destino: as consequencias não se fazem esperar. E' a desgraça do que quer dominar e do que reage ou aceita, docilmente, esse dominio.

Cada qual só póde influenciar por sobre a sua propria natureza, mas, êxigir dos outros é mais facil do que exigir de nós mesmos.

Como a gente aprende tarde tudo isso!

Como é preciso reagir contra o que nos ensinaram, para perceber essas verdades inscritas nos pórticos da nossa conciencia!

Werle, em "O Pato Selvagem", é ainda o apostolado, o problema da ingenuidade do reformador: todos os que se não aproximaram ou não realizaram o individualismo estoico, teem necessi-

dade das "mentiras vitaes", desde as mais baixas e mais interesseiras até as que se escondem por sob a capa auri-verde das bandeiras, das patrias, dos nacionalismos patrioticos e guerreiros ou das revoluções saneadoras . . . ou por ingenuidade, ou por incoerencia, ou por interesse, ou por fraqueza, ou pela incapacidade de trazer sempre os olhos abertos, ou pela vontade de dominio.

Mesmo o individualismo póde ser a mascara do egoismo, da sordidez, de baixezas ou até do delirio de poder de um Nietzsche dansarino, "a ultima moda da loucura".

No "reino do grande misterio" só penetra aquele que, fóra da lei, do preconceito de familia, de sociedade, de religiões, fugindo á tirania que quer dominar ou que quer persuadir, fugindo aos deveres sociaes impóstos pelo rebanho com a sua domesticidade e as suas ilusões, — procura, em si mesmo, uma energia interior que é fonte do carater incorruptivel e da pureza e coragem de ir contra a maré — para se tornar, cada dia mais, o Humano livre, o Individuo clarividente.

Ibsen sufóca dentro de Academias.

Ibsen só póde respirar ao ar livre, em Panteon aberto.

Si Ibsen saísse agora da sepultura e si se visse fechado em uma sessão academica, talvez gritasse, amargurado: — "Comediantes! Si eu fosse vivo, nenhum de vós me reconheceria!"

Consola-nos ter em mãos o numero especial de *"Le Semeur"*, dedicado a Ibsen e a "plaquette" respectiva, reproduzindo o magistral ensaio em torno da filosofia ibseniana, feito por outro Homem Livre — Han Ryner — e estudos de individuos como Henry Bauer, Laurent Taillade, Gérard de Lacaze Duthiers e outros e muitos outros de igual valor, alguns dos quaes reconheceram a Ibsen quando os academicos o apedrejavam.

"Le Semeur" apaga, assim, a triste lembrança das homenagens prestadas ao genio escandinavo — pelos governos, pelos politicos, militares, moraliteistas e academicos.

DOMESTICANDO

Os jornaes de São Paulo trouxeram longas noticias a respeito do "homem do mato", capturado com dificuldade pelas autoridades de São José dos Campos, *"afim de ser domesticado"* . . .

E foi a piedade christã do vigario de Buquira.

"Condoido da sua sorte", pediu ao delegado de policia de São José dos Campos, providenciasse para a "domesticação do selvicola."

Durante 12 annos João Pedroso viveu absolutamente livre do convivio humano, temendo menos as féras e os reptis e os mosquitos que a cupidez e o egoismo brutal e a concorrencia barbara dos civilizados.

João Pedroso deveria ter-se internado pela "selva escura" mais ou menos aos 30 annos de idade, "em meio do caminho" . . .

Que teria levado essa alma simples a procurar na solidão, no isolamento, no seio da natureza, em

plena vida livre o que lhe não foi possivel encontrar na sociedade?

E com que direito a sociedade intervem em uma dessas definitivas decisões do individuo, para obriga-lo a "domesticar-se", para "civiliza-lo" novamente, para traze-lo ao convivio dos homens?

E isso em nome do Cristo, individualista livre que tambem teve que fugir para o deserto, para recuperar forças — afim de entregar a face ao beijo de Judas e á bofetada social.

Nesses 12 annos, que estupenda evolução operou-se nas criptas profundas desse solitario das matas!

Pobre João Pedroso! *Domesticado* pela piedade cristã, *civilizado* pelo progresso material, obrigado nóvamente ao convivio da sociedade, aturando aos homens de "odôr cruel" e ao ruído pavoroso das suas maquinas e ao tilintar azinhavrado das suas moedas e das suas façanhas, de caftens da conciencia . . . bonita domesticidade, linda catequeze, admiravel piedade humana!

Nem o direito de fugir, de isolar-se para uma purificação interior, nem ao menos o consolo de se sentir livre, no convivio panteista da natureza!

E' um simbolo a capturação de João Pedroso.

Todos nós, aliás, somos capturados ao primeiro vagido. Tão bem o descreve Rousseau!

A educação, desde o batismo e o Jardim da Infancia até a Universidade, as academias cientificas ou literarias, a nação, a patria, a sociedade em suma, com todas as suas indispensaveis ramificações — religião, familia, Estado, — apodera-se da criatura humana, captura-a no berço e a leva ao tumulo — *domesticando-a, civilizando-a,* "condoída" pela sua ignorancia, penalizada da sua cegueira, numa piedade verdadeiramente cristã . . .

E' a parabola ryneriana, a parabola de

"O Pôvo Cégo"

e me não posso furtar ao desejo de a traduzir para os meus leitores:

"Nesse país a luz é mais doce que na propria Grecia. O clima alí, é tão igual que ninguem tem necessidade nem de vestimentas nem de casas. As bagas silvestres aí brotam fartamente e mais saborosas que os mais bem cultivados dos nossos frutos.

Uma planta orna, por si mesma, a margem de todos os caminhos, dez vezes maior que o nosso trigo, e, em vez de espigas, dá pães deliciosos.

Mas, os grandes e os padres são de natural invejoso: os bens que não constituem privilegios e superioridades para eles, perdem todo preço.

Organizaram a cidade de maneira a gosarem sozinhos, livremente, das vantagnes do país.

Proibem os outros homens de colhêr os pães e as frutas e deixam apodrecer enorme quantidade de nutrição. Distribuem viveres insuficientes aos pobres. Para eles, descobriram a arte de "deitar cargas ao mar" e de comer imediatamente depois. Aliás, são desgraçados, sempre entorpecidos e dolorósos de indigestão, sempre inquietos com a idéa de que, sem duvida, em algum canto mal policiado do imenso país, lhes roubem um pouco do que, afirmam eles, lhes pertence.

Encontraram, entretanto, ha alguns seculos, um meio de se tranquilizar em parte.

Logo que nasce um filho do povo, as suas palpebras são fechadas com uma pasta que sabem preparar os padres e certos servidores dos ricos, denominados sabios. Assim, os grandes, os padres e os sabios, só eles gosam da luz.

Muitas vezes fustigam os outros homens, os quaes, reconhecendo a sua inferioridade, curvam

a cabeça. Mas, os pobres são, entre si, de espantosa brutalidade.

O ouro parece inutil em tal país. Entretanto é muitissimo apreciado. Algumas vezes, as mãos tacteantes e investigadoras de um cégo encontram um tesouro. Então, os magistrados se reunem. Examinam algumas das circunstancias que precederam ou acompanharam a descoberta. Essas circunstancias parecem futeis e indiferentes a quem quer que seja que não tenha estudado as suas leis.

Os magistrados, porem, descobrem nelas o que denominam justiça e proclamam que o inventor do tesouro deve ser condenado á morte ou que é preciso traze-lo para a classe dos videntes. Então, com uma agua da qual os padres guardam o segredo, descolam as suas palpebras.

Entretanto, os grandes, os padres e os sabios ensinam ao povo que o país é horrivel de se vêr, e que, sem a sua sabia administração, a calamidade publica, a miseria sería aí, contínuo flagelo.

Desolam-se, em altas vozes, pelo fato de ser obrigados a conservar os olhos para conduzir, através dos horrores da região, a seus irmãos mais felizes.

O povo canta com eles o seu devotamento e

a doçura de viver com os olhos fechados, sem o trabalho de se conduzir.

Aliás, a morte, afirmam, abre os olhos dos pobres em uma bela região, amavel como um beijo que nunca mais terá fim.

Os ricos, os padres e os sabios teem, entre todas as suas inquietações, terrivel angustia.

Algumas vezes, com efeito, um homem do povo sente seus olhos se abrirem.

Dá-se o acidente de dois modos. A's vezes, durante todo um dia, um miseravel escapa ás ciosas vigilancias, e, através das suas palpebras fechadas, procura vêr um mesmo objeto.

As palpebras, pouco a pouco parece adelgaçarem-se transparentes e o objeto lentamente se torna distinto. A' hora em que o crepusculo incendeia o céu, o objecto, pacientemente observado, toma, emfim, linhas precisas e os olhos se abrem. O homem que gosa, de repente, á vista do conjunto das cousas, agita-se em uma felicidade muito violenta e grita maravilhado.

Outra vez, tambem, um pobre diz:

— Quanto a mim, aceito a minha condição, uma vez que tenho a força de a conduzir. Mas, por-

que os deuses dão fardos tão pesados a tantos sêres fracos que ouço gemer e tombar?

Si essa piedade é assás forte para fazer chorar, eis que o misericordioso sente suas palpebras se levantarem livres e vê, tremulo, em uma emoção, mixto de amor e piedade desolada, vê as cousas e os sêres agitarem-se em derredor.

Ora, si os nóvos videntes se calam deante do povo, ou, si consentem em louvar a condição dos cégos, são suportados. Muitas vezes mesmo, são convidados a entrar para um colegio de padres ou de sabios. Si um deles pratica a imprudencia de louvar publicamente a luz, a sua boca é fechada com uma mordaça e o arrastam para o exilio.

Mas, si atráe o odio da sua patria e da organização social até querer explicar por que meios os olhos se pódem abrir, então os grandes, os padres e os sabios dominam a sua voz com os seus gritos.

Acusam-no de enganar o povo e teem o consolo de vêr a multidão, em um impulso magnificamente unanime, atirar-se por sobre o mentiroso e o matar."

. . . . . .

Pobre João Pedroso!

Coragem, ó meu irmão.

Aqui, na Terra, dentro desta organização social cheia da piedade cristã tão admiravelmente descrita na magistral parabola de Han Ryner, não ha florestas impenetraveis aos olhos da caridade... Para aonde quer que fujamos, ainda que nos internemos nos sertões ou nas matas silenciosas das vozes humanas e rumorejantes dos duendes das lendas, por toda parte a piedade social nos irá buscar para a "domesticação", ou para civilizar-nos ou para nos amordaçar, "condoida" da nossa sorte...

A vida de João Pedroso é um simbolo.

OS TRINTA DINHEIROS...

As Irmãs de Caridade do Sion, no Rio de Janeiro, recusaram aceitar no respectivo Colegio, nas Laranjeiras, a linda filhinha do casal Procopio Ferreira, pelo fato de ser a filha de um ator.

E declararam que não recebem nem filhas de atores nem crianças de côr, *"ainda mesmo que pertençam á sociedade."*

***

Os Judas de hoje não se enforcam. Acumulam capitaes e o seu representante maximo intitula-se Papa-Rei.

Santa humildade cristã!...

Os Judas de hoje pertencem á "alta" sociedade burguêsa, são acionistas de "trusts" e de bancos, abrem os salões ás embaixadas diplomaticas, batisam as armas de guerra, vestem purpuras e os-

tentam nos dedos joias cintilantes e abençoam o mundo, das janelas sumptuosas dos seus palacios magnificos, e acumulam galerias de Arte e possuem os mais ricos museus da Terra e compram os primeiros ministros e vendem-se a tiranos e reivindicam o poder temporal.

Santa pobreza do Rabi da Galiléa!

Santa simplicidade cristã!

⁂

Mercadores do Templo . . .

Que infinito e que eternidade entre os principios cristãos dessas "esposas de Cristo" e a bondade imensa de Jesus — simples, pobre e humilde de coração.

Deixai vir a mim os pequeninos . . .

Os pequeninos de que fala Cristo, de certo não são as filhas do rei da Italia ou de Mussolini, de Matarazzo ou do Rei Boris, de Carol ou de Alberto da Belgica, de Poincaré ou de Clemenceau, de Krupp ou do General Percin, as filhas da alta burguesia do açambarcamento das riquezas ou do poder.

As "filhas do Senhor", as "esposas misticas de Cristo" nunca ouviram falar, nunca perceberam

a razão de ser do manso e meigo Rabi de Galiléa, nascido na mangedoura, filho natural de Maria, filho do Amor, protegidos pela alma imensa e pura e amorosa de um velho carpinteiro contra o puritanismo farisaico dos sacerdotes e da moral social, que os lapidariam a ambos — não fôra o gesto nobre e heroico de José, tão alto, tão vasto que ainda não conseguiu ser interpretado pelos sabios da Escritura . . .

As "filhas do Senhor" só conseguiram aprender de cór e recitar a palavra de uma revelação clerical.

E, de Cristo, nasceu o Cristianismo tartufo. E, de Jesus, fizeram o Jesuitismo da Inquisição e das fogueiras, do confessionario e dos Autos de Fé, de Mussolini e de Tacchi Venturi, do oleo de ricino e do manganelo . . .

Santa sabedoria cristã . . .

E, da humildade mansa do Cristo, nasceu o Vaticano.

Como todas as cousas belas se prostituem!

Como todos os gestos nobres se vulgarizam em contacto com a perversidade humana socialmente, legalmente, moralmente organizada!

Santa covardia do rebanho social!
Cristo nunca foi cristão.

⁂

A pequena Bibi, filha do ator Procopio Ferreira, não tinha 7 annos de idade e iria ensinar cousas feias ás filhas dos ministros e senadores e deputados e generaes e altos funcionarios desta Republica de castos e puritanos, desta democracia carnavalesca de legislação "gôrda" e de capacidade minguada, de "ventre imenso e cabeça insignificante"... a pequenina Bibi é quem iria perverter a próle feminina dessa gente da "alta" e da "bôa" sociedade, iria transmitir suas maldades congenitais aos rebentos degenerados dos Cesares do ouro e dos magnatas do poder, e desmoralizar de vez o Sacro Colegio francês das "Servas do Senhor".

Santa ingenuidade cristã!

⁂

Quando os atores do teatro popular se fazem "nouveaux-riches", frequentadores da sociedade chamada a "bôa" ou "alta", e adquirem e cultivam

o preconceito idiota de uma posição social e falam da sua "honra ofendida", deixam de ser artistas, tornam-se burguêses ortodoxos e merecem que a moral teologica e a honra social lhes dêem no rosto a bofetada do tartufismo.

Dignos uns dos outros. Por isso, o ator Procopio Ferreira considerou-se "desmoralizado" e ofendido nos seus melindres.

Um artista não faz questão da "honra" — o idolo mais voraz e mais feroz da nossa civilização.

Um Artista não entrega a educação de sua filha a esse ambiente fechado e sombrío e duro e egoista e estreito e perverso e cadaverico dos Colegios Catolicos das "filhas do Senhor".

As filhas do verdadeiro Artista educam-se em um ambiente de Liberdade e Amor e altruismo, em contacto com a natureza e com o coração generoso de outros artistas, nos Museus e nas galerias de Arte, ao lado da pobreza, da simplicidade, em meio do desconforto dos sonhadores e idealistas sem patria, sem preconceitos, sem habitos de luxo e de parasitismo, nomades, boemios, o coração aberto para todas as verdades, para todas as dores do mundo, para todos os miseraveis, para todos os deserdados, para os humildes e para os ingenuos.

O verdadeiro Artista sabe que o tartufismo, a hipocrisia são as virtudes maximas da religião catolica-romana.

Fingir, fingir, fingir e aprender a bem colocar a lendaria folha de parra do pudor cristão, de que fala a adoravel ironia de Anatole, eis o escopo da educação dos conventos e das casas de caridade catolico-romanas.

Cristo, inimigo da sistematização de principios, inimigo dos Cesares do poder e Reis do ouro — porque era profundamente humano e amoroso, Cristo é a bandeira de que se servem os mais astutos, os mais habeis organizadores da mais perversa, da mais maquiavelica de todas as religiões.

Quando Cristo chamava a si as crianças, os explorados e os fracos: *Deixai vir a mim os pequeninos,* nunca indagou si entre os pequeninos havia filhos de assassinos, de bandidos, de padres, ministros, capitalistas, diplomatas, reis ou militares...

Cristianismo — a negação de Cristo, pobre, manso e humilde de coração.

As irmãs de caridade desconhecem a Cristo. Conhecem apenas o cristianismo clerical.

*
**

Dóe-me o coração quando penso nesses inumeros e grandes Colegios religiosos das Irmãs de Caridade e freiras e Santos Padres espalhados por todo o orbe a poluir as almas das crianças.

Que o diga Mirbeau.

Que o diga Flaubert e todos os caracteres incorruptiveis que passaram pela vacinação catolico-romana.

Tudo alí é estagnação, é anacronico, é teratologico porque é contra as leis naturaes da evolução das nossas forças latentes.

E' uma adaptação monstruósa para sufocar o *eu* interior e despertar virtudes cristãs como a hipocrisia, a humildade falsa do orgulho e da vaidade, a deslealdade, a astucia maquiavelica, o falso pudor e a elasticidade da conciencia, apta a se adaptar a todas as torpezas — para maior gloria de Deus e da Igreja.

E' o estimulo á delação, á fraude, á mentira disfarçada na sua logica de sofismas.

Que de perversidades condensadas em uma habil organização, para sufocar a alma da criança!

Que de esforços admiraveis para emparedar a criatura dentro de si mesma, adormecer a sua

razão, sufocar a liberdade interior, despertar a natureza inferior dos sêres humanos!

Durante 4 anos frequentei tambem um Colegio de Irmãs de Caridade — dos 6 aos 10 anos, e bastou esse tempo para eu conhecer de perto o que são as escolas desse genero.

As diferenças de criterio para "julgar" e "castigar" os atos inocentes das meninas ricas e das pobres, das brancas e das de côr, tudo olhado com a severidade do pecado e do inferno — esse papão de ólhos esbugalhados noite e dia em cima da nossa infancia envenenada pelo mêdo — a consideração especial em torno das alunas de familias ricas e filhas de politicos, a exploração das meninas de côr a serviço das outras — é inacreditavel como dentro do seculo do radio e da relatividade, de Mme. Curie e de Einstein, de Romain Rolland e de Han Ryner ainda seja esta educação medieval a que se ministra ás crianças e á juventude!

A palavra de Rousseau, de Voltaire, de Condorcet, de Darwin, de Réclus, de Anatole, de Mirbeau, de Maupassant, de Tolstoi, de Ibsen, de tantos e tantos outros é como si fosse letra morta: a Igreja, monopolisadora da educação, e o Estado, seu cumplice, e o Capital, grande acionista dessa

extraordinaria Companhia Anonima Ilimitada, todos se entendem maravilhosamente para massacrar a liberdade de conciencia e cultivar até o infinito a imbecilidade e o acarneiramento humano.

Civilização sacerdotal de vampiros e "profiteurs" da fé e da domesticidade social.

E os grandes açambarcadores, os Cesares do ouro e do poder, magnatas do dominismo e marechaes e generaes e comandantes, todos os assassinos condecorados e gloriósos, os fazedores de cadaveres, cientificamente, á luz das matematicas, da quimica, da fisica, da mecanica, aplicando todos os conhecimentos humanos a serviço da industria guerreira, os reis do aço e chefes de Estado, monarcas ou democratas republicanos, livres-pensadores da facha-da e maçons, ateus e anti-clericaes, todos, absolutamente todos *educam* suas filhas, seus filhos nesses Colegios religiosos da "alta" e da "bôa" sociedade.

Clero e Capital, Governo e Militarismo dão-se as mãos em uma aliança incondicional através do "freio" religioso posto na mulher e através da educação da infancia, na qual a sabedoria sacerdotal põe toda a sua ciencia maquiavelica, amoldando, cinzelando, burilando e imprimindo na alma da criança e da juventude o selo infame que azinha-

vra as conciencias, amordaça a mente, envenena os sentimentos de prejuisos e convenções e idolos que constituem o maior e mais sério empecilho á evolução humana.

Dessa sombría atmosfera dos portaes negros da éra medieval, dessa escuridão pavorosa do fanatismo religioso e da hipocrisia religiosa convencional, elegante, do sectarismo ortodoxo, dos dogmas do romanismo e da confissão que tudo absolve e das indulgencias e graças que tudo prevêem e tudo arranjam a contento dos ricos e poderosos, dessa argamassa demoniaca não admira que sáiam as "virtuosissimas" senhoras com editores responsaveis e que vivem de acordo com a astucia e a conciencia forjada pela educação de tartufismo, e os respeitaveis cavalheiros das negociatas e escroqueries, Cavalheiros da Legião de Honra, nobres e diplomatas e consules e militares e banqueiros e juizes das conciencias alheias, altos dignitarios do tartufismo oficial e prostitutas de alto bórdo.

Obra admiravel da "bôa" educação!

E tudo, para maior gloria de Deus e da Igreja! . . .

"O DRAGÃO E AS VIRGENS"

Não é critica: é divida de gratidão.

Em um gesto oposto a qualquer gesto de elegancia mundana, numa atitude pouco feminina — eu venho beijar as mãos generosas de Afonso Schmidt, pelas lagrimas doces de piedade que me fez chorar ante a leitura desse livro admiravel, si a gente o lê com a alma, sentindo a dôr de viver dentro de uma organização social baseada no privilegio e na brutalidade.

A começar pelo prefacio, do autor aliás, essa novela de uma conciencia livre e de tese social é caricia espiritualizada pela amargura de sofrer a angustia de outras almas, rescende a perfume delicado, é toda a beleza interior de uma criatura a extravasar a sua imensa bondade como benção de ternura por sobre a dolorosa procisão dos tristes e dos explorados.

E' uma palavra de Amor e uma lagrima de luz

de quem sorriu docemente junto á mulher torturada e sentiu toda a sua tragedia silenciosa, prêsa inérme da civilização que mercadeja com a carne feminina e expõe á venda os sentimentos mais delicados do coração humano, como retalha as visceras dos animaes nos açougues ou fabrica o alcool para incendiar os filhos nos ventres maternos.

Afonso Schmidt fala aos oprimidos, aos anonimos acicatados pelo rude mourejar de cada dia, acuados pelo progresso industrial, perseguidos, ludibriados na torpeza de uma sociedade de vampiros, cujas garras e cujas ventosas praticam o exercicio quotidiano de amortecer a sensibilidade humana no estrangular ilóta de todos os verdadeiros forjadores do progresso material — para a voluptuosidade dos ociósos, e no crucificar de todas as mais altas manifestações da beleza sonhada pelo espirito humano.

Afonso Schmidt é unico nesse genero literario no Brasil, e, por isso mesmo, mais admirado no extrangeiro do que na nossa terra, onde as letras patrias de papagaios e verde-amarelismo empolgam pela estreiteza do cenario.

Afonso Schmidt é anacionalista e o seu problema é o problema humano.

A sua arte não é essa pseudo arte de joeirar expressões sonoras com a paciencia de um chinês. A sua arte (que lindo o seu prefacio!) é forjada na rudez do salario para o pão de cada dia, com que os exploradores e os poderósos amordaçam o homem e compram a mulher do povo, sangrando-lhes as mãos e o coração para tripudiarem por sobre a sua dôr inominavel.

Afonso Schmidt sente que "estamos numa epoca em que todos sabem o que é preciso dizer. Quem silencía, tráe; desaparece. Já não ha mais o inutil, ha apenas o prejudicial; é tudo o que pervérte, toma espaço, absorve energias indevidas."

Os seus livros, entre eles — "Brutalidade", "Janelas Abertas", "Mocidade", sua prósa ou os seus versos, tudo quanto esse moço escréve, vae-nos até a alma no perfume do seu imenso espirito de solidariedade para com os que emergem desse incendio voraz denominado civilização ou progresso, para com os que sustentam o sacrificio inaudito de carregar — nóvos Atlas-Briaréu — o peso morto do mundo que se aproveita do trabalho alheio.

***

Este livro tóca mesmo na ferida social que mais dolorosamente sangra: é a historia da prostituição "necessaria" para saciar o apetite sensual do homem que reservou para si todos os direitos de animal na escala zoologica e criou, tambem para si, os direitos de bruto "raffiné" na aquisição de vicios e habitos que o colocam abaixo do irracional chamado, porem, roubou á mulher o direito mesmo de viver a plenitude das suas forças e das suas necessidades, o direito de ser dona do seu proprio corpo e senhora dos seus instintos (parece incrivel que um animal possa governar ou exercer pressão sobre o instinto de outro animal!), roubou á mulher uma parte imensa da sua vida de criatura que evoluciona pelas mesmas leis biologicas de todos os sêres da nossa escala de evolução.

Mas, si o homem, si a sociedade, habilmente e perversamente organizada para a exploração do fraco, tirou da mulher essa parcela importantissima de vida, por outro lado inventou, através do Dragão — o Deus Dinheiro — o meio de tragar as virgens, as predestinadas filhas do povo, devoradas nos lupanares e nos bordéis dessa "necessidade" inelutavel — para a salvaguarda da pureza problematica de outras mulheres, engulidas umas no

casamento legal (outra forma de prostituição), outras acorrentadas ao altar do sacrificio ao Moloc da Honra, pelo relicario da pureza da Familia, de que são depositarias, feitas sacerdotizas, vestaes "protegidas" pelo carinho da sacratissima instituição, transformado em ridiculo, em zombaria, em satiras e ironías mordazes, quando a virgem dobra o Cabo da Bôa Esperança . . . e se torna virgem louca . . .

E esse livro, cheio de bondade, diz essas cousas tristes por entre o sorriso doce de ternura dolorosa, em expressões que são como um cantico lirico de luar afagando as dores do mundo perverso que organizou tão mal a vida tão bela.

Magistral a sua descrição de tudo quanto embeleza artificialmente o erotismo: é o cinema que apresenta a nudez dos "interiores" e a vida ficticia dos "Cabarets" — onde ha alegrias ruidosas porque não ha alegria e porque só ha a busca incessante dos clientes e a concorrencia esmagadora da questão economica; onde a fanfarra de alarido e sons e cores e vicios procuram abafar a amargura de um viver doloroso; são as casas de modas, onde as caixeiras afogam-se em uma caricia de rendas e sedas e adornos de toda especie, em um delirio de

cores e perfumes capitósos e frascos esguios como a ansiedade do imprevisto, alimentando a curiosidade e a emoção em uma atmosfera de luxo e vicio, empurradas violentamente para a prostituição — o unico meio talvez capaz de as adornar de veludos e peles e joias, de tudo isso que passa pelas suas mãos vasias.

Porque, na vida artificial das cidades, é a sedução, o sensualismo absorvente, o fogo do erotismo, a labareda afrodisiaca a correr pelas veias da moça pobre, já descrente do casamento — um balcão, um luxo a que se podem dar as ricas, as que se vendem através do dote ou da posição social.

As outras, as exploradas no trabalho ou as filhas dos funcionarios da pequena burguêsia teem, pela frente, quando falha o casamento (e cada vez vae falhando mais), a tristeza da soledade e da vida mutilada no flagelo da "solteirona" ou a estrada larga da prostituição.

Todos fingem não vêr o drama silencioso da "solteirona", o olhar vago, indefinido, esperando sempre, com a mesma ansiedade dorida, o inesperado, o milagre da felicidade que lhe vae sendo usurpada, cada dia representando um seculo no seu

calendario, enquanto os anos vôam, indiferentes, amortalhando as ilusões mais caras.

E se vão estiolando na "consomption" . . . E, á medida que os dias se alongam, o ridiculo se vae instalando sorrateiro até morar definitivamente ao seu lado, nos seus vestidos, nos seus cabelos, no seu andar, fazendo parte integrante da sua pessoa a ocupar um lugar demais no cenario da vida social, que lhe não quer ceder a parte a que tem direito dentro mesmo da escala zoologica.

A familia e a sociedade não merecem tal sacrificio, e, de que vale a himenolatria para a mulher, o preconceito da virgindade, si todos se riem da "solteirona", da sua atitude de humilhação, das suas roupas insexuadas, da sua melancolia de nostalgica de um sonho sonhado em alturas inaccessiveis?

E' o aspecto mais doloroso dessa via sacra da mulher por entre chacotas interminaveis, começadas no "seio carinhoso da familia" e perdendo-se por todos os recantos da sociedade cristã.

E' o unico premio merecido pelas vestaes do relicario da honra da santissima instituição.

E tudo isso, toda a ronda dolorosa das tristes e das exploradas vem da sociedade moraliteista,

dos privilegios, da civilização nascida "no dia em que houve a partilha da terra, cabendo a uns o pão e a outros a fome".

Para os poderosos, os ricos — o luxo, a ostentação vaidosa, a ociosidade farta empurrando, astuciosamente, o proletario para a engrenagem voraz do progresso, gosado apenas pelos donos da humanidade escravizada ao salario.

Os pobres? O proletariado? Responde Schmidt:

"Depois de ter fabricado a arma que o fuzila e a prisão que o encarcéra, olhou para as mãos e viu que estavam vasias. Protestou e prenderam-no. Tirou um desforro e fuzilaram-no. A historia do povo, individualizada, é um desses contos do vigario que aparecem nos jornaes. Seria para rir, si não custasse oceanos de lagrimas".

Este livro faz doer o coração: é a tortura de todas as mocinhas pobres que levam chapéus e vestidos modelos ás casas das Salomé, das Magdala, vêem o "champagne" espoucar doirado por sobre toalhas de rendas e risadas sonóras de cristaes e por entre os olhares lubricos dos moços ébrios, dos senhores bem vestidos e das mulheres cobertas de joias, quasi núas, e, depois, voltam para o tugurio

triste, irritante na sua ironía honesta, voltam para sentar-se á mesa quasi despida, a comer, silenciosamente, no seio da miseria, do desconforto, do desalento, da desesperança de apertar no coração a felicidade sonhada como nos contos de fadas.

E' a historia do Dragão fabuloso, o Moloc da prostituição "necessaria" a devorar as filhas dos proletarios, interminavelmente, sempre insatisfeito na sua voracidade assombrósa de polvo descomunal a deitar, por todos os lados, os milhões de tentaculos a se multiplicarem em proporções gigantescas á medida que cresce o progresso material e a luta pela subsistencia.

*
**

Habituada a lêr meditando, a pensar profundamente o que leio, a lêr com o cerebro, com a razão, a lêr friamente — nunca para me divertir e sempre para aprender, para penetrar os problemas humanos — este livro me fez chorar, porque é a dolorosa escalada através da torpeza de uma civilização assentada por sobre o vampirismo puritano dos moraliteistas; porque é a angustia da fatalidade criada pelo egoismo sórdido do interesse econo-

mico e bestial; é a descrição do macular de tudo quanto deveria ser só beleza e liberdade e harmonia, no pantanal das ambições e das paixões baixas de toda uma sociedade que tem o odôr metalico do azinhavre e o "odôr cruel" dos instintos sanguinarios.

Esse néo-sadismo fez da sociedade inteira um imenso prostibulo onde toda mulher não tem remedio senão aceitar a imposição do senhor do cofre-forte, do banqueiro, do funcionario, do militar ou do diretor da repartição onde trabalha, do gerente ou do capataz, do caixeiro-chefe, do filho do fazendeiro ou do politico a quem vae pedir o meio de ganhar a vida, "honestamente" . . . pelo seu trabalho.

Nos bancos, nos escritorios comerciaes, nas casas de modas, nas confeitarias, por toda parte a mulher é assediada, é perseguida, é acuada como si obedecesse a uma lei fatal, até caír em uma das armadilhas, das muitas que, em cada canto estão preparadas para apanha-la, ou de surpresa ou pela fome ou pela sedução do luxo.

E' inutil tentar fugir.

"Impossivel. O homem, apavorado ante a gula do Dragão, estendeu todas as rêdes, iscou todas

as armadilhas, preparou todas as tocaias, dissimulou todos os fójos. Por fim, com o aperfeiçoamento dos sistemas, ergueu muralhas economicas onde encurrala as vitimas, limitando o seu caminho entre a estufa venenosa e a rotula sombria. Criou o veludo e a sêda, urdiu a moda, envenenou e coloriu os alcooes, criou a vertigem dos veículos, trastejou palacios com divans de serralho, inventou a sedução das joias, das flores ricas, das peles exoticas, colocou tudo isso muito alto e, sagazmente, como velho demonio, inventou uma classe de mulheres ás quaes deu o privilegio de viver nessas estufas, com a tentação de todos os minutos: — si eu quizer, tudo isso póde ser meu! — As criadas, as modistas, as chapeleiras, as floristas, as manicuras . . . A todas deu um ambiente de riqueza e só negou uma cousa: a riqueza.

"São as mulheres criadas expressamente para o Dragão; ás vezes, nem a morte consegue torcer o seu destino.

"Cerca-as uma conspirata de todas as horas. "A sociedade inteira trabalha para a perdição de muitas mulheres. As meninas mais puras executam uma tarefa marcada. As senhoras de mais respeito, inconcientemente, realizam obra de alcovitice. A

lama espirrada pelos automoveis e o sorriso aristocratico ofendem, desvairam, enlouquecem."

Seria preciso transcrever todo o livro, cheio de piedade.

E, para compensar o numero relativamente insignificante de mulheres que alcançam o alto mundanismo das hetairas a governar o mundo através dos banqueiros, senadores, coronéis da politica e da industria — as milhares de prostitutas da calçada, das rotulas se estorcem no paroxismo dos sofrimentos que gangrenam o corpo e amortalham a sensibilidade.

Prostitutas! E por acaso não são tambem prostituidos todos esses coronéis e todos os moços bonitos e todos os homens que compram o prazer a troco da dor? Por acaso, dentro desta civilização de vampirismo haverá alguem que não se preste, que não tenha responsabilidade na organização social que compra e vende tudo, inclusive o amor, a conciencia e o cerebro?

Quem terá mais culpa: a que vende ou o que compra?

Todos prostituidos, todos cumplices do Dragão voraz.

E este livro é escrito em estilo sem asperezas,

suave no descrever as torpezas dos civilizados, doce como é sem violencia esse sacrificio inaudito de milhões de mulheres expostas á compra nos mercados de escravas de todas as raças, nos balcões ou nos alcouces dos defensores da "honestidade" e da "virtude" burguêsa-capitalista. E é essa moral que a "gente honesta" defende, que os "bons costumes" aí estão para mantêr, que a escola oficial e o catecismo assim ensinam, para maior gloria de Deus e da Igreja, da Patria e da Familia . . .

São os "cavalheiros sérios e graves que alimentam a prostituição por instinto, certos de que a moral da sua epoca é como o "broucolaque" da superstição grega, cadaver que vive a poder do sangue chupado aos vivos."

Moral que decreta "necessaria" a venda do que se convencionou chamar "amôr", esquartejados todos os sonhos mais doces da mulher, que os acariciou certa de poder ocupar o seu lugar ao sól, pendurados os ideaes mais acalentados, nos harpéos dos magarefes da industria e da politica.

Não ha mais para onde descer a brutalidade selvagem dos que se dizem civilizados.

E é imoral falar-se em substituir esses costumes ferozes por qualquer sistema de vida social

mais natural e, consequentemente, mais humano, mais livre.

Todavia, queiram ou não, achem ou não imoral, só a liberdade no amor redimirá a mulher do muito que tem feito sofrer á mulher.

Só a liberdade do amor trará ao genero humano um pouco de paz, afim de poder transpor a escalada da evolução para uma finalidade social mais digna de quem tão facilmente se julga o "homo sapiens".

***

Em dois unicos pontos, aliás bem fóra da tese social dessa novela encantadora e séria, não posso concordar com o meu nobre e querido Schmidt.

Não diga mais, Schmidt, que os homens da Atlantida deveriam ser como os perversos que não sabem encontrar outra profissão a não ser a de assassinar animaes nos matadouros, para os que se nutrem de cadaveres, trazendo as vestes a escorrer sangue e o rosto e as mãos fumegantes e enlameadas na dôr das vitimas indefesas.

A Atlantida é um lindo sonho da civilização do Amor e da Liberdade, perdido na noite dos tempos.

Que nostalgia eu tive da Atlantida, meu generoso Schmidt, quando li "Les Pacifiques" do nosso grande e querido Han Ryner, culto e genial ao transportar-se á civilização decantada por Platão em o "Timeu" e estudada, pelos orientalistas e investigadores, como muitissimo superior a tudo quanto se possa imaginar hoje, ultrapassando todos os limites da nossa barbaridade de civilizados militaristas, guerreiros de guerras movidas pela cupidez e alimentadas a alcool, a eter, a gazes asfixiantes, civilizados canibalescos e vampiros a se enriquecer á custa dos campos de batalha, civilização de hienas a alimentar-se de cadaveres de homens e de animaes.

Não. Si houve uma Atlantida, o pouco de bondade que ilumina o nosso altruismo, a dedicação dos que se sacrificam por um ideal, o nosso anseio de subir até o Eu profundo, certo herdámos desses antepassados gloriosos de Sabedoria e Amor.

Não caluniemos aos que nos legaram a lampada espiritual que nos aquece docemente em uma esperança querida e que não morre nunca . . .

Foi aqui mesmo, foi dentro mesmo do nosso ciclo de evolução que maculámos a vida ao criar o dinheiro e ao captar a agua pura das fontes para

envenenar o coração, através do salario, e o corpo, no fabrico de drogas, e, para aniquilar a inteligencia humana. Fomos nós mesmos que fizemos armas e foram os homens desta civilização que inventaram a policia para provocar desordens e os "bons costumes" para pôr no "tronco" das rotulas as mulheres "perdidas", e foram os proprios homens que as "perderam" e as reduziram a escravas de harem.

Respeitemos a Atlantida como um lindo sonho inatingivel.

As "Ideias — Forças"

O segundo ponto da minha divergencia desse grande escritor brasileiro é o que se refére a Bataille.

O teatro de Bataille é "um raio sem direção" — disse Schmidt.

O conceito de Afonso Schmidt a proposito da magnifica obra de Bataille não se harmoniza com a minha imensa admiração pelo teatro genial desse Artista precursor, criador da beleza, disseminador de energia e serenidade.

Vejamos, por exemplo, "Les Flambeaux".

Bataille, nesse trabalho nobre, largo, filosofico, sincero, de poderosa envergadura mental, abórda o problema etico da luta entre os instintos inferiores e as possibilidades latentes dos humanos, o conflito dantesco entre a sensibilidade da materia e a sensibilidade da intuição, a lendaria pendencia do homem consigo mesmo, a materia e a razão sensivel, Caliban e Ariel, batalha permanente entre a ideia e a ação, o embate entre o que somos capazes de sonhar nas alturas e a baixeza das realizações mesquinhas a que nos leva a herança dos reinos inferiores.

E' a oposição entre os prejuisos, preconceitos, mentiras, convencionalismos sociaes e a grandeza ampla dos nossos sonhos de liberdade individual, e as possibilidades heroicas do nosso constante vir-a-ser — para uma harmonia mais alta.

São as "ideias - forças", propulsoras dos grandes acontecimentos eticos, as flamulas inspiradoras dos genios. Ideias independentes de todos os erros e crimes de lesa-humanidade. Ideias que pairam alto, ideias motoras, ideias projetadas dentro de nós mesmos, emanadas de toda parte, em todas as epocas, ideias entidades a nos fazer pairar acima da

vulgaridade, num sonho colhido em alturas incomensuraveis.

Depois de alcançar tanta luz, o homem resvála, envolvido no fogo-fatuo sedutor do sensualismo, apanhado nas malhas resistentes da influencia ancestral, enovelado nos erros seculares dos sentimentos colectivos e procéde com a mesma vileza e dentro dos mesmos motivos da imbecilidade humana.

De novo o remorso de decer tão baixo e o esforço heroico de subir mais alto.

E Bataille estuda essa luta interior, criando tipos de profunda psicologia, entre cenas de tal nobreza, de tal ternura, de tal sensibilidade, de tal grandeza etica e de tal torpeza na vulgaridade do instinto de dominismo social — que faz pensar na inutilidade do apelo ao rebanho humano . . . e na evolução do individuo, na evolução apenas da unidade individual.

E' penetrante, grave no seu recolhimento ao estudar o magno problema humano no heroismo de subir, mais e mais, acima dos tormentos inventados pelo constrangimento social na sua faina de decretar costumes emoldurando todas as criaturas

no diapasão dos preconceitos e da selvajaria degradante.

Bataille nos aponta os estragos, as tormentas, as amarguras, as angustias derivadas do instinto de propriedade que encadeia duas criaturas na gehena da escravidão de si mesmas.

E' o problema do amôr.

E, principalmente, a ideia de que, através de um beijo, duas criaturas não se podem inutilizar no exclusivismo do instinto de propriedade e nem diminuem na sua conciencia.

O amor e a conciencia pairam mais alto, e o encontro casual póde revelar um minuto de beleza que ninguem deveria renegar, porem, pode não ser amor, e, cada criatura deve ser livre de viver as suas horas, todas as suas emoções.

Ideia defendida corajosamente por Bataille, contra o preconceito da monogamia criminosa que faz com que até os homens de genio se nivélem á bestialidade feroz dos que se batem e se mutilam e se estraçalham em nome do Amor.

Para a sabedoria de Bouguet, o gesto fisico nada representa.

Para o instinto de dominismo, de autoritaris-

mo, de propriedade de Blondel, o gesto fisico é tudo.

Ambos cientistas, ambos investigadores do mais alto problema de humanitarismo.

E ambos descem á vileza de se bater em duelo, esquecendo a sua pura amisade e a colaboração mutua, por causa de um gesto fisico, recordando a atitude bestial dos primordios da evolução humana.

Equilibrar as forças da vida — é o sonho de Bouguet, o seu grito lancinante, apelando para a amisade, para a ternura de Blondel.

Pôr de acordo a vida e o pensamento, que cousa dificil!

Elevar-se acima da mediocridade de toda a gente, acima dos prejuisos e da rotina — para pensar nobremente; acima do atavismo selvagem, deixar de ser a besta gregaria, para sentir uma individualidade no fundo do sêr independente e livre e esquecer todas as "mentiras vitaes" da sociedade para ser apenas o criador de beleza interior, o acumulador de riquezas, despertando possibilidades latentes; viver ideias nobres, subir em vez de descer por entre as abjeções e os desvarios do mundo social, chegar ao pé dos abismos fataes das convenções criminósas do mundanismo e virar o rosto para a luz interior — que bela realização!

E a mais idiota das convenções — o sangue reparador da honra, da vida, a mais perversa das convenções sociaes — quantos crimes de lesa-felicidade humana perpetra a cada instante, em nome do Amor!

⁂

E' no segundo ato de "Les Flambeaux" que Henry Bataille, na cena VI, resume a ideia da peça, no dialogo entre Hernert e Bouguet.

..."de estrela em estrela, todo o pensamento humano... como si, desagregado, porem, jamais perdido, vivesse realmente acima de nós e formasse esse grande nimbo universal que nos arrebata para fins de luz ou de serenidade... Dessa contemplação profunda, veio a paz.

"Não chorei mais. Desde então encaminhei-me como vós, como tantos outros, para infinitos mais numerósos...

"Não havia mais carne: minha dôr perdia-se no espirito universal!

. . . . . .

"A alma suprema consolou minh'alma de homem."

. . . . . .

São as flamulas, as "Ideias - Forças", na sua órbita imensa em busca da Harmonia Infinita que é o Amor, bem acima de todos os residuos deixados pela alma humana na sua escalada para um "devenir" sempre e cada vez mais alto.

Não, meu caro Schmidt, o teatro de Bataille não é "um raio sem direção".

Pelo contrario, si o teatro de Bataille viesse substituir "Ra-ta-plan" ou "Ba-ta-clan" dos nossos palcos de pantominas e cretinices e pernas á mostras sob o nome pomposo de "nú artistico" — é que o nosso publico estaria á altura do verdadeiro teatro. Mas, Bataille não póde ser assimilado pelo publico que quer rir até as orelhas para não pensar, esse publico que frequenta as "variedades" para tomar aperitivos . . .

Pelo contrario, todo o admiravel trabalho de Bataille é imaginado dentro de um plano extraordinariamente concebido, estudado sob os aspectos mais profundamente humanos, que Bataille não faz psicologia barata de cordel ou de costureirinhas, psicologia a Paul Bourget, defensor do passado.

"Les Flambeaux" é uma amostra desse raio atirado em direção bem determinada. Ainda no dialogo entre os dois sabios amigos, entre Bouguet e Hernert, os dois cerebros e os dois corações que percorrem a escala do amor em sentido inverso, um começando pelo amor fisico, passando ao sentimental e em seguida ao cerebral, e o outro iniciando-se no amor mental, através de um ser superior, a companheira das suas investigações, e acabando por descer ao amor sensual já no virar da encosta da vida; em o belo e profundo dialogo, poderiamos acompanhar a direção desse raio genial, afirmando que, acima de tudo, acima da propria fatalidade, acima mesmo do Amor, do sofrimento, até acima da vida, no sentido limitado que a vemos — "ha a majestosa liberdade do pensamento", e, "desde que se está inclinado sobre todas as possibilidades imensas do espirito, vê-se que a ideia precéde ao ato. Então, que vem a ser o terror, o amor, a dor? Residuos, despojos da alma em marcha ou do pensamento universal . . ."

Não é o momento oportuno para comentar o sentido profundo desse pequenino trecho de uma grande mentalidade. Mas, si os teatros se movimentassem na direção desse raio conciente, si as pla-

teias desta sociedade, em plena decomposição, estivessem á altura desse raio de luz, certo seria um meio, o teatro, de nos afastar da rotina, dos prejuisos seculares fossilizados em nós como os menhirs ainda hoje encastoados á terra, onde a prehistoria os enterrou.

*
**

Mas, essas duas pequeninas divergencias nada teem que vêr com o meu entusiasmo por este livro, que eu desejaria na mão de toda gente. (1)

Que vontade eu tenho de citar paginas e paginas de "O Dragão e as Virgens", em que se reflete a dor, a angustia, o grito lancinante das que vão, mudas, tristes, silenciosas, subindo a encosta — para servir de pasto ao Dragão sempre insatis-

(1) Acabo de saber que "O Dragão e as Virgens", quasi toda a edição, na mão de um intelectual-comerciante, foi vendida a 100 reis o kilo, para as fabricas de papel de São Paulo!... Assim, esse livro magistral, continúa inédito. Parece incrivel! Que teria ganho com isso esse comerciante, senão continuar a campanha de silenco em torno de uma mentalidade livre? Talvez nem saiba disso Afonso Schmidt. Eu mesma, si o tivesse sabido a tempo, o evitaria, arrematando-lhe toda a edição (tal o preço!...) para distribui-la no extrangeiro, já que nesta terra o destino de certos livros de valor é voltar ás fabricas de papel... si chegam a ser impressos.

feito, ao deus hediondo da religião, ao Moloc da moral e dos "bons costumes".

Este livro é delicado como é delicado o sofrimento das sacrificadas: é um beijo na dor imensa, na dor perfurante de quem se dá em holocausto, sem um protesto, sem violencia, conciente ou inconcientemente, talvez sem mesmo saber que a felicidade ou o bem estar ou a segurança de algumas ou de milhões de mulheres contra a luta economica — é fruto do martirio inominavel das insatisfeitas, das que são devoradas irremediavelmente, pelo Dragão, martirio de animaes de tiro na sua profissão indesejavel de nunca receber senão pedradas que a moral lhes atira, e dar sem tréguas, sem mesmo pretender ouvir a delicadeza do agradecimento.

Quantos tipos de "Pureza", de alma candida se arrastam por aí a fóra, engulindo as lagrimas através do sorriso dôce de quem derrama no coração de cada transeunte o perfume macio e leve de uma caricia — sem receber em retribuição nem ao menos o gesto humano de um aperto de mão fraternal.

E quanta "Pureza" morre por aí, nos bordéis e nos lupanares . . .

E quanta Messalina "virtuosissima", piedosa e casta, no seio da sacratissima instituição da familia legal e moraliteista . . .

EVOE'!

"Le corps humain mérite d'autres apothéoses que celles de la prostitution."

Edouard Rothen.

Pondo de parte os gritos das bacantes arrepeladas, em honra do Dionisos popular, não do Dionisos-Apolineo; deixando, mais distante ainda, a significação astronomica do Carnaval em data prefixada; esquecendo a sua origem iniciatica, simbolizada nos rituaes dos antigos misterios; sem remontarmos ás festas dos druidas gaulezes, sob a majestade dos carvalhos seculares, na epoca da colheita do visgo; ou ás saturnais, ás festas do boi Apis, ás bacanais, ás lupercais, e, na idade média, ás festas do "Asno", dos "Loucos", e dos "Inocentes" — festas e divertimentos cristãos, não menos

licenciosos que as lascivas do paganismo decadente, "joyeusetés cléricales" realizadas não só nas igrejas como nos conventos de ambos os sexos . . .; deixando todas essas manifestações de alegria ruidosa e desordenada, ou restos prostituidos de simbolos de dansas religiosas ou conhecimentos astronomicos nos altos rituais iniciaticos dos egipcios ou dos caldeus e que, por sua vez tambem significavam reminiscencias da maravilhosa civilização de que falam os apologistas da Atlantida; sem procurar penetrar o sentido profundo, astronomico, cientifico da origem da mascarada carnavalesca, perdida na noite dos tempos — trataremos do nosso carnaval, do carnaval de hoje, do carnaval carioca, sob o ponto de vista higienico: higiene do corpo, higiene individual e social.

Si fizessemos, no Brasil, uma estatistica da mortalidade infantil, da mortalidade da juventude, da idade madura e (porque não?) tambem da mortalidade dos velhos (são os mais influidos no Rio de Janeiro . . .), estatistica detalhada, cuidadosa, tres meses antes e tres meses consecutivos depois do Carnaval, certamente as cifras dos sacrificados aumentariam num crescendo proporcional

á lubricidade carnavalesca, tanto quanto aumenta a cifra das nóvas levas de prostitutas.

As crianças! Afóra o martirio dos "disfarces"; afóra o suor sob as mascaras portadoras de infecções e imundicies, ou das "fantasias" para os bébés que nada podem apreciar ainda e que são sacrificados ao prazer criminoso dos adultos inconcientes, martirologio admiravelmente descrito por Mme. de Girardin em "Les petits martyrs du Carnaval", em "Lettres parisiennes"; afóra os inconvenientes do mal estar provocado pelas vestes justas, feitas ás pressas, beliscando aqui e alí, engomadas, cheias de lentejoulas, alfinetes espetados á ultima hora, guisos de carregação, prontos para lhes arranhar as carnes tenras; afóra esses e outros pequeninos inconvenientes para os que buscam divertir-se e procuram a cumplicidade até mesmo das crianças para os seus desvarios — imaginemos os resfriados, as pneumonias, as gripes, todas as molestias das vias respiratorias: vestes decotadas, os braços nús, a cabecinha resguardada apenas pelos caracóes que custaram, talvez, uma noite agitada, sob o aperto dos papelotes amarrados convenientemente . . .

E o lança-perfume nos olhos, determinando sérias molestias do aparelho visual?

E as inflamações nos ouvidos, pelo mesmo motivo?

Imaginemos as bronquites com todas as suas consequencias para a vida inteira, as noites mal dormidas, o sistema nervoso agitado, a fadiga, o estomago sacrificado por uma alimentação de ultimo momento: pasteis comprados em qualquer confeitaria ou taboleiro de rua, "bonbons" adquiridos ás pressas á porta dos botequins improvisados, sob uma nuvem de poeira alevantada em um punhado de confeti!

Imaginemos a insensatez dos pais jovens que buscam divertir-se, custe o que custar, e que conduzem criancinhas de peito até as calçadas e as arrastam, no torvelinho louco do seu desequilibrio, ás batalhas de confeti e lança-perfumes e ao rodopio das correrias desvairadas, aos assaltos desenfreados da bacanal carnavalesca.

Imaginemos o que vae de reação formidavel pelo organismo dessas crianças, defendendo-se da impureza do ar empoeirado, cheio de eter, de particulas humidas dos salpicos de saliva, espirrados no meio dos gritos, dos canticos, do vozerio atordoador, misturando, cada qual, o seu halito com o halito irrespiravel de toda gente, de toda uma

população cheirando desagradavelmente, embriagada de alcool, de eter, de baixezas, de más intenções, da luxuria despertada, cultivada na licença dos tres dias do ano, em que toda gente tem o direito de arrancar a verdadeira mascara, a mascara da hipocrisia social.

Imaginemos a atmosfera sensual, a irradiação de todas as forças do "eu" inferior, a lascivia dos faunos e das "kundri" tentadoras envolvendo, alimentando, excitando, aureolando as crianças que choram maltratadas ou que tambem se divertem, inconcientemente, ao lado dos pais — tão inconcientes quanto os pequeninos, e alucinados no delirio das multidões envolventes, sob o impulso irresistivel dos instintos adormecidos de féras acorrentadas.

E' o lado organico e o lado etico: é a degenerecencia do corpo e o desvirginar da alma.

Aonde os higienistas?

E' a tuberculose voluteando no ar, por entre os punhados de confeti e os salpicos de salivas; é a sifiles transmitida direta ou indiretamente, em um momento propicio ao descuido dos mais cautelósos; é o vicio inoculado sorrateiramente; é o alcool, a avariose e a tuberculose — os tres grandes males sociaes, evitaveis portanto; é a degenerecen-

cia organica, o crime, a miseria a espreitar por entre os rolos da serpentina tentadora, por entre o pó dourado e o confeti esparzido pelas mãos nervosas dos namorados excitados e dos conquistadores sensuaes.

Que é o Carnaval senão a busca de aventuras galantes, o anseio de liberdade, a procura do prazer sexual, de novas experiencias amorosas?

E a prova é que namorados e casados, não podendo satisfazer-se integralmente em toda liberdade dos sentidos e dos desejos — voltam arrufados, desiludidos, enciumados, colericos, insatisfeitos . . .

Após o Carnaval ha rompimentos e tragedias de toda sorte, e maridos e mulheres maldizem a excitação — porque só conseguiram excitar-se sem chegar á suprema alegria da liberdade integral.

Porque não são tres dias que ensinam a ser livre: a concepção da liberdade é subjectiva e quem se escraviza á moral social, mesmo de mascara e disfarces — é escravo do ambiente em que vive e servil aos seus proprios prejuisos.

Abençoada chuva que vem apagar o pó e arrefecer o ardor das "pierrettes" e dos "arlequins" gulósos.

"Arlequins" e "Colombinas" — a superficialidade, o sensualismo, o que é vulgar e leviano, cataventos sociaes, sois vós, ó "raffinés" dos salões, do mundanismo ou dos bordeis de ultima hora, sois vós os assassinos moraes de todos os pouquissimos "pierrots" do Sonho e da Beleza!

Sois vós, ó arlequins e colombinas da civilização da ociosidade e do parasitismo de uns e do sacrificio heroico da maioria, ó palhaços deste circo imenso movido pelo dolar e pelo sensualismo sifilitico, sois vós, o superficialismo, o que constitue a sociedade exigente, mediocre, torpe, que mata a felicidade no coração dos individuos, que explora e oprime, que escraviza, servilmente, cada um dos seus membros e faz da familia uma instituição para aniquilar as energias individuaes; que exige a venda do corpo feminino — das mulheres e das filhas . . . dos outros . . . como muralha de resistencia em favor da sagrada instituição organizada do matrimonio e da virgindade do corpo — para as suas filhas e irmãs; sois vós o que constitue esta civilização que decreta "necessaria" a prostituição — como meio de defesa dos augustos principios da moralidade publica!

*
**

E a mulher não sente, não vê como é deprimente, humilhante a nossa condição de mulher — dentro deste regimen de arlequins e apaches, de "pierrettes" e "souteneurs" e proxenetas, colombinas e principes arruinados e salteadores, toureiros e capatazes, tropeiros e fidalgos a Luiz XV . . .

E mais ainda: é preciso atordoar as crianças afim de que não vejam e nem procurem analisar os nossos desmandos.

E' a educação da cumplicidade.

Os bailes infantís não teem outro objetivo. Não ha uma finalidade artistica nem a preocupação da beleza. Não é a dansa de Isadora Duncan — a suprema invocação estetica para a busca de si mesmo na interpretação divina da musica em todo o esplendor do ritmo e da harmonia. Nada disso.

Os filhos tornam-se cumplices dos pais. Tambem se embriagam com o eter dos lança-perfumes, rodopiam nos tangos sensuaes e acordam, cedo, os instintos adormecidos na carne.

E' necessario tudo "empanturrar" no festim das orgias, adormecer a sensibilidade, matar o senso artistico, sufocar a razão, porque assim, não teremos testemunhas importunas e não ouviremos verdades desagradaveis.

Nada mais logico, nada mais coerente.

Si um filho é um incidente ou acidente . . . na vida, empurremo-lo tambem para adeante, que nos deixe em paz com as nossas prerogativas de brutos essencialmente gosadores e insaciaveis.

***

Essas ruidosas manifestações do anseio de liberdade para gosar os prazeres materiaes, em determinadas epocas prefixadas no Calendario, é a valvula de escapamento necessaria ao equilibrio da moral social de compressão e de servilismo aos prejuisos estabelecidos.

Mea culpa . . . Tambem eu, na minha juventude cheia de fé e entusiasmo, ardente de lirismo e ilusões, amei o Carnaval sem nunca ter conseguido me divertir, sem nunca ter conseguido essa liberdade que eu sonhava no ambiente rotineiro e moraleteista em que sufocavam todas as minhas mais altas aspirações.

E quando encontrei uma "sublimação" mais elevada através do pensamento e através de o confessar publicamente, então, vi claro todo o desperdicio de energias gastas inutilmente nos folguedos

carnavalescos — atrás de uma liberação impossivel, porquanto os prazeres materiaes e ruidosos são impotentes para mitigar toda a nossa sêde interior de liberdade, mas dessa liberdade integral, razão e causa de todos os nossos mais belos anseios de realização interior.

Desde que aprendi a pensar e fiz nascer dentro de mim a coragem altiva de pensar em voz alta, nunca mais senti a necessidade de atar a mascara social da moral carnavalesca.

⁂

E é no Carnaval que essa mesma sociedade moraliteista, farisaica, recruta uma nóva léva de mulheres moças, de carne virgem e sadía — para a voragem dos lupanares, que socializa outras fontes de prostituição para substituir a carne cansada e apodrecida dos "cabarets" e dos bordéis.

E' no Carnaval que se abrem, mais fartos, os antros de venda da carne feminina e em que mais se propaga ainda a sifiles, em todas as classes sociaes, direta ou indiretamente, pelo contacto das ruas, dos cafés ou das alcovas e que se concebem pobres filhos da orgia, carnes carregadas de sensualismo, de vicios e de baixezas, bestas humanas para virem perpetuar a degenerecencia e as loucuras de uma civilização deprimída, exausta de erros e crimes de lesa-felicidade individual.

E a morfina?

E o eter?

A cocaina?

O caftismo?

As tragedias?

As cenas de ciumes?

E as indignidades das alcovas e dos bordéis?

E a avidez de nóvas sensações alucinantes?

E a embriaguez habitual dos carnavalescos desenfreados?

E os filhos dessa bacanal?

E as dansas lascivas e a excitação das "jeunes-filles", a provocação dos ataques de histerismo e nevróses provindas da "Censura" moral, e os vicios inconfessaveis de uma sociedade a estourar de hipocrisias e perversidades?

O Carnaval é a negação absoluta da higiene do corpo e da higiene da vida interior.

E' a absoluta negação de tudo o que é belo e nobre no coração humano.

E' a suprema negação do proprio *Eu* no acor-

dar da besta que dorme nos abismos profundos do sub-conciente.

E' a revolta do ser inferior procurando abafar toda a nossa natureza superior, todas as faculdades latentes da individualidade na escalada da evolução para fins mais altos.

Não ha duvida que o Carnaval é um gesto de revolta, mas, si é a revolta contra a opressão da moral social, não reivindica direitos mais altos; é a revolta inferior que quer a conquista banal de um momento ruidoso da orgía de instintos que se não podem dominar senão pela brutalidade da moral de rebanhos e domesticidade e servilismo.

O Carnaval é a festa dos acarneirados da organização social de moraliteistas e proxenetas do rebanho humano.

E quanto tempo perdido, quanto atraso nessa carreira evolutiva, durante o periodo tumultuoso de exterioridades nocivas ao individuo e á sociedade, nesse periodo de delirio erotico, nessas horas de loucura e de orgias desenfreadas!

E' como si uma onda negra de sensualismo baixo de vilezas obscurecesse o céu sereno das nossas alamedas interiores.

E' o adormecer da razão, é a morte provisoria

dos nossos deuses, dos deuses que passeiam solitarios por entre os parques silenciosos dos nossos sonhos.

E' Caliban astucioso, mascarado como sempre, imerso na hipocrisia absorvente de umas horas que devem ser totalmente aproveitadas contra o Ariel do Sonho, do Amor e da Beleza.

A felicidade, a alegria verdadeira não pode ser procurada no ruido exterior, nas dansas lascivas, na embriaguez do alcool, do eter ou dos sentidos na volupia de ocasião, nas baixezas das calçadas ou no redomoinho das cidades industriaes, no luxo absorvente ou na ociosidade comodista dos fartos e dos aventureiros.

Tudo isso, no fim de contas, deixa um gosto amargo na boca e o vazio terrivel do coração.

A felicidade, a alegria verdadeira só póde vir de nós mesmos, da nossa vida interior.

O instrumento para fazer vibrar, em nós, o prazer de viver — é o nosso corpo, não ha duvida. O corpo, dominado por uma vontade epicurea, não sibarita, é instrumento da volupia mais alta do prazer integral.

Mas, o corpo, o sensualismo predominando por sobre a razão, é a lamina de dois gumes.

Só uma vida simples, serena, delicada, o ar puro, o banho revigorador, a saúde do corpo e o bem estar geral, o funcionamento normal do organismo — para o maximo proveito de todos os orgãos e de todos os sentidos; só o equilibrio fisico e uma energia perseverante, bela, ativa, voltada para tudo que é nobre e digno; uma razão que saiba fechar os olhos para sonhar e traze-los bem abertos para dominar os impulsos inferiores — sem julgar pecado ou imoralidade o que a natureza exige das criaturas para a perfeita harmonia do corpo e da mente; só o individuo que sabe tirar partido do seu corpo como de uma harpa eólea para resoar toda a beleza, toda a euritmia de que é capaz; que saiba refrear os impulsos da besta-féra adormecida nas criptas do subconciente, — só esse individuo póde chegar a conhecer a verdadeira alegria, a verdadeira felicidade em toda a sua sagrada plenitude, só elle tem a chave desse "segredo aberto" . . .

E o Carnaval, com o seu ruido ensurdecedor, com os seus guisos e pandeiros, os toques vibrantes dos clarins rubros de sensualismo provocador, a embriaguez dissoluta das cores gritantes misturadas loucamente e dos vicios amalgamados, os gritos lubricos dos faunos de todas as idades e das bacantes

semi-núas e arrepeladas, sempre prontas a matar Orfeu . . . — não faz senão adormecer o *eu* latente, caminho unico por onde nos podemos elevar ao Olimpo de nós mesmos.

Horas perdidas de sono revigorador, organismos envenenados pelo alcool, pela lascivia, pela sifiles, pela avidez, pelas miserias fisicas, pelos "pecados fisiologicos" e pelo declive moral, crianças degenerando-se ao contato do pó das calçadas e ao contato dos exemplos edificantes de toda essa bacanal — fonte de destruição das energias individuaes — é a isso que chamam divertimento, que denominam gozo e prazer requintado.

Pobre civilização!

Não és mais do que esse confeti dourado, um pouco do pó cintilante com que a espuma social exterioriza a vida ficticia dos salões da alta e da pequena burguesia de funcionarios e proletariado inconciente ou a espetaculosidade ociosa do luxo.

Não és mais, pobre civilização do dolar, que a responsabilidade da morte organica e da morte moral de cada celula humana arrebatada, pela propria imbecilidade cultivada, no torvelinho embriagador da eterna mascarada da vida social.

Evoé! Evoé! — é o grito de todas as epocas

de decadencia, amortalhando a beleza no coração adormecido dos que ainda não tiveram a força necessaria para o despertar interior.

Pobre carne humana destinada a alimentar a boca escancarada dos canhões ou as mandibulas profundas e vorazes dos prostibulos!

"BÔA SORTE — CADEIA PERPETUA"

Durante a guerra, lembro-me de haver recebido, por tres ou quatro vezes, uma folha de papel sob a denominação de *Cadeia da Sorte, Cadeia Perpetua* ou cousa parecida. Os dizeres eram mais ou menos os mesmos e as recomendações, terminantes: quem rompesse a Cadeia, estaria desgraçado.

E era dever, tirar sete ou nove copias e remete-las imediatamente ás pessoas das relações. Acontecia que a mesma cadeia vinha parar ás mãos de determinada criatura duas ou tres vezes.

Lembro-me ainda que os taes papeis dirigidos ao meu nome, nas minhas mãos paralisavam-se.

E pessoa da minha familia horrorizava-se á ideia das grandes desgraças a se despenharem por sobre o meu destino.

Pois não é que me aparece de novo a tal *Cadeia da Sorte?*

Não teria importancia o acontecimento, si

não fora a novidade sensacional dos nomes trazidos como élos sucessivos dessa corrente supersticiosa.

Fiquei boquiaberta! Homens de responsabilidade, engenheiros, bachareis, medicos, professores tiveram receio de atraír a desgraça para si, pelo simples fato de não passar adeante uma folha de papel cheia de dizeres que nada dizem senão da fraqueza supersticiosa do rebanho humano.

Senão vejamos as expressões da

"Bôa Sorte — Cadeia Perpetua" (1)

"Tire nove copias e remeta á 9 pessoas á que V. S. deseja bôa sorte. Esta cadeia foi iniciada por um Coronel do Exercito Americano e tem de dar a volta ao mundo tres vezes. Faça-a depois de 24 horas recebida, sendo possivel, e não rompa esta cadeia, pois se romper, persegue-o seu destino e assegura a sua ruina. Conte 9 dias depois de tirar as copias e durante esse tempo receberá um beneficio e senão um descontentamento.

(1) O' Manes de Camões!... Respeito todos os acentos no a, os atentados á lingua, inumeros, descomunaes.

"Dados concretos.

"O Sr. Ruiz deve a sua fortuna o fato de ter comprido (!) o executado com o presente exatamente. O Dr. Albary, de Vitoria, obteve em 20 dias o premio de 20 mil pesos. O Dr. Gomes, ao justo tempo de ter comprido (!) as prescrições desta Cadeia, obteve o grande premio da loteria no valor de 600 mil pesos. O Dr. Francisco Montes, de Oce, não levou a serio esta cadeia, e, nos 9 dias depois á te-la (!) recebido, arruinou a sua casa. O sr. saberá o que melhor lhe convem. Que Deus o auxilie e guarde.

"Cadeia da Sorte

"Dr. Braz Arruda ao Dr. Plinio Cardoso e este ao Dr. J. Ignacio Fonseca, e este ao Dr. Miguel Presgreave, e este á prof. Eunice Caldas, e esta ao Dr. Americo Nano, e este ao prof. Fausto Souza, e este ao prof. Victor Gramada, e este á José Fonseca, e este á Luiz Fragoso, e este á Erothides de Campos, e este á Adolpho Silva, e este á Benedicto D. Coutinho e este á Francisco Andrade e este á D. Izidora Amaral Corrêa, e esta á D. Laurinda

Teixeira da Silva, e esta á D. Isabel Camargo, e esta ao Dr. João C. Bueno dos Reis e este ao Dr. Benedicto Estevão dos Santos, e este ao Dr. Socrates Fernandes de Oliveira, e este á Alfredo Cunha Ribas, e este á Carlos Real Evans, e este á Attilio Lessa, e este á Orlando de Barros, e este ao Dr. Bentes Lucas Cardoso, este á João B. Rocha Freire, este á Gustavo Adolpho Berger, este á D. Makafronte, esta ao Dr. José de Alcantara Pepe, este ao Dr. José Piedade, este ao Dr. Carlos Guimarães Junior, este ao Dr. Lazaro de Camargo Almeida, este ao Dr. João Baptista Parmigiani, e este á D. Ermelina Parmigiani Ferreira e esta a D. Maria Lacerda de Moura." Ponto final...

*
**

Que me perdoe e me desculpe a amavel Sra. Ermelina Parmigiani Ferreira, a quem não tenho o prazer de conhecer, mas, a cadeia agora está sem élos. Do meu lado não perpetúo a ingenuidade supersticiosa de fazer "a volta ao mundo 3 vezes" em uma folha de papel incoerente a ponto de não dizer o que se propôs dizer.

Procurei, em vão, a corrente. Não achei. A primeira parte ensina o que se deve fazer, e como.

A segunda parte narra a sorte dos que cumpriram fielmente, de ólhos fechados, as obrigações estipuladas na primeira, e conta a desgraça do que não levou a sério a cadeia. Nomes truncados de gente não identificada, mas, a crendice humana é infinita, e isso é o bastante.

A terceira parte contem a lista dos nomes ou élos dessa cadeia perpetua.

Aonde está a corrente? Que é que se deve dizer ou entender? Aonde as palavras sacramentaes?... Em que consiste a corrente?

As *Cadeias da Sorte* espalhadas durante a guerra, eram muito mais coerentes.

Tinham um objetivo. Manobra dos aliados.

Contavam aparições fantasticas de guerreiros de couraça, iluminados de fé na vitoria dos exercitos aliados "em defesa da civilização"!

Impressionavam pela aventura do Coronel X (sempre americano...) ao conversar com Jeanne d'Arc ou com um cavaleiro branco num cavalo preto, a dirigir as altas patentes do Quartel General Chefe dos Exercitos Aliados. Cada Corrente sería um élo de simpatia para as forças americanas,

francesas, inglesas, etc., contra os "barbaros" alemães, contra os "boches", contra os "mutiladores" das crianças belgas, contra o AntiCristo, em suma, contra a concorrencia de "Made in German" . . .

Havia expressões retumbantes de patriotismo e confiança em Deus, no Deus dos protestantes e catolicos americanos, naturalmente contra o Deus dos protestantes e catolicos alemães, pois que, couraçados e aviões, submarinos e bandeiras — tudo era abençoado pelo respectivo Deus de cada nação. Mas, ha um Deus catolico francês e um Deus catolico italiano que não chegarão nunca ao acordo definitivo, assim como, durante a guerra, o Deus dos ingleses e americanos era inimigo do Deus alemão.

Segredos da diplomacia e da politica clerical, e que nós outros, leigos, nunca chegaremos a bem perceber.

Finalmente, a *Cadeia da Sorte* espalhada durante a guerra, tinha um fito: angariar pensamentos de simpatia e entusiasmo em torno dos feitos e da vitoria dos aliados.

A que acabo de receber, está já pela metade, mutilada na ideia e esfacelada na forma, porem, mesmo assim, aos pedaços, mesmo sem ter a *Cadeia,* contendo apenas uma noticia vaga dessa maneira de sugestionar, tão ao sabôr da infantilidade norte-americana, mesmo assim, continúa a ser transmitida pelos nomes citados.

Parece incrivel!

Conheço os nomes de alguns dos signatarios.

Será verdade que tenham assinado semelhante ingenuidade?

E essa gente não viu que não ha *Corrente?*

Que não ha nada que justifique a preocupação simploria dos 9 dias e das 9 pessôas e das desgraças e das sortes?

E' sempre a preocupação absorvente do dinheiro como o fator unico da felicidade!

Custo a crêr que pessoas de certa responsabilidade mental se deixem levar por taes abusões.

Antes, se me afigura que as taes cadeias são copiadas e distribuidas por pessoa muito ingenua da familia dos signatarios.

Mas, a sua aquiescencia?

E é assim que se perpetuam todos os erros sociais. Preconceitos, prejuisos, rotina, todos os crimes de lesa felicidade humana são transmitidos de geração em geração, inconcientemente, através da tradição das *Cadeias da boa sorte.*

Não é preciso raciocinar. O gesto de repetir é facil.

E a *Cadeia da Sorte* dá a volta ao mundo muitas vezes, seculos e seculos, milenios e milenios, incubadora de "verdades mortas", a arrastar cadaveres insepultos, a cultivar "mentiras vitaes", e, todos repetem, e todos divulgam, e todos transmitem, doutos e doutores, cultos e iletrados, livres pensadores de rebanho e as almas simples dos religiosamente cristãos, todos se dão as mãos para a conservação inalienavel dos élos das correntes de erros e crimes de lesa-felicidade humana.

***

O raciocinio morreu. Que fatalidade inexoravel nos impelirá a repetir os gestos vulgares de "toda gente"?

E agora, um calculo: Imaginemos a soma fantastica de selos despendidos na distribuição das *Correntes,* de nove em nove, até dar a volta ao mundo 3 vezes.

Cada pessoa gastou, dentro do país, (quando a *Corrente* atravessa as fronteiras para determinados países, a taxa é maior) 1$800, não contando

o papel e o tempo. Essas 9 pessoas gastaram só de selos 16$200; as outras, já em numero de 81, gastarão de selos, 145$800; depois, já serão 729 pessoas e 1:312$200; depois, 6561 pessoas e 11:809$800; depois, 59049 pessoas e 106:288$200

Isso é apenas a amostra. Imaginemos a que milhões nos conduzirá o calculo. E a energia? E o papel? E o numero de pessoas ocupadas nos Correios?

E' dinheiro para os cofres do Estado.

E, em que é aplicada a soma de toda a imbecilidade humana acarneirada, a despejar esforços ingentes e proventos nas arcas do Estado, senão nos couraçados e aviões, exercitos e policia, gazes asfixiantes e metralhadoras — para arremessar os homens, uns contra os outros, no massacre coletivo das guerras?

Cada uma das taes *Correntes* é um élo para os grandes armamentistas entupirem os seus cofres fortes á custa da carnificina estupida dos campos de batalha, á custa de toda a imbecilidade social patriotica a servir de bucha para as competições economicas, as quaes culminam no banditismo das guerras.

Até aonde irá a cegueira de todo o genero humano?

Cadeia perpetua... Boa sórte...

Quanto simbolismo!

E é assim, perpetuando a rotina, a tradição, os erros, as superstições, a imbecilidade do rebanho social — que os grandes, os magnatas, os poderósos, os padres e os sabios da parabola ryneriana chegaram a fechar as palpebras do povo que, ainda cégo, não deixa de louvar aos magarefes e aos afiadores de facas...

Boa Sorte... Cadeia perpetua...

Imbecilizar aos individuos não será a mais alta missão social?...

A ESCOLA DA "NOVA OPORTUNIDADE"

Casam-se, de maneira admiravel, dois assuntos aparentemente diversos, na primeira e na ultima pagina de um dos numeros de "*O Combate*" de Agosto (1928) e que releio por acaso.

A Escola da "Nova Oportunidade" é o grande estabelecimento de New-York, para reeducar mutilados, dando-lhes meios de ganhar a vida sem a humilhação do recurso extremo da esmola sob a denominação de caridade publica, não pesando a ninguem, não aumentando o numero do imenso polvo do parasitismo social.

A transcrição de "*O Combate*" conclue:

Em resumo, essa Escola da "Nova Oportunidade" oferece aos aleijados:

A oportunidade de aprender uma profissão.

Uma oportunidade de arranjar emprego.

A oportunidade de comprar um membro artificial por preço do custo.

Uma oportunidade para aquele que não póde saír de casa afim de ganhar a vida.

E acima de tudo: A enorme força moral de poder dizer: "Embora eu seja aleijado, não sou um fardo para a minha familia ou para a sociedade: *ganho honestamente a minha vida*".

. . . . . .

Cheia de gravuras significativas (o jornalismo popular moderno, como a arte dos cartazes de anuncios comerciais ou propaganda de candidaturas presidenciais, tem que variar os *clichés* e o colorido... é o livro de leitura das crianças grandes: sem "figuras" não impressiona, não interessa muito ao publico ledor...) — a outra pagina é a historia de uns poucos militares russos, o que resta do regimento de cosacos do Don.

Não é preciso recordar a vida dos cosacos agrupados em *voiskos*, sob o comando de um chefe — *ataman, atman* ou *hetman*, servindo na cavalaria, fornecendo *sotnias* ou esquadrões em caso de mobilização geral. Tambem fizeram parte de batalhões de infanteria, de baterias, de artilheria a cavalo.

Os *voiskos* mais celebres, mais importantes, foram os do Don. Formaram a escolta de Catarina II que deixou uma fotografia celebre, com o uniforme do regimento por ela criado.

Por Paulo I foi instituido o uso da Cruz de Malta, côr de framboesa, para o regimento.

Alexandre I tinha por escolta particular o regimento dos cosacos do Don.

Constituiram a guarda imperial do tsar Nicolau.

Pertenceram ao quadro das tropas que combateram Napoleão.

Tiveram a sua apoteose brilhante na vida faustosa do imperio russo.

Olhavam o povo, de cima para baixo, como raça inferior a quem é preciso tratar a tacões de bota militar.

Alimentavam-se do espirito de casta, duplamente hierarquico: eram militares e faziam parte da côrte.

Veio a revolução russa. Depois da derrota do exercito de Wrangel, os ultimos soldados e oficiaes cosacos do Don abandonaram a Criméa, acamparam em Lemnos, e, em 1921, transportaram-se para a Servia.

Ali, fizeram-se lenhadores, segundo nos dizem

Dimitri Novik, escritor russo, e George Oudart, citados em *O Combate*.

Mais tarde, trabalharam na construção de uma estrada de ferro na Bosnia.

Daí, rumaram para a França, trabalharam em certa usina em Aveyron. Depois instalaram-se em Paris, onde são carregadores nas estações das estradas de ferro, ha já de 6 a 8 anos.

São 80 soldados solteiros. Vivem como no seu quartel da Russia, em um barracão, prolongando, assim, a ilusão de outros tempos de fausto militar imperialista.

Guardam ali, carinhosamente, os seus troféus: armamentos, uniformes de gala, fotografias, bandeiras, objetos de arte, recordações da faustosa côrte, reliquias salvas da grande hecatombe revolucionaria.

Dentro do barracão militar, o sugestivo aspecto marcial. Depois, as horas de recreio, em que executam musicas regionais e as tradicionais dansas russas, dansas dos cosacos, os bailados slavos, tão caracteristicos, tão cheios de nostalgia e alta espiritualidade e misticismo.

E aqueles ex-oficiaes mundanos, parasitarios, ociosos, brutais na sua hierarquia social, transformaram-se em operarios, em carregadores numerados, preferindo essa liberdade, essa profissão independente — para conservarem os restos da sua nobreza antiga de soldados da guarda imperial...

Por certo, essa atitude, embora se apoie em base falsa, os tornou devéras nobres — que, a unica nobreza, a unica fidalguia a possúe o individuo que se basta a si mesmo na manutenção da subsistencia, tornando rijos os musculos e o caracter, virilidade adquirida na conciencia de si proprio como individuo, como ser humano a contribuir para o bem estar do proximo, adquirida no brio de um trabalho manual necessario á harmonia do todo social, o trabalho manual que eléva o homem e a mulher acima de qualquer hierarquia de classe ou de privilegios odiósos.

Si as mãos, outr'ora fidalgamente enluvadas, calejaram no labôr rude do lenhador, em compensação as conciencias desses homens devem ter-se aliviado ao substituirem, por um trabalho manual util, o oficio parasitario e criminoso da escola de chacina, cujo programa é a ciencia de matar, cujos metodos teem por base a destruição, a pilhagem e o saque.

Si o principio em torno do qual se agrupam,

é um principio falso: bandeira, fidalguia militar ou casta guerreira despotica, a patria, a saudade do antigo fausto de um imperio brilhante e infinitamente criminoso, em compensação, esse gesto de alguns individuos capazes de substituir as suas horas ociosas e fartas pelo trabalho honrado do carregador das estações de estrada de ferro, esse gesto de homens libertos pelo trabalho manual necessario á coletividade, é admiravel exemplo de valor, tenacidade, nobreza, do sentimento da dignidade humana.

Não é preciso, pois, ser mutilado para chegar a tal resultado. Não é preciso ser aleijado fisicamente para atingir a uma tal realização.

Não é necessaria a guerra para provar que os mutilados podem ser reeducados ou para mostrar a habilidade dos cirurgiões cientistas nas operações de reconstituição dos orgãos esfacelados pela brutalidade dos campos de batalha.

Seria melhor que os homens se conservassem perfeitos — como objetores de conciencia — recusando-se a pegar em armas. O heróe é o desertor.

E as Escolas da "Nova Oportunidade" se-

riam mantidas apenas para os aleijados de nascença ou para os mutilados em desastres ou no trabalho.

E mais ainda: a concepção do trabalho manual obrigatorio para qualquer individuo está dentro do noção do respeito e do amor ao proximo.

Nenhuma conciencia livre pésa sobre o esforço alheio: dá tambem algo de si mesma.

Tolstoi não jantava senão depois de haver trabalhado na oficina, remontando um par de sapatos.

Spinoza "compõe a mais logica ou cinzéla a mais profunda das filosofias; mas, tendo necessidade, cada dia, de alguns grãos de trigo pilado para sustentar seu corpo ascetico, não quer obte-los como professor, despreza as cadeiras oferecidas, e vive a polir vidros de oculos."

A luta de classes, a hierarquia social dos desocupados ociósos e do capitalismo industrializado, a ociosidade viciada do mundanismo elegante, o parasitismo "chic" das marechalas dos salões, a burocracia da *élite* burguêsa, todos os privilegios e todas as convenções das castas sociaes, do atual regimen, têm o seu ponto de apoio em torno do eixo

da exploração do homem pelo homem, em torno do trabalho manual deprimente, considerado humilhante, relegado para as classes desprotegidas pela fatalidade social da pobreza quasi miseravel ou pela incapacidade conciente de "vencer na vida" . . .

. . . . . .

Nem todo trabalho manual é util e necessario. Não vou endeusar o esforço do linotipista a compôr as imbecilidades jornalisticas dos assalariados dos governos, dos politicos, da internacional armamentista, do cléro, das classes militares ou dos nóvos ricos.

Não canto hosanas aos operarios que constróem torpedos ou metralhadoras, couraçados ou aviões, carabinas ou fortalezas, submarinos ou cadeias, canhões ou granadas para abrir o ventre dos seus irmãos ou dos proprios filhos.

Ha burguêses menos perversos.

E taes operarios não teem o direito de se reunir em sindicatos; neles falar em revolução social para a utopia de uma sociedade mais equitativa.

Si se não absteem de contribuir, de colaborar na obra de destruição, da burguêsia capitalista, si a chamada luta pela vida os impéle a se alistar no

exercito burguês do crime de lesa-humanidade, não teem o direito de falar em reivindicações, em solidariedade humana, em fraternidade internacional. Depois de 8 horas de trabalho em uma usina de armas ou em estaleiros navaes de couraçados e submarinos — é preciso cinismo para pregar a paz e discursar em torno do tema da fraternidade.

. . . . . .

O trabalho manual desprestigia, arreda a concurrencia a posições de destaque na hierarquia do cenario social, divide a sociedade em senhores, patrões, donos, proprietarios e em trabalhadores assalariados, passando pelos gráos intermediarios e interminaveis dos domesticos, dos criados a serviço dos Cesares e dos reis do ouro: cientistas, funcionarios, diplomados, artistas, professores, padres, jornalistas, poetas, militares, etc.

De passagem, como exemplo de intelectual prostituido, domesticado, vendido muitas vezes, a serviço dos grandes da terra, e a serviço dos seus vicios despoticos: D'Annunzio — militar, artista, poeta, funcionario, jornalista e tantas cousas mais . . . inclusive colecionador de objetos da "toilette" intima das damas celebres . . . D'Annunzio, Don Juan do sadismo espiritual, a quem Mussoli-

ni incumbiu (através de telegramas circulares apenas...) de escrever a grande epopéa italica, consubstanciada no vôo celeberrimo de um "general de opereta" ao Polo Norte, antes de Nobile ser condenado pelo tribunal que o responsabilisou por todos esses desastres, universalmente conhecidos, quando ainda todo o Fascio o endeusava como heróe dos vôos mais ligeiros...

E D'Annunzio, segundo os telegramas, prometeu cantar essas façanhas.

Todos os Academicos arregimentados, todos os politicos intelectuaes estão no mesmo plano de D'Annunzio: a serviço dos Cesares ou dos reis do aço ou do petroleo, a serviço do poder e a serviço do bezerro de ouro.

O proletariado é a casta dos párias

Os ricos e mormente a mulher alta sociedade, a mulher elegante e a pequena burguêsa com ares de importancia social — olham aos proletarios como feitos de outra massa, de outra especie de nervos, como si a natureza houvesse concedido, aos primeiros, a prerogativa inalienavel de mandar,e o direito a serem servidos e obedecidos incondicionalmente.

A classe média, a pequena burguesia, de vaidosa imbecilidade que vae ao infinito na multiplicidade e na variedade das suas manifestações, a classe média sobrecarrega-se de importancia, adquirida á custa de sacrificios taes, que se afunda, dia a dia, premida de necessidades para cuja satisfação não bastará nunca o aumento, o crescendo sucessivo e perene do esforço de todos os membros de cada familia.

O seu gesto a prostituir-se deante dos ricos e potentados, na domesticidade, na humilhação deprimente, no servilismo inaudito — para poder imitar aos bem instalados nas comodidades da vida social, o seu martirio voluntario para "parecer" — é inutil deante da multiplicidade de necessidades criadas pelo progresso, pela civilização, pelo industrialismo moderno e pela inconciencia com que o rebanho humano caminha para o suicidio coletivo. Trucidado pela fatalidade da organização social burguêsa capitalista, louva, na sua ignorancia, na sua inconciencia, na sua resignação passivamente acarneirada de domesticidade e servilismo ou na sua baixeza, aos salteadores da liberdade individual, da liberdade de pensar, da liberdade de viver integralmente.

A essa classe media pertencem os chamados intelectuaes: jornalistas, professores, poetas, orado-

res, oficiaes de terra e mar, advogados, cientistas, artistas, toda a lista interminavel dos literatos, altos funcionarios publicos, etc. etc.

E que covardia na sua atitude!

Mas... são intelectuaes: "a massa formidavel dos ignorantes que constituem o mundo cultivado", no conceito de Felix Le Dantec.

E' por causa dessa atitude covarde dos pensadores de rebanho, dos livres pensadores de fachada familiar ou dos livres pensadores apenas nos recintos das "Lojas" maçonicas... intelectuaes amordaçados pelas conveniencias, academicos, cientistas e diplomados ignorantes ou deshumanos, — que a luta de classes ou castas se empenha mais ferozmente, na sua campanha de estraçalhar a homens e mulheres, na engrenagem sordida do patriotismo — para gaudio dos cofres-fortes dos senhores das grandes companhias de munições e fabricas de material belico.

E é de tal maneira arraigado o prejuizo de casta, de hierarquia social que tambem os intelectuaes não vêem os outros individuos feitos da mesma carne, irrigados com o mesmo sangue.

Ha dias, em um "bonde", dois portadores de anéis de "homens formados" (!), de doutores,

conversavam alto, na atitude caracteristica dos "superiores", quando um vendedor de jornaes anunciava as folhas do dia. Um dos diplomados, lastimando o abandono dos campos e a aglomeração das populações nas grandes cidades, (o *leit-motiv* da gente culta citadina), apontou para o rapaz forte, o apregoador das gazetas: — "Bons braços para a lavoura!"

Sorri: o diplomado, o cidadão, o patriota, o funcionario publico, o democrata, o poeta, o jornalista, o decano das universidades, o medico, o professor, o deputado, o intelectual finalmente — não sabe que tambem tem braços...

E me lembrei da sabedoria de Han Ryner:

"E houve prostituidos que se denominaram "bouffons", filosofos, padres, artistas e professores."

"Esses "pensadores" pensaram como escravos, á ordem do senhor, á hora do senhor, o que era da vontade do senhor."

E continuando a meditar a filosofia ryneriana, cneguei á sua conclusão:

"As necessidades fisicas não podem ser satisfeitas senão por um trabalho fisico. Nenhuma obra intelectual produziu um grão de trigo.

Uma vez que tenho necessidade de comer como um animal, devo fornecer o trabalho ~~de besta~~ de carga, o unico que póde nutrir meu corpo e permitir ao Deus que chora em mim, viver, pensar, amar."

E ainda mais:

"Sejamos o que somos; não nos deformemos para satisfazer aos compradores. Não nos matemos, sob o pretexto de que "é preciso viver."

"Que cada qual se dê com sinceridade e, uma vez que recuamos deante do unico trabalho produtor de alimento, sejamos felizes e um pouco surpreendidos nos dias em que comemos."

Mas, estamos tão deformados através das concessões de cada instante, que nos rimos dessas loucuras filosoficas, desse quasi ridiculo e nos regosijamos do nosso parasitismo, aumentamos, sempre que podemos, a nossa criadagem, vaidosos de ser servidos pelo bando imenso dos sacrificados de todo o genero humano.

A outra conclusão salta da pena:

Não é a guerra a escola da "Nova Oportunidade". A guerra é a destruição em massa das energias individuaes: produz "nouveaux-riches" e proxenetas, mais odio e mais violencias.

São as grandes agitações sociaes, como a revolução francesa, como a revolução russa, são esses formidaveis cataclismos, consequencia dos erros e crimes de lesa-felicidade humana, produtos da violencia e dos privilegios em tempo de paz e da violencia armada — que permitem a nobres empobrecidos subitamente, a exilados, aos ricos despojados á força, dos seus bens e privilegios de casta, a poderosos destituidos das posições invejaveis no cenario mundano — acordarem possibilidades latentes, as quaes permaneceriam de certo sufocadas nas criptas profundas do subconciente individual, si não fossem sacudidas, impiedosamente, pelo atroar rubro e ardente e impetuoso de um desequilibrio total de todas as forças do meio ambiente.

São quédas fragorosas de ideias e costumes e atitudes colectivas fossilizadas, substituidas por palavras sonóras . . . E' o desmoronamento de principios estabelecidos e reacionarios, substituidos os idolos de velhos altares por idolos novos . . . E' o desmentido chocante das "mentiras vitaes" seculares, no afirmar dogmatico de novas "mentiras vitaes" . . . E' a "terra caída" de todo um sistema politico alimentado de "verdades mortas", são "colunas da sociedade" que se partem dolorosamente,

quando tudo parecia solidamente estabelecido para gaudio dos poderósos. — E' o alevantar de nóvas colunas sociaes nos mesmos altares velhos, rebocados de esperanças novas e de novas formulas de rituaes, modernizados por expressões prometedoras, fascinantes para os incautos do rebanho social — que não póde dispensar os tropeiros e os capatazes..... os truões e os tiranos.

Então, os individuos são obrigados a tal esforço de adaptação que se inutilizam ou renascem de si mesmos.

E sempre, desgraçadamente, outros cadaveres insepultos de "verdades mortas" são colocados solenemente nos nichos — para a adoração das multidões em aplausos freneticos deante dos mais fortes, dos vencedores, dos vitoriosos, das ditaduras, da violencia.

De tudo quanto surge dos escombros, resta apenas, e é muito, a possibilidade individual.

Para terminar, lembro-me da palavra nobre e forte e anonima da mais admiravel mentalidade máscula revolucionaria que até hoje me foi dado conhecer pessoalmente, a do meu querido e grande amigo A. Néblind, agricultor, ao ler uma das minhas cronicas sobre o tema.

A verdadeira escola da "Nova Oportunidade" não é a utilização das vitimas do industrialismo — os mutilados da guerra — porem, são as transformações sociaes que, pondo em valor as energias adormecidas pelo parasitismo, despertando, no individuo, a noção da dignidade humana, lhe gritam bem no amago da conciencia: são e forte, não posso ser um fardo para a grande familia humana; devo ganhar o pão com o suor da minha fronte.

Porque, a expressão biblica: tú ganharás o pão com o suór de tua fronte — fica muito bem, adapta-se admiravelmente á boca dos padres que o comem á custa do suór alheio . . .

Só quando cada qual ganhar o seu pão com o trabalho manual necessario e util á colectividade e é sua conservação pessoal — serão evitadas as guerras e as escolas burguêsas da "Nova Oportunidade", que criam e lançam no mercado do trabalho, a mão de obra cuja exploração é mais facil.

E, assim, é acentuada a luta de classes e nóvas guerras se delineiam, cada vez mais ferozes, na competição comercial e na sordidez das ambições alevantadas, vorazmente, pelo progresso, pela civilização.

Carta aberta á Sra. Sergia F. Vidal, Presidente da "União Civica Radical" de La Plata, Provincia de Buenos-Aires.

A SOCIEDADE *MIGDAL* E O TRAFICO DAS BRANCAS

(Publicada em *"La Protesta"* de Buenos-Aires.)

Minha Senhora

Tenho em mãos duas cartas suas e os jornaes que teve a gentileza de me enviar, a proposito da perseguição e prisão de caftens israelitas e outros traficantes de mulheres, de nacionalidades diversas, — porque os ha em todos os paises, de todas as raças, de cada nacionalidade.

Peço-lhe perdão pelo fato de não poder ajudá-la e á *União Civica Radical* nessa "campanha de moralidade".

Nem mesmo me dirijo, conforme sua solicitação, á Sra. Bertha Lutz, representante ilustre e digna da Liga Internacional de Mulheres Iberica e Hispano Americanas, instalada em New-York com sucursaes em toda parte, nos paises civilizados.

Não, minha Senhora. Não posso proceder contra a minha conciencia.

Não sou, absolutamente, radical em cousa alguma, nem faço parte de nenhuma associação de mulheres burguêsas e, consequentemente, reacionarias.

Demais, toda "campanha moralizadora" me é antipatica por principio . . .

Ninguem moraliza sem o padre ou sem a policia, ou, pelo menos, sem a interessantissima policia de costumes.

E, para mim, é tão repugnante o papel da policia que eu jamais lhe denunciaria o maior dos bandidos, o mais cinico dos perversos, o mais degradante dos homens.

Faço imenso esforço interior para não julgar os atos de outrem e para me conhecer a mim mesma.

Chego a ter verdadeiro horror ao idolo da "moral", a causa de todos os crimes sociaes.

Interpôr minha "influencia" (engana-se, minha Senhora . . .) "ante as autoridades do Brasil, afim de que redobre de vigilancia nos portos de embarque e desembarque e apanhe os tenebrosos"?

Eu? minha Senhora!

Si, como preliminar, sou contra o principio de autoridade?

Roga-me que felicite, em nome da Mulher Brasileira, ao Dr. Manuel Rodrigues Ocampo, juiz Argentino, pela sua "ação valorosa e justiceira" contra a Sociedade Israelita Migdal, inculpada do trafico de brancas.

Não, minha Senhora. Não posso.

De ha muito me preocupa o problema doloroso da prostituição. Estudei-o sob todos os aspectos, na sua historia e na sua psicologia social, e até, com Bernard Shaw e outros iconoclastas do moraliteismo, na sua profunda filosofia.

Não sei, minha Senhora, si conhece "A Profissão de Mrs. Warren". Acho que não. Si tivesse meditado na ironia amargurada de Bernand Shaw ao descrever o tipo dessa caftina, não cuidava mais de campanhas moralizadoras e iria direito á causa para buscar a solução para os efeitos, si possivel...

Vejamos, minha Senhora, apenas um trecho dessa comedia do grande psicologo.

Mrs. Warren é socia de um nobre, e, são seus acionarios e clientes, minha Senhora, como o são de todos os caftens e caftinas — juizes e reis, magistrados e nobres, capitalistas e clerigos de alta linhagem hierarquica, almirantes e generaes, chefes de policia e banqueiros — todas as altas patentes militares, todos os grandes estadistas e embaixadores, todos os diplomatas e todos os reis do dollar.

Está certa, minha Senhora, de que o juiz argentino nunca tenha penetrado os portaes de uma casa de prostituição?

Que são os hoteis elegantes de todas as praias e grandes cidades, senão casas de "rendez-vous" da "gente honesta" e da "alta" e da "boa" sociedade?

A moral burguêsa, minha Senhora, ensina os homens a defender, de unhas e dentes, cada qual, o seu lar e a sua familia e a proceder como salteadores no lar das outras familias. Salve-se quem puder . . . Otelo em casa, Don Juan em casa dos amigos.

E a questão da moralidade depende dos haveres.

Não sei quem disse que a alta burguesia ou a classe rica está para além da moralidade, e a classe operaria ou dos pobres, áquem da moralidade. Quem sustenta o edificio carcomido da moral social é a classe media.

Tudo isso é por demais longo para uma carta apenas. Paciencia. Esbocemos a farça em poucas linhas. E voltemos a Mrs. Warren.

Começou a vida sendo explorada. Depois, inteligente, aprendeu a explorar. Ficou rica. Teve uma filha. Sonhou fazer dela "grande dama-alta-sociedade". Era facil. Tinha haveres. Educou-a com as moças da alta linhagem em um colegio caro e elegante.

Vivie, quando compreende a situação de sua mão, sente desprezo. Sente asco e humilhação. O seu orgulho de "mulher educada", de mulher honesta, se revolta. Vejamos, em linhas geraes, o dialogo entre mãe e filha: Mrs. Warren sente-se magoada e ofendida.

— *A Senhora Warren.* — Minhas proprias opiniões! Minha maneira propria de viver! . . . Dá gosto ouvir como falas! Acreditas que fui criada como tu? Como podia escolher a minha maneira propria de vida? Crês que o que eu fazia era por-

que me agradava ou porque eu pensasse que estava bem? Acreditas que eu não houvera preferido ir ao colegio e ser uma dama distinta, tendo os meios para isso?

— *Vivie.* — Todo mundo póde fazer alguma escolha,mãe. A moça mais pobre não póde escolher entre ser rainha da Inglaterra ou diretora de escola; porem, segundo o seu gosto, pode escolher entre a profissão de trapeira ou florista. As pessoas acusam sempre as circunstancias. Não creio nas circunstancias. As criaturas que medram neste mundo são as que madrugam e buscam as circunstancias de que necessitam, e, quando não as encontram, criam-nas.

— *A Senhora Warren.* — Sim, sim! muito facil é falar, muito facil, não é verdade? Ouça! Gostarias de conhecer quaes foram as minhas circunstancias, como dizes?

— *Vivie.* — Sim;farias bem em m'as referir...

— *A Senhora Warren.* — ... Sabes quem era tua avó?

— *Vivie.* — Não.

— *A Senhora Warren.* — Não sabes, não é verdade? Eu o sei. Fazia-se passar por viuva e tinha um postozinho de pescados fritos perto da casa da

Moeda, de cujo ganho viviamos, ela e suas quatro filhas. Duas de nós, eram irmãs do mesmo pae: Elisa e eu. As duas eramos bonitas e bem formadas. Suponho que meu pae seria um homem que se nutrisse bem. Mamãe pretendia que era um senhor; eu, porem, o ignoro. As outras duas, nossas irmãs pela metade, eram umas pobres criaturas com o aspecto de famintos, pequenas e feias, porem resistentes para o trabalho e mui honestas. Elisa e eu batiamos muito nelas, e não fossem as surras que nossa mãe nos dava para livrá-las de nós outras, e mais de uma vez as teriamos deixado quasi sem vida. E' que elas eram os membros respeitaveis da familia! Pois bem: interessa-te saber o que conseguiram com sua respeitabilidade? Vou-te dizer. Uma trabalhou doze horas por dia em uma fabrica de alvaiade, para ganhar nove chilins por semana, até o dia em que se convenceu de que o chumbo a havia envenenado. Pobre! Acreditava salvar-se com uma leve paralisia das mãos, e morreu. A' outra, citavam sempre como modelo, porque se casára com um empregado publico e conseguia manter limpos e bem cuidados sua moradia e seus tres pequenos, com dezoito chilins semanaes. Por desgraça, isso durou só até o dia em que ele se entregou á be-

bida. Merecia a pena ser honrada para chegar a isso, não é verdade?

— *Vivie.* — (Cheia agora de atenção pensativa.) Acreditavas? Elisa o acreditava?

— *A Senhora Warren.* — Elisa não acreditava, posso-te assegurar. Tinha muito bom senso para tal. As duas iamos a uma escola congregacionista, o que contribuia para que tomassemos ares de parecer superiores aos meninos que nada sabiam nem iam a parte alguma; ali ficamos até que Elisa, uma noite, desapareceu e não mais voltou. A professora pensava que eu seguiria o seu exemplo, e o pastor, querendo evitá-lo, me dizia, sem tréguas, que o fim de Elisa seria atirar-se ao rio. Pobre idiota! Era tudo quanto sabia disso. Eu, porem, temia mais a fabrica de alvaiade que a agua do rio, o mesmo terias pensado em meu lugar. Esse pastor me conseguiu um emprego de criada de cozinha em um restaurante de temperança, no qual se mandava buscar alcool quando os clientes o exigiam. Logo passei a criada de serviço e empregada em um bar da estação de Waterloo . . . onde expedia licores e lavava copos durante quatorze horas no dia, por quatro chilins por semana e a comida. Era um importante acesso, não é verdade? Uma

noite, porem, muito triste e muito fria, estando tão cansada que apenas me podia manter desperta, a quem, não adivinhas, a quem vi entrar no bar para pedir um chope? . . . Elisa, coberta com um grande manto de peles, elegante e confortavel, e levando na mão uma bolsa repleta de moedas de ouro.

— *Vivie.* — (Sarcasticamente.) Minha tia Elisa!

— *A Senhora Warren.* — Sim; e é uma tia como convem ter, asseguro-te. Agora habita em Winchester, perto da catedral, e é uma das damas mais respeitaveis da cidade. Acompanha as jovens aos bailes do condado . . . Já não ha temor do rio para Elisa, graças a Deus . . ."

. . . . . .

"Acreditas que eramos bastante idiotas para permitir que outros explorassem a nossa boa presença, empregando-nos como vendedoras ou em qualidade de camareiras, podendo nós mesmas aproveita-la e receber todos os seus beneficios, em vez de salarios de fome?"

. . . . . .

Em que outro oficio pode uma mulher economizar dinheiro?

. . . . . .

Qual é o fim da educação de uma mulher de boa familia, senão seduzir a um homem rico e assegurar-se o desfrute da sua fortuna, casando-se com ele? . . . Como si a ceremonia do casamento pudesse estabelecer uma diferença entre o bom ou o mau que encerra um mesma ato!

. . . . . .

"E' o melhor oficio, entre todos os que nos são accessiveis. E' injusto, é certo. Si os homens organizaram assim o mundo para as mulheres, não podemos pretender que tenham feito de outro modo.

. . . . . .

" . . . as moças eram bem cuidadas. Algumas delas se sairam bem; uma se casou, com um embaixador."

. . . . . .

Seria interminavel a citação.

A ironia de Bernard Shaw queima como ferro em brasa a moral da gente honesta.

Sob outro aspecto, não estudado em Bernard Shaw e observado, escrupulosamente, nas pesquizas do grande sabio e medico francês — Parent-Duchâtelet — que dedicou os ultimos oito annos da sua vida humana a angariar dados estatisticos e observações pessoaes para estudar profundamente

o problema da prostituição, — sob outro aspecto, depois de Parent-Duchâtelet haver estudado as doenças venereas das prostitutas e todas as doenças a que estão sujeitas as meretrizes, chega á conclusão o eminente cientista de que a sua maneira de viver, apesar de toda a intemperança, embora se exponham a todas as doenças contagiosas e ás inclemencias do tempo, á vida desregrada, "afinal de contas é muito mais saudavel que a das costureiras e das outras mulheres que teem ocupações sedentarias". Declara que essa conclusão é "triste e sorpreendente", mas, é a realidade; o que quer dizer que a vida das costureiras, por exemplo, "é mais contraria á natureza do que a das prostitutas."

E acrescenta Drysdale: "Uma vida em que ha movimento, exercicio sexual, o descanso, a bôa alimentação, e a variedade, é evidentemente mais saudavel, e portanto, no ponto de vista fisico, mais virtuosa que o constrangimento, o trabalho prolongado e o torpor animal a que são condenadas as nossas pobres costureiras."

E continúa: "Sem o habito de beber, as prostitutas estariam livres de uma grande parte da ruina fisica e moral que acompanha o seu modo de vida.

E' verdade que os seus máus efeitos não se manifestam tão depressa como nas pessoas que trabalham fortemente (sobretudo em ocupações sedentarias, essa peste da civilização), e que, ao mesmo tempo, bebem muito."

E o Dr. Acton tambem confirma: "Todos os observadores estarão de acordo comigo em testemunhar que nenhuma classe de mulheres é tão isenta de doenças geraes como as prostitutas."

Isso não é o elogio da prostituição, mas, sob o ponto de vista fisico, fóra do codigo da moral contra a natureza, é a prova de que a prostituição — que representa o exercicio sexual, necessario á harmonia organica — está acima do estado de *solteirona,* em que ha o constrangimento moral da familia e da sociedade, alem do "*pecado fisiologico*", e, acima do estado de mãe de familia proletaria e pequena burguêsa, em que uma escravidão terrivel ao homem, á prole infinita e ao trabalho forçado a inutiliza fisica e moralmente, baixando-a á categoria de animal de tiro e maquina de procrear a serviço do homem.

A conclusão é que se impõe uma educação sexual livre, a emancipação feminina — para que a mulher só tenha filhos quando quizer e nunca

constrangida, e se liberte do idolo da familia, para viver a liberdade de amar — fora dos codigos e dos dogmas religiosos e sociaes.

Enquanto toda mulher não fôr absolutamente livre de amar, haverá o comercio do lenocinio, pois que, acima de tudo, a natureza exige as relações sexuaes.

Depois: enquanto a familia fôr esse reduto falsificado da virtude, a coluna central do direito de propriedade no regimen burguês capitalista — será indispensavel o exercito da prostituição — para salvaguardar a pureza da sacratissima instituição da familia — abençoada pela Igreja e selada pelo Estado.

Assim, honra, inocencia, virgindade, virtude, honestidade, todos esses idolos sangrentos defensores do instinto de propriedade no regimen burguês capitalista, postados em altares no templo da familia — nada mais são do que o simbolo da moral do caftismo social.

Representam a superstição, a rotina, a ignorancia, o amordaçar da razão pela perversidade organizada da Igreja, afim de que o Estado mais facilmente se apodére da prêsa inerme, inconciente, e dela faça o joguete das ambições dos poderosos,

os "superelefantes" da autoridade temporal e espiritual.

"O produto é dividido pelos dois ladrões" . . .

Certo, a profissão oficial de explorador de mulheres deveria ser apenas accessivel á mulher . . .

Assim como a prostituição é o exercito branco do Estado e da Moral, arregimentado para o serviço dos homens, indispensavel, como o exercito armado, para a manutenção da ordem social e para a defesa do lar e da familia; assim como o Estado recebe o imposto dos prostibulos, dos "Cabarets", dos bailes e dos "rendez-vous" organizados pelos caftens ---- que são os empresarios dessa tragedia ---- cargo honroso do mesmo modo que é honroso ser organizador das olimpiadas ou empresario de grandes teatros, ou acionista, como Rockfeller, das imensas usinas de material belico; a profissão de caften e de caftina é uma necessidade do Estado burguês e é incoerente essa perseguição movida pelos senhores de beca, sotaina ou espada contra o comercio do lenocinio. Que seria dos homens, si essa cousa não estivesse tão bem organizada internacionalmente?

Ha uma internacional armamentista. Ha uma internacional da diplomacia secreta. Ha uma internacional do caftismo. São troncos da arvore Estatal e Moraliteista.

E quanta conciencia livre o sabe e o descreve!

Que diferença ha, minha Senhora, entre a profissão do caften e a do grande industrial que envenena os produtos alimenticios e assassina a crianças e a adultos indefesos? — Porque o Estado, hoje, é propriedade do capital.

Que diferença ha, minha Senhora, entre a profissão do caften e a dos lords e nobres e banqueiros acionistas das usinas de armas de guerra, chacaes que se nutrem dos campos de batalha, caftens no grande mercado do genero humano?

Está bem segura, minha Senhora, de que o crime dos caftens é maior do que o daqueles que lhes pagam o preço da carne feminina?

Está bem certa, minha Senhora, de que um ato praticado por dois individuos de sexo oposto, avilta a mulher e é natural para o homem?

Está convencida, minha Senhora, de que a profissão de prostituta — absolutamente indispensavel á harmonia desta admiravel organização social — é mais degradante do que a dos histriões que se dizem representantes de Deus na terra — para

sufocar a razão humana e dominar pela astucia e pela covardia?

E, que é o casamento, senão a prostituição santificada pela Igreja e selada pelo Estado?

Está segura de que os Alexandres e Napoleões e Mussolinis — "himalaias de infamias" — sejam superiores, na sua profissão de magarefes, aos exploradores de mulheres?

Está certa de que, si não houvesse caftens, não haveria exploração feminina?

Abra Lachatre, minha Senhora, no capitulo em que fala de Pio V. Verá que o Santo Padre fez uma lei contra as prostitutas e verá tambem que os eclesiasticos se opuseram á sua execução, apresentando ao Papa a objeção séria de que as 45.000 rameiras que havia em Roma eram necessarias ao serviço do clero.

São os "tubarões" das finanças, da moral e do poder que teem necessidade do caftismo organizado.

Talvez não saiba, minha Senhora, que, quando um alto personagem do mundo politico visita uma nação, o rei, o primeiro ministro, o presidente da republica ou o embaixador — em carater oficial — é dever cavalheiresco dessa Nação pôr

á disposição do hospede uma mulher prostituta de alta linhagem social, afim de que todos os seus prazeres sejam satisfeitos integralmente. E essa prostituta, que ganha rios de dinheiro, geralmente é . . . uma senhora honesta . . . da alta sociedade . . . casada com um estadista, com um intelectual notavel, cuja carreira triunfal muito deve aos seus dotes de espirito . . .

Isso quer dizer que ha um caftismo elegante do Estado, anexo á diplomacia secreta.

Ninguem dirá, aí, que seja a luta pela vida.

Não, minha Senhora: razões de Estado.

A prostituição é o exercito salvador da moral, da Igreja, e dos bons costumes.

E como denunciar a um, dois ou tres caftens profissionaes — si toda a civilização unisexual é feita para o prazer do homem e para a exploração miseravel da mulher?

Sabe, minha Senhora, dos nomes de grandes estadistas e diplomatas e juizes encontrados mortos ou retirados mortos de casas de prostituição? Eu poderia citar dezenas, mas seria alongar por demais uma carta, já por demais extensa.

Leia, minha Senhora, a "Historia da Prostituição" de Dufour, e se convencerá de que, dentro

da sociedade burguêsa capitalista e em um regimen em que a mulher é obrigada a guardar a virgindade do corpo para, com ela, comprar um marido; em um regimen social em que tudo se compra e vende e o amor tambem obedece á lei da oferta e da procura — a prostituição é uma necessidade e a salvaguarda da honra da sacratissima instituição da familia. E o caften é o honesto explorador e empresario desse rendoso comercio anexo ao Estado.

Verá que a prostituição das rotulas e das calçadas é a luta contra a miseria e é o unico caminho apontado á mulher pela sociedade, moraliteista e piedosa, si ela, por descuido ou por amor, perdeu a virgindade, tendo de lutar a braços com a fome e a nudez.

Enquanto a mulher não for dona do seu proprio corpo, haverá a prostituição e, consequentemente, o caftismo profissional e o caftismo oficial, protegido pela tiara, pela beca e pela espada e pelo cofre forte dos "tubarões das finanças."

Tudo isso está admiravelmente definido na celebre frase de Bakounine:

"O padre, que representa Deus, embrutece o cerebro, para que o soldado, que representa o rei,

tiranise o corpo. E o produto do roubo é dividido entre os dois ladrões." ("Deus e o Estado".)

Sabe, minha Senhora, a meu vêr, qual o mais belo programa de Amor, de Beleza e de Bondade para as reivindicações femininas? — *a não-cooperação com o Estado e com a Religião,* a suprema resistencia a todas as forças reacionarias, a desobediencia civil e a não-violencia heroica, disposta a tudo para defender a Liberdade contra a Autoridade.

São as filhas do proletariado, são as mulheres obrigadas a ir para a rua ganhar o pão, as que servem nesse imenso exercito de outra especie de não-violencia, exercito da resignação passiva, heroicas, renunciando á familia e á sociedade, como colunas na defesa da honra, da virtude, da virgindade, da honestidade, da pureza (!) da familia burguêsa, das meninas "bem educadas" nos "Sion" ou nos "Sacré-Cœur."

As burguêsas honestas, da "bôa" e da "alta" sociedade, as mulheres parasitas não podem dissertar em torno de questões de moral ou dos bons costumes. Acobertadas da prostituição pelo formidavel exercito das sacrificadas, alistadas nas fileiras do proletariado ou da pequena burguesia, as mulhe-

res burguêsas falam pela boca do padre ou pelo Codigo do Estado. E Bakounine já os definiu a ambos, classificando-os abaixo dos caftens... seus cumplices e asseclas assalariados pela moral, pela lei e pelos bons costumes.

Perdão, minha Senhora, si não dei cumprimento ás suas ordens.

Fraternalmente,

Maria Lacerda de Moura

Brasil. São Paulo. Julho de 1930.

"CARPE HORAM"

Georges de La Fouchardière, no seu livro admiravel de graça e deliciosa ironia — "Didi, Niquette & Cie." — lembra-nos o conto oriental em que um principe indiano riquissimo quis recompensar ao extrangeiro que lhe salvara a filha.

E' a Lenda do Circuito da Hora.

— "Prends le plus rapide de mes chevaux et galope pendant une heure dans mon royaume. Tout ce qui sera compris dans le cercle décrit par le galop de ton cheval t'appartiendra. Mais ne reste pas absent plus d'une heure. Si tu n'es pas revenu au bout d'une heure tu n'auras rien du tout."

Assim falou o principe.

O extrangeiro saíu a galope.

No primeiro dia voltou duas horas depois.

Perdera. O principe, porem, poderoso e reconhecido, deixou que recomeçasse no dia seguinte. No oitavo dia, o viajante, fatigado, deitou-se debaixo de uma arvore e adormeceu durante cinco

minutos, tempo suficiente para o cavalo passear só e fechar dentro do circulo a propria filha do sultão. Foi assim que o extrangeiro se casou com a princesa e herdou todo o reino.

Gosemos a hora presente, a hora que passa — é a conclusão do conto oriental.

Mas, a nossa cupidez é desmedida e todas as desgraças nos vem de querermos correr atrás da felicidade . . .

Caminhamos sempre em busca do que está proximo de nós mesmos e as horas se escôam e os dias se passam sem que tenhamos tempo de aspirar o perfume da vida na propria estrada percorrida pela nossa ambição insaciavel atrás de cousas que nos parecem tão distantes, e, tão ao nosso alcance, si nos demorassemos o momento preciso para colher a hora presente.

São os nossos desejos excessivos, é a nossa avareza que faz o tédio da vida, a amargura dos nossos instantes de recolhimento, maquinas de correr, triturantes, irritaveis, dispersadores de energias extraordinarias, incalculaveis, — para que?

Todo o delirio de progresso da civilização industrial tem por fim encher os cofres fortes dos reis das forjas e do poder, fomentar as guerras de

competição comercial, aumentar os impostos e sustentar os paes da Patria dos histriões politicos. Estamos fartos de o saber e de o repetir.

Duas necessidades predominantes movimentam todo o genero humano numa correria de loucos que nos faz lembrar a magistral parabola dos "Laboriosos" do nosso grande Han Ryner.

Somos movidos por milhões de mãosinhas que nos obrigam a uma atividade fantastica, inacreditavel — para que? — para comer e para amar, na accepção fisiologica.

Para duas cousas tão simples, tão naturaes, não era preciso correr tanto.

Os animaes e os bohemios no-lo asseguram...

Mas, complicamos de tal modo o instinto de nutrição, fizemos a cozinha tão cara e tão dificil a ponto de nos empenharmos no servilismo de uma escravidão voluntaria, implacavel nas suas exigencias de fogo eterno.

E o habito inveterado completa o quadro.

E para essa cozinha tremenda no disperdicio de forças sem conta, empregadas no fabríco de drogas nocivas para envenenar o genero humano na concorrencia do preço módico; para essa cozinha sempre insatisfeita, insaciavel na faina de levar ao

requinte a "educação" do paladar de clientes conhecedores de aperitivos de toda especie — para avivar o sabor deturpado pelo alcool, pelo fumo, pelas visceras queimadas nas digestões laboriosas dos venenos das conservas e acepipes variados; para a cozinha dos civilizados contribúe toda a atividade humana, ou melhor, a atividade de todo o genero humano está exclusivamente voltada para as visceras.

E' até simbolica e caracteristica a atitude dos burguêses ricos, banqueiros e politicos avançados em anos a amparar, com ambas as mãos, o ventre proeminente — atravessado pela corrente do relogio e a competente medalha de brilhantes . . . por sobre as visceras.

Cochilam, pesados, a digestão dificil, toda a carne congestionada, apopletica de imbecilidade e covardia, de avareza e inconciencia.

São apenas visceras.

Toda essa multidão que se acotovela nas ruas, que se abalrôa nas casas de loteria, que se atropela nos cafés, que toma de assalto os bondes, todas essas caras suadas, essas fisionomias exaustas, todo esse tédio de horas marcadas a relogio, toda essa loucura de correr, esse delirio de achar lugar, toda gente vôa — para satisfazer o instinto de nutrição

e a chamada "necessidade" da multiplicação da especie.

Coitada da especie! . . .

E ninguem consegue senão o desgosto de não achar o que procurava.

Todos se desiludem, mas, toca a correr outra vez e tantas vezes quantos são os dias do ano e tantas vezes quantas sejam as desilusões a amargurarem o momento anterior.

O amor (!) é comprado na prostituição ou satisfeito no casamento indissoluvel: só a palavra assusta como as geenas de uma prisão perpetua com trabalho forçado . . .

Que pavor duas criaturas se sentirem atreladas uma á outra, por força da lei ou das conveniencias sociaes, até que a liberdade venha com a morte de um dos conjuges.

Que perversidade inominavel!

São as cadeias de aço forjadas pelos proprios escravos — para o castigo imposto a si mesmos através da unica sociedade que a sua mente estreita e comprimida de prejuizos póde conceber.

E a correria avança. Inventam-se novas formulas de triturar o genero humano através do progresso material — simplesmente para matar a fome

e para satisfazer ao instinto sexual — outra forma de apetite.

Entretanto, o nosso organismo precisa de tão pouco para se nutrir e produzir trabalho e recuperar forças gastas no redemoinho das contingencias da vida humana.

Todavia, é preciso "empanturrar" as visceras até o excesso do artritismo, da gota, da diabetes, das indigestões e dispepsias herdadas ou adquiridas e remediamos o mal irremediavel com as panacéas de drogarias e com os diagnosticos errados dos medicos — tudo voracidade a viver do nosso estomago, das nossas visceras laceradas, dos nossos nervos em ferida viva através da atividade fantastica desta civilização de loucos a correr, a correr estupidamente para a morte.

E as horas se escoam invariaveis: todos procuram a liberação economica — para comer e para amar no sentido fisiologico.

Si tivessemos menos ambição e mais delicadeza para nos aproveitarmos da hora presente — quanta recordação agradavel, quanta beleza, quanta doçura, quanta generosidade, quanto perfume colheriamos da vida!

Mas, vestir, para parecer bem e "amar" mais facilmente . . .

Comer, comer, comer, comer sempre — por habito, por gulodice, por superstição, por ignorancia, por comodidade, por sensualismo.

Dinheiro, dinheiro, mais dinheiro — para os trapos, as joias, o automovel, a vida social, o carnaval, as ceiatas, o jogo, o gozo, o alcool, cortesãs, situações invejaveis — para comer e amar . . .

Comer e amar no sentido vulgarissimo.

Nada satisfaz. A avançada continúa ininterrupta, em uma voracidade assombrosa pela civilização a dentro, atropelando por todos os lados, criando vicios, regulamentando a prostituição "necessaria" para saciar a fome dos moraliteistas defensores da "sagrada instituição da familia" e compradores da carne feminina das familias dos outros.

E as pobres mulheres tambem se vendem para comer, depois de se haverem "perdido" . . . para amar . . .

E a "vida alegre" (triste ironia!) acaba por leva-las á repugnancia dessa "profissão necessaria", absolutamente necessaria á moral social dos castos e dos santos puritanos, e tão indispensavel á pureza da sacratissima instituição da familia que, por

isso mesmo, é tratada pelos "bons costumes" a tacões de botas e desprezada pelos famintos que não podem prescindir dessa necessidade implacavel e natural.

E os frequentadores das casas publicas "dizem" que sentem repugnancia desse meio de satisfazer as suas "necessidades" para as quaes não sabem de outros processos mais razoaveis e mais humanos.

E a grande maioria é dos casados . . . Otelo nos seus lares e Don Juan nos lares alheios.

O casamento, embora respeitada a himenolatria e as flores de laranja, tambem falhou.

Todos insatisfeitos.

E ninguem sabe a razão por que nos envolvemos em toda essa teia forte, de tantas miserias sociaes.

Rotineiros, embrutecidos pela civilização industrial, maquinas de correr, os "Laboriòsos" da parabola — não temos tempo para comer e amar sossegadamente . . .

E' comer ás pressas e satisfazer a necessidade do instinto sexual voando, pulando assustados, o cercado alheio, para recomeçar indefinidamente a corrida vertiginosa.

Si nos deixassemos dormir cinco minutos á sombra da arvore da lenda oriental — quem sabe quanta felicidade nos adviria desse repouso prometedor a nos confortar o coração longe do ruido surdo, monotono, hostil, diabolico das maquinas triturantes desta civilização de idiotas a correr ofegantes para a morte.

Pobres que não conhecem a satisfação plena da sobriedade epicurista. Desgraçados que nunca souberam o que ha de divino no Amor, no puro e santo Amor desinteressado, ingenuo, simples, virgem, no Amor que não sabe de codigos nem de sacerdotes ou de proclamas, no Amor que ignora si ha leis ou sociedade, que não vive do sacrificio inaudito da prostituição, que não é exclusivista nem assassino, que não tem ciumes nem exigencias, que recebe o que se lhe dá e devolve centuplicada a oferta de outro coração.

Só a volta á natureza, a serenidade simples do campo, a sobriedade, nos dão ideia de que é possivel fugir da loucura coletiva da civilização industrial e sentir a alegria de viver.

Mas, dentro das cidades — esse amontoado de infamias, de vaidades, de amarguras, e de miserias — dentro dos grandes emporios da concorren-

cia comercial, quem corre tanto não tem sensibilidade para aurir o perfume dessa flor minuscula, exilada, transplantada, cultivada artificialmente na estufa social do caftismo das conciencias, estiolada por falta de liberdade — sol e ar —, secando, morrendo por incapacidade absoluta de se aclimatar no ambiente sufocante do mundo industrial de proxenetas do Sonho e arlequins do tartufismo.

INDICE

A CIENCIA A SERVIÇO DA DEGENERECENCIA HUMANA 9
VORONOFF. 21
AINDA VORONOFF 31
E VORONOFF DESCOBRIU O MACACO! 43
O PREMIO NOBEL DA PAZ 51
AS GUERRAS CIENTIFICAS 65
a) A Bacteriologia 67
b) A guerra dos insectos e parasitas 71
c) A guerra quimica 71
d) A Internacional do Armamento 77
e) O Escandalo Shearer 95
f) Depois da guerra 97
g) Acorrentar Prometeu 101
IBSEN E A ACADEMIA DE LETRAS 105
DOMESTICANDO 117
a) "O povo cego" 119
OS TRINTA DINHEIROS... 125
"O DRAGÃO E AS VIRGENS" 135
a) As "Ideias - Forças" 150
EVOE'! 161
"BÔA SORTN — CADEIA PERPETUA" 177
A ESCOLA DA "NOVA OPORTUNIDADE" 187
A SOCIEDADE MIGDAL E O TRAFICO DAS BRANCAS 205
"CARPE HORAM" 225